

COLÓQUIO INTERNACIONAL «MULHER, ESPAÇO PÚBLICO E DIÁLOGOS INTERCULTURAIS»

CITCEM – CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR «CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA»

Grupo de Investigação: «Literatura e Diálogos Interculturais»

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

FLUP
CASA DOS LIVROS

10-12 ABR 2025

COLÓQUIO INTERNACIONAL
MULHER
ESPAÇO PÚBLICO E
DIÁLOGOS INTERCULTURAIS



Imagem: Mucha, Alphonse. 1897. Flower (litografia). Postal do Mucha Museum, Praga.
Design: Maria Sofia Costa (CITCEM)

Colóquio Internacional

«Mulher, espaço público e diálogos interculturais»

Ao longo da História o processo de conquista do espaço público por parte das mulheres tem-se caracterizado pela sua lentidão e dificuldade. Sendo o presente bastante mais satisfatório e o futuro aparentemente mais promissor, não se pode negar que existem ainda zonas de penumbra que é preciso iluminar recorrendo a postulados críticos e teóricos legitimados, no sentido de continuarmos a avançar enquanto sociedade que, por um lado, valoriza o conhecimento da história e das realidades sociais e culturais de que somos herdeiros e, por outro, ambiciona construir um futuro mais inclusivo e partilhado.

Embora *a priori* possa parecer que, para além do género, não existe nada em comum entre uma freira europeia medieval, uma escritora latino-americana do século XIX e uma artista africana contemporânea, na verdade todas elas integram um espaço que ainda nos dias de hoje é considerado «diferencial» (Romiti, 2013): o da cultura produzida por mulheres enquanto sujeitos ativos da sociedade.

Acresce ainda que, durante séculos, o isolamento vivido pelas mulheres com inquietudes culturais, aliado à consequente falta de conhecimento da sua própria genealogia e tradição, bem como à escassez de referentes do seu género, provocou o enfraquecimento das forças comunicantes femininas que poderiam ter contribuído para o reconhecimento das suas produções, transferindo-as das regiões de invisibilidade por onde circularam para uma esfera pública mais legitimada ou até canonizada.

Por conseguinte, considerando como hipótese de partida que existe uma relação estreita entre os mecanismos de emancipação e acesso paulatino ao espaço público (político, intelectual, laboral, etc.) empregados pelas mulheres através dos séculos e a construção da identidade feminina, configurada de maneira mormente coletiva, torna-se necessário oferecer a partir da Academia uma visão panorâmica atualizada desta realidade cruzada que, adotando um enfoque diacrónico, diatópico e intercultural, revise o acesso histórico da mulher à cultura, enquanto sujeito «nómade, intensivo, múltiplo, corporizado» (Braidotti, 1994).

Nesse sentido, o grupo de investigação «Literatura e diálogos interculturais» do CITCEM organiza um colóquio a decorrer na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, nos dias 10-12 de abril de 2025. Com o marco teórico da geopolítica do

conhecimento como pano de fundo, o principal objetivo deste encontro científico é o de colocar o foco em tradições, filiações e redes culturais femininas historicamente marginadas, nomeadamente no triplo eixo geográfico África-Latino-América-Europa, fazendo emergir, assim, intertextualidades e diálogos muitas vezes silenciados. Como a análise deste cenário poliédrico reclama a realização de estudos comparados e sistémicos que favoreçam o desenvolvimento de novas perspetivas críticas, gostaríamos de receber propostas de comunicação provenientes das áreas científicas das Artes e Humanidades e das Ciências Sociais, dando particular destaque àquelas procedentes dos Estudos Literários, dos Estudos Culturais, dos Estudos Fílmicos, da História da Arte, da Sociologia, da Psicologia e da História.

LINHAS TEMÁTICAS

- Mulheres e criação artística na Idade Média, Moderna e Contemporânea
- Construção da identidade feminina: imagem e (auto)referencialidades
- Leitura, escrita, filosofia e espiritualidade feminina
- Mecenato cultural, produção artística e memória
- Redes culturais femininas, viagens e correspondência cruzada
- Profissionalização de escritoras, jornalistas e artistas
- Politização do coletivo feminino: exercício do poder político e militância
- Mulheres, transversalidades de género e identidade sexual

LÍNGUAS DO COLÓQUIO

Português, espanhol, francês e inglês

COMISSÃO ORGANIZADORA

Mirta Santos y Fernández (U. Porto/ CITCEM)

Pilar Nicolás Martínez (U. Porto/ CITCEM)

Francisco Topa (U. Porto/ CITCEM)

José Carlos Morais Teixeira (U. Porto/ CITCEM)

CONFERENCISTAS CONVIDADOS / CONFERENCIANTES INVITADOS

CONFERÊNCIA DIA 10 DE ABRIL

DE 15:00 A 16:00

SALA DE REUNIÕES 1 (PISO 2)

**«MODELOS COMPORTAMENTAIS FEMININOS NOS ALVORES DO
RENASCIMENTO IBÉRICO»**

MARIA DE LURDES CORREIA FERNANDES

Fez o seu percurso académico na FLUP desde 1982, onde ingressou como assistente estagiária. Doutorou-se em 1992, na especialidade de Cultura Portuguesa, com uma tese intitulada *Espelhos, cartas e Guias, Casamento e espiritualidade na Península Ibérica (1450-1700)* (editada em livro em 1995). Fez a Agregação em Culturas Portuguesa e Espanhola em 2004 e, a partir de 2005 até 2024, foi Professora Catedrática na mesma faculdade. É atualmente Professora Catedrática Aposentada da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Foi Presidente do instituto de Estudos Ibéricos e Diretora da revista *Península: Revista de Estudos Ibéricos* (2002-2008). É Investigadora integrada do Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto desde janeiro de 2022 e desempenhou diversos cargos de gestão: diretora da FLUP e Vice-Reitora da Universidade do Porto (2006-2014 e 2018-2021), entre outros.

É autora de diversos livros, capítulos de livros e artigos publicados no país e no estrangeiro, grande parte dos quais disponíveis no Repositório Aberto da Universidade do Porto e na *Researchgate*. Entre as publicações de temática feminina, podem referir-se:

- «Francisco de Monzón e a princesa cristã», in *Espiritualidade e Corte em Portugal*, Porto, 1993;
- «Viúvas ideais, viúvas reais. Modelos comportamentais e solidão feminina (séculos XVI-XVII)», *Faces de Eva*, 1-2 (1999);

- «A vida de Maria de Portugal, princesa de Parma: do texto ao comentário», in *D. Maria de Portugal princesa de Parma (1565-1577) e o seu tempo*, Porto, 1999;
- «Literatura moral e discursos jurídicos: em torno dos “privilégios” femininos no século XVI em Portugal», *Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas*, XVII (2000);
- «D. Maria, mulher de S. Manuel I: uma face esquecida da corte do Venturoso», *Revista da Faculdade de Letras – Línguas e literaturas*, 20 (2003);
- «Da casa ao palácio: a *Carta de Guia de Casados* de D. Francisco Manuel de Melo em Espanha do século XVIII», *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, nº 0 (2003);
- «Cartas de sátira e aviso: em torno dos folhetos *Malícia das Mulheres* e *Conselho para bem casar* de Baltasar Dias», *Península: Revista de Estudos Ibéricos* nº. 1, 2004, entre vários outros.

Mais recentemente publicou a obra *Cultura escrita, património documental e espiritualidade monástica feminina: a «livraria» do mosteiro de Arouca -séculos XV-XIX*, Húmus, 2023.

CONFERÊNCIA DIA 11 DE ABRIL

DE 17:30 A 18:30

ANFITEATRO NOBRE (PISO 0)

**«DAS POETAS ANDALUZAS (SÉCULOS XI E XII) A TERESA ANES DE TOLEDO
(SÉCULO XIV): VARIAÇÕES MULTICULTURAIS DE UM PERFIL DE GÉNERO NA
PENÍNSULA IBÉRICA»**

JOSÉ CARLOS RIBEIRO MIRANDA

(mirandajcr.prv@gmail.com)

Professor Catedrático Jubilado (em Julho de 2024) do Departamento de Estudos Portugueses e de Estudos Românicos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (DEPER/UP).

Fundador do SMELPS (*Seminário Medieval de Literatura, Pensamento e Sociedade*, R.G. do Instituto de Filosofia da FLUP

<https://ifilosofia.up.pt/proj/smelps/apresentacao>).

IP do grupo português do GDRE-AILP (*Groupement de Recherche Européen "Approche Interdisciplinaire des Logiques de Pouvoir dans les Sociétés Ibériques Médiévales"*), rede europeia de investigação do CNRS (Centre National da Recherche Scientifique – France, 2007-2012).

Co-IP do Projecto MELE: "Da memória escrita à leitura do espaço: Pedro de Barcelos e a identidade cultural do Norte de Portugal" (POCI-01-0145-FEDER-032673)

<https://pedrodebarcelos.wixsite.com/mele> (2018-2022).

Sócio de Honra da *Asociación Hispánica de Literatura Medieval*.

Presidente da Secção Hispânica da *International Arthurian Society*.

Áreas de especialização: Idade Média; Filologia; Literatura Comparada; História da Cultura; História Social da Nobreza.

UMA CENTENA DE PUBLICAÇÕES, ENTRE AS QUAIS OS SEGUINTE LIVRO:

- *Galaaz e a Ideologia da Linhagem*, Porto, Granito Editores & Livreiros, 1998, 215 p.
[ISBN: 972-97530-7-5]
- *A Demanda do Santo Graal e o Ciclo Arturiano da Vulgata*, Porto, Granito Editores & Livreiros, 1999, 287 p. [ISBN: ISBN 972-97530-6-7]
- *Aurs Mesclatz ab Argen. Sobre a primeira geração de trovadores galego-portugueses*, Porto, Edições Guarecer, 2004, 217 p. [ISBN: 972-9350-89-2]
- *Legitimação e Linhagem na Idade Média Peninsular. Homenagem a D. Pedro, Conde de Barcelos*, (org. com Georges Martin), Porto, Estratégias Criativas, 2012, 440 p.
[ISBN: 978-989-8459-13-8]
- *Estória do Santo Graal (Livro Português de José de Arimateia)*, Porto, Estratégias Criativas, 2016 [XXVI+391 pp.; ISBN: 978-989-8459-28-2]. (c/Laranjinha, Correia, Ailenii e Rabaçal).
- *Os trovadores e o Rapto de Elvira Anes da Maia*, 2ª edição, Porto, Estratégias Criativas, 2021 [70 p., ISBN: 978-989-8459-20-6]
- *Pedro de Barcelos: Pensar Portugal Antes do Império*, Porto, Estratégias Criativas, 2023 (c/M. R Ferreira e J. P. M. Ferreira).

CONFERÊNCIA DIA 12 DE ABRIL

DE 10:30 A 11:00

SALA DE REUNIÕES 1 (PISO 2)

**«MULHERES SECANTES E TANGENTES (A PROPÓSITO DA TRILOGIA
MAGREBINA DE CRISTINA ROBALO CORDEIRO)»**

MARIA DE FÁTIMA MARINHO

Professora Emérita da Universidade do Porto. Professora Catedrática da FLUP (jubilou-se em fevereiro de 2024); Vice-Reitora da Universidade do Porto (2014-18) e Diretora da FLUP (2010-2014); Membro do Conselho de Administração da International Association of Universities (2016-2022); Perita do Haut Conseil pour l'Évaluation de la Recherche et de l'Enseignement Supérieur – França (2017); Membro do painel da A3Es na avaliação Institucional da Universidade de Lisboa (2018); avaliadora da FCT; membro da Sociedade Civil na Cimeira Duas Margens, a convite do Ministério dos Negócios Estrangeiros (2019-2022); foi condecorada pelo Governo Francês com o grau de Officier de l'Ordre des Palmes Académiques (Nov. 2015); recebeu a medalha de ouro da FLUP (Fev. 2024) e foi condecorada com a medalha de mérito grau ouro da Câmara Municipal do Porto (Julho 2024). Participou em inúmeros congressos e fez conferências e/ou cursos em várias Universidades (portuguesas e estrangeiras). Tem inúmeras publicações, centrando-se a sua atividade nos estudos dos séculos XIX-XXI: poesia, romance, romance histórico.

OBRAS PRINCIPAIS:

- (2022). *Camilo Castelo Branco e a Atração dos Abismos*. Vila Nova de Famalicão: Estudos Camilianos 14. Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão. Casa de Camilo. Centro de Estudos Camilianos
- (2009). *A Lição de Blimunda – A propósito de* Memorial do Convento. Coleção Saberes Plurais. Porto: Areal Editores (126 pp.)

- (2008). *History and Myth – The Presence of National Myths in Portuguese Literature*.
Munique: Martin Meidenbauer Verlagsbuchhandlung (343 pp.)
- (2007). *O Sonho de Aljubarrota*. Aljubarrota: Fundação Batalha de Aljubarrota (77 pp.)
- (2005). *Um Poço sem Fundo – Novas Reflexões sobre Literatura e História*. Porto: Campo das Letras (453 pp.)
- (2002). *História da Literatura Portuguesa – As Correntes Contemporâneas*. Vol. 7 (dir. de, em colaboração com Óscar Lopes). Lisboa: Alfa
- (1999). *O Romance Histórico em Portugal*. Porto: Campo das Letras (349 pp.)
- (1989). *A Poesia Portuguesa nos meados do Século XX - Rupturas e Continuidades*.
Lisboa: Caminho, Col. Estudos de Literatura Portuguesa (265 pp.)
- (1987). *O Surrealismo em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Col. Temas Portugueses (739 pp.)
- (1982). *Herberto Helder, a Obra e o Homem*. Lisboa: Arcádia (263 pp.)

AUTORES E RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES

AUTORES Y RESÚMENES DE LAS COMUNICACIONES

ALEJANDRA GRICELL ACOSTA MOTA es investigadora postdoctoral Catalina Ruiz en el Departamento de Filología Española de la Universidad de La Laguna (Canarias, España) e investigadora visitante en el Centre de Recherche sur les Identités, les Nations et l'Interculturalité de Nantes Université (Francia) con un proyecto sobre los viajes de ida y vuelta, entre Europa y América, de las representaciones poéticas del poder femenino en las cortes monárquicas, tomando como caso de estudio la obra de Sor Juana Inés de la Cruz. Su tesis doctoral, titulada “La autoría en la imaginación literaria”, explora la representación de la autoría femenina como discurso crítico del modelo institucional del “autor moderno”. También ha presentado en diversos eventos científicos y cursos de extensión universitaria, así como en revistas científicas, sus investigaciones sobre los condicionamientos socioculturales de las imágenes públicas de las escritoras iberoamericanas.

TÍTULO DE LA COMUNICACIÓN: «Sor Juana Inés de la Cruz: una autora trasatlántica entre Canarias y América»

RESUMEN: Sor Juana Inés de la Cruz fue una de las primeras mujeres de la España virreinal que logró reconocimiento público en ambos lados del Atlántico por su escritura y trayectoria intelectual. La proyección de su figura se sostuvo, además de en una extraordinaria producción literaria y en la sólida red clientelar que construyó como poeta de la corte, en la recepción crítica, algunas veces controvertida pero nunca indiferente, de su obra. Podría decirse que la figura autorial de Sor Juana se forjó, desde los inicios de la difusión impresa de su obra hasta su definitiva canonización literaria, al calor del vaivén de ideas y libros que ha conectado a América y Europa durante siglos. Esta comunicación propone contextualizar la figura pública de la autora mexicana, teniendo en cuenta el importante papel que tuvo en su construcción la recepción crítica transatlántica, pero explorando una senda de investigación menos transitada, la que vincula la vincula con las Islas Canarias. El archipiélago canario constituyó un punto privilegiado de la España virreinal que conectó, con su ventajosa geografía, a las gentes de ambos continentes. En este sentido, conformó también un espacio intelectual que funcionó como verdadero puente transatlántico de ideas. ¿Cómo

se perfila la figura de Sor Juana en esta realidad de las redes socioculturales del Imperio español? A partir de esta pregunta revisaremos las conexiones pertinentes de la escritora con el archipiélago: la vinculación histórica de su ascendencia familiar y, más significativa, la temprana recepción de su poesía en las Islas. Esta cuestión es de interés central para nuestro estudio, puesto que es en Canarias donde se escribe el único comentario coetáneo hasta ahora conocido sobre *Primero Sueño: Ilustración al sueño de la décima musa mexicana*, del poeta palmero Pedro Álvarez de Lugo.

ALINE CRISTINA GABRIEL sou licenciada em Filosofia pela Universidade do Porto, tenho um mestrado em Estudos Interdisciplinares de Gênero pela Unidade de Salamanca com a premiação de melhor expediente e agora estou realizando um segundo mestrado em esta mesma Universidade em Estudos Avançados em Filosofia. Assisti diversos seminários e conferências, espanholas e internacionais em temas de gênero e em filosofia, como também realizei comunicações sobre os direitos da comunidade LGBTQI+ no contexto brasileiro na Universidade de Salamanca e participei de um seminário de estudos africanos na Universidade de Barcelona em este mês de janeiro/2025. Minhas principais linhas de investigações são: feminismo marxista, feminismo negro e decolonial, perspectiva feminista na educação, teoria crítica da educação, justiça epistemológica e política e moral.

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «Estereótipos e identidades formadas a partir das categorias de poder: o pensamento de Patricia Hill e o conceito de imagem de controle»

RESUMO: Do feminismo clássico aos feminismos do século XXI, há um entendimento de que a situação das mulheres não é fruto do acaso ou de manifestações esporádicas de exploração. Por outras palavras, o que emerge das várias teorias feministas é que as mulheres estão sujeitas a um sistema estruturado de opressão sob uma organização não só material mas também racional, que permite e justifica a sua posição de oprimidas. Esta breve exposição pretende dar alguns contributos, a partir de duas autoras feministas, sobre a forma como as estruturas de dominação e a relação opressor-oprimido influenciam diretamente a formação da identidade individual e colectiva, podendo, por isso, condicionar a permanência de uma estrutura discriminatória e desigual. Os feminismos negros, de cor, latino-americanos e decoloniais têm observado como a relação entre as categorias de poder não só influencia a composição de uma hierarquia desigual, na qual as mulheres não-brancas estão na base dessa pirâmide, como também contribui para

a justificação continuada dessa desigualdade. Entre as consequências desta estrutura, Patricia Hill Collins (2019) identifica os estereótipos produzidos em relação às mulheres afro-americanas, que, para além de condicionarem a sua vida material, condicionam também a sua construção enquanto sujeitos, ou seja, as suas identidades. Assim, para compreendermos os impactos que estes estereótipos podem causar, iremos recuperar o conceito de imagem de controlo de Collins (2019). Por outro lado, através da pesquisa de Lélia González (2020), é possível compreender algumas características dos estereótipos projetados sobre as mulheres afro-brasileiras e as consequências negativas que podem estar associadas a eles. Considerando a convergência desses teóricos, podemos entender como os estereótipos podem influenciar a vida das mulheres africanas a partir da projeção de preconceitos por meio da dominação do homem branco ocidental.

ALINE LEÃO DO NASCIMENTO. Doutoranda em Teoria e História Literária no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, onde estuda a recepção portuguesa do poeta brasileiro Murilo Mendes, e mestre em Letras pela Universidade Federal de São Paulo. Atualmente realiza estágio de pesquisa em Portugal com período de mobilidade na Universidade do Porto (financiamento FAPESP 2024/10415-8).

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «Poetas brasileiras atravessam o Atlântico»

RESUMO: A presença de poemas escritos por brasileiras em páginas de revistas e de antologias organizadas por portugueses indica ter havido alguma atenção à produção de autoria feminina no Brasil entre os anos 30 e 40 do século 20, contexto político-cultural de forte intercâmbio luso-brasileiro. A participação de Cecília Meireles, Adalgisa Nery, Oneyda Alvarenga, Gilka Machado, Julieta Barbara, Henriqueta Lisboa, dentre outras, em revistas e antologias portuguesas tornava expressiva a atividade literária desempenhada por mulheres no quadro da literatura nacional e internacional. Seus poemas não só eram reproduzidos nas edições, como também eram comentados em ensaios, resenhas e conferências. Tendo isso em vista, pretende-se destacar, por um lado, a circulação da obra das escritoras brasileiras no contexto referido e, por outro, inquirir acerca de que imagem de poesia brasileira escrita por mulheres brasileiras os leitores portugueses estavam a definir.

AMBRA PINELLO (Universidad de Palermo) se doctoró en Estudios Literarios, Lingüísticos e Histórico-culturales en la Universidad de Palermo y actualmente es Profesora Ayudante Doctora en la misma universidad. Sus principales líneas de investigación son la poesía y la novela españolas contemporáneas, la traducción literaria y las relaciones entre cultura, prensa y poder, con especial atención a la percepción mediática de la mujer. Entre las últimas publicaciones, el libro *Scrittura letteraria e stampa di regime nella rivista bilingue italo-spagnola* Legioni e Falangi/Legiones y Falanges (1940-1943) y los artículos, en revista y en volumen, “Gloria Fuertes: sconfinare”, “Halma Angélico en la revista *Cultura Integral y Femenina*. Prensa, paradigmas culturales y emancipación intelectual de las mujeres”, “Identidades desterradas. Orio Vergani y sus figuras femeninas en la prensa del régimen”, entre otros. Desde 2016, es miembro y secretaria de la red internacional Memità (Memoria, Identidad & Media Studies) y forma parte del grupo de Investigación de la Universidad Complutense de Madrid sobre “Estudios Literarios y Culturales y Estudios de Género”.

TÍTULO DE LA COMUNICACIÓN: «Género y narrativas mediáticas: la evolución del imaginario femenino desde la prensa de la primera mitad del siglo XX a los espacios virtuales de la contemporaneidad»

RESUMEN: Los medios de comunicación se configuran como un sistema complejo de prácticas que influyen en la construcción de paradigmas culturales y en sus productos, así como en la representación social y colectiva de la realidad. La prensa de la primera mitad del siglo XX, no solo difunde noticias, sino que también moldea opiniones, refuerza estereotipos de género y legitima estructuras de poder que relegan a las mujeres a roles secundarios, promoviendo narraciones que consolidan normas patriarcales y mantienen la discriminación de género. Por tanto, el estudio crítico de los medios de comunicación de la época revela cómo éstos han sido instrumentos clave en la perpetuación de la desigualdad de género o, al revés, en el lento camino hacia su emancipación y participación plena en la sociedad. A través de un enfoque interdisciplinario que hunde sus raíces en la literatura y en los estudios culturales, se pretende analizar la narración de la mujer en la prensa española de la primera mitad del siglo XX, poniéndola en relación con el contexto de la nueva era de la comunicación digital y de la virtualidad, reflexionando sobre las continuidades y los cambios en las percepciones y representaciones de género a lo largo del tiempo. Se explorará, en este sentido, el

impacto que los imaginarios culturales propiciados por los medios de comunicación tienen en la construcción y negociación de la identidad femenina tanto en el pasado, como en la sociedad de la globalización y en los espacios virtuales del mundo digital contemporáneo.

ANA CLÁUDIA BARBOSA (Faculdade de Letras da Universidade do Porto) é licenciada em Estudos Portugueses e Lusófonos e encontra-se a concluir o mestrado em Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde também iniciou o seu doutoramento na mesma área. Com um percurso académico orientado pela Filosofia Feminista e os Estudos de Género, tem vindo a aprofundar questões relacionadas com estas áreas, que permanecem o seu foco principal de investigação e produção académica. Ana participou em diversos colóquios e congressos, nos quais apresentou comunicações que refletem a sua dedicação e contributo para a discussão crítica e interdisciplinar nestes campos de estudo.

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «O Divino Feminino: Estereótipos Seculares e Teológicos nas Redes Sociais»

RESUMO: Este trabalho visa investigar as tendências emergentes nas redes sociais, particularmente no que diz respeito às representações divinizadas das (pós)feminilidades. Utilizando uma abordagem que combina métodos digitais com a análise crítica do discurso feminista, esta pesquisa procura esclarecer e contextualizar o surgimento dessas manifestações dentro dos seus respetivos contextos históricos e contemporâneos. A análise abrangerá os discursos multimodais e as interações nas redes sociais, com um foco especial nas plataformas TikTok e Instagram. Serão exploradas as formas como essas (pós)feminilidades, muitas vezes obscuras e divinizadas, dialogam de maneira dialética com a episteme (pós)modernista e sua herança teológica proveniente do Cristianismo. A investigação levantará questões cruciais sobre a natureza do público afetivo pós-feminista e examinará se essas representações conduzem a uma subversão das normas sociais estabelecidas ou, em contrapartida, a uma subjugação perpetuada das desigualdades e posições subjetivas existentes. Por meio dessa análise, espera-se contribuir para um entendimento mais profundo das dinâmicas entre o sagrado e o secular nas narrativas de género contemporâneas, ressaltando a complexidade das identidades femininas na era digital.

ANA ISABEL GOUVEIA BOURA é Professora Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, tendo lecionado unidades curriculares nos domínios dos Estudos Literários, da Língua, Literatura, Cultura e História Alemãs, da Literatura Infantojuvenil, das Relações Luso-Alemãs e das Relações Internacionais. É membro do Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura Espaço e Memória e da Associação Portuguesa de Estudos Germanísticos. No âmbito do Programa Erasmus de Mobilidade Docente, tem lecionado e proferido conferências convidadas em diversas Universidades da República Federal da Alemanha. As suas áreas preferenciais de investigação científica são Estudos sobre Espaço, Estudos sobre Família, História Política, Económica, Social e Cultural da Alemanha, Literatura Portuguesa, Literatura Alemã, Literatura Comparada, Literatura de Receção Infantojuvenil e Relações Internacionais, no âmbito das quais tem proferido comunicações e publicado artigos.

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «O papel da mulher no Expressionismo alemão: do recolhimento doméstico à afirmação pública»

RESUMO: Em obstinada rejeição do propósito mimético que informara as principais correntes artísticas do século 19, as estéticas finisseculares inauguraram um curso modernista exacerbado no vanguardismo das décadas subsequentes. Tão acentuada rutura estética refletia a mudança que abalara, sobretudo na última metade do século 19, o quadro económico, social e cultural europeu. De facto, na segunda era industrial, mecanização, urbanização, massificação, mas também progresso científico e técnico alteraram, com estonteante celeridade, não apenas habitats, mas também mundividências e sociabilidades. Não que os ideais de modernidade hajam, nas primeiras décadas do século 20, reduzido notoriamente o fosso que apartava os géneros: se é certo que à mulher do estrato mais baixo se abrisse, com a industrialização, o espaço e a ação fabris, não é menos correto que a mulher burguesa continuava sujeita a códigos de recato doméstico e zelo familiar. Não estava a esta vedada a aquisição de conhecimentos; a frequência escolar servia, porém, objetivo propedêutico: a melhor preparação para o desempenho das funções conjugal e materna. Em muitas latejava o impulso de criação artística, somente aprimorado em aulas de atelier ou escolas privadas, pois que o acesso a cursos universitários lhes era proibido. Os poemas ou telas que compunham não mereciam a atenção, muito menos o reconhecimento, dos pares masculinos. Nem mesmo os expressionistas de língua alemã, que

programaticamente hasteavam o ideal de um novo ser humano, concederam às mulheres que lhes eram esposas ou amantes, musas ou modelos, um olhar paritário. Sabiam-nas mecenas culturais, cofundadoras de marcantes grupos estéticos, criadoras em diversas áreas culturais, mas não lhes divulgaram, muito menos premiaram as obras. Na minha comunicação obstarei à comum convicção de número escasso e parca relevância de criadoras expressionistas, apontando, quer motivos da subvalorização da mulher em círculos e circuitos expressionistas, quer testemunhos de valioso desempenho e crescente afirmação de autoras que, assim, contribuíram decisivamente para a génese e a consolidação do Expressionismo alemão.

ANA LÓPEZ DELGADO. Máster de Enseñanza de Español para Extranjeros por la Universidad Francisco de Vitoria (UFV) y Máster de Formación del Profesorado por la Universidad del Atlántico Medio (UNIDAM). Estudiante del programa de doctorado en Estudios Literários, Culturais e Interartísticos de la FLUP. Mi campo de interés es la representación cultural en la actualidad del contrabando del siglo XX en la raya, especialmente centrado en la frontera gallega.

TÍTULO DE LA COMUNICACIÓN: «Contrabando en femenino»

RESUMEN: El contrabando o la introducción en un país o exportación de mercancías sin pagar los derechos de aduana a los que están sometidas legalmente existe desde la creación de la frontera. A lo largo de los 1214 kilómetros que componen la raya, el contrabando fue una práctica extendida entre personas humildes, tanto portuguesas como españolas que encontraban en esta práctica ilegal una forma de no morir de hambre. ¿Por qué? Porque había una necesidad de dinero por parte de los contrabandistas, unos clientes que demandaban una serie de productos y unos productos a la espera de ser vendidos en mercados más favorables. Aunque la historia del contrabando es tan antigua como la historia de la frontera, el objeto de estudio de esta comunicación es el siglo XX, más concretamente a partir de 1936. ¿Qué papel tuvieron las mujeres como contrabandistas en la raya luso-gallega? ¿Fueron simples espectadoras o también protagonistas de una red organizada para el transporte y la venta de productos? ¿Los productos fueron los mismos en los distintos puntos de la frontera de la zona? ¿Qué edades tenían? ¿Qué multas tuvieron que pagar si eran “apanhadas” por los caribineiros o por la Guardia Civil? Contrabando en femenino es solo una muestra de esas historias de mujeres que usaron el contrabando como una forma de vida más. Historias

contadas con datos documentada de los informes estudiados en el registro municipal de Melgaço durante el verano de 2024.

ANASTASIA SAZONTIEVA (Faculdade de Letras, Universidade do Porto). Licenciada em História da Arte e Crítica de Arte, Universidade Estatal de Moscovo; Licenciada em Música e Pedagogia – ramo de flauta transversal e piano, Instituto Superior de Música e Pedagogia de Moscovo; Mestre em História da Arte, Património e Cultura Visual pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal; Estudante do 3.º ciclo em Estudos do Património na mesma instituição, sob orientação da Professora Doutora Ana Cristina Sousa. Premiada como autora do melhor trabalho de mestrado em 2022/2023 pela Associação Portuguesa de Historiadores de Arte (APHA). Publicou na revista De Arte da Universidade de León o artigo A Escola do Mestre Organeiro Miguel Hensberg. Inscrições nos Tubos de Órgãos Enquanto Meios de Atribuição. Comunicações: Oficinas de Investigação CITCEM 2024/2025; 1º Congresso Internacional Sul-Americano de História da Arte 2024.

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «Mulheres Organistas nas Ordens Religiosas de Clausura em Portugal (séculos XVI-XVIII). Interações entre Espaço e Prática Musical.»

RESUMO: No início da época Moderna, os conventos e mosteiros desempenharam um papel importante na vida musical em Portugal. Os prósperos conventos femininos podem ser considerados como centros culturais de destaque, proporcionando diversos tipos de atividades, como concertos e apresentações teatrais. A sofisticada educação doméstica das jovens freiras, que geralmente eram enviadas para os conventos pelos seus parentes ricos, permitiu-lhes criar um círculo de vocalistas, harpistas, violinistas ou mesmo trompetistas altamente qualificadas. O serviço litúrgico, acompanhado por música vocal e de órgão de tubos, era uma parte insubstituível da vida conventual. Os organistas masculinos não eram bem-vindos nos conventos femininos, pois qualquer contacto com o mundo externo estava interdito às jovens freiras. Para o efeito, foram criados cursos de música para organistas dentro dos conventos. As mulheres organistas não eram apenas instrumentistas habilidosas, mas também guardiãs das regras das ordens religiosas femininas fechadas. Como o serviço litúrgico estava aberto ao público, os arquitetos dos espaços sagrados, os organeiros e os mestres entalhadores inventaram formas de esconder a presença das freiras, tornando os seus corpos “invisíveis”. Também a presença de ofícios, relacionados com a construção e manutenção de órgãos, obriga a uma certa transformação do espaço arquitetónico

para evitar contactos diretos com as freiras. O estudo pretende mostrar algumas tipologias interessantes de construção de caixas de órgãos e outras invenções arquitetónicas nos séculos XVI-XVIII, baseadas nos exemplos do Convento Dominicano de Jesus, Aveiro; Mosteiro de Santa Maria, Arouca; Convento de Santa Clara, Porto; Convento de Santa Clara, Vila do Conde.

ANDREIA SANTOS SILVA é doutoranda em História da Arte na Universidade de Évora e investigadora do Centro de História da Arte e Investigação Artística (CHAIA) da mesma Universidade. Bolseira de doutoramento no Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo, Museus e Monumentos de Portugal, E.P.E., com o projecto «(Des)conhecidas da colecção. As mulheres artistas do Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo» - financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P. (referência PRT/BD/153507/2021). Mestre em História da Arte, especialização Arte Contemporânea, pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (FCSH-UNL) com a dissertação *Ofélia Marques (1902-1952): mulher artista no modernismo português. A menina Ophelia Cruz que é hoje Ofélia Marques* e licenciada em História Moderna Contemporânea pelo ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa.

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «Pintoras do tempo barroco representadas no Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo: os casos de Soror Joana Baptista (act. 1.ª metade do séc. XVII) e Margherita Caffi (1648-1710)»

RESUMO: Para além da vida eclesiástica, Soror Joana Baptista, nascida Jerónima de Meneses antes de professar no Convento de São João da Penitência ou das Maltesas em Estremoz, também se dedicou à pintura. Activa na primeira metade do século XVII, as suas obras – miniaturas, óleos sobre cobre e madeira, de temática religiosa - encontram-se sobretudo disseminadas por distintas colecções particulares. Contudo, podemos hoje contemplar uma obra da sua autoria no Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo: um pequeno *Oratório* portátil com a representação da Sagrada Família com São João Baptista, a Santíssima Trindade e alguns Santos (ME 1445). Da colecção de pintura do referido Museu, que conta com um acervo de cerca de 20 mil peças, também fazem parte duas Naturezas-mortas (ME 1079; ME 1560) da autoria de uma das mais respeitadas pintoras de flores italianas do século XVII e primórdios do século XVIII: a milanese Teresa Margherita Volò Caffi. Nesta comunicação dar-se-á destaque à actividade e produção artística das duas senhoras da época barroca, que têm em comum

estarem representadas no mesmo espaço museológico nacional. Revelar-se-ão ainda alguns elementos importantes relativos à vida e obra que permaneciam desconhecidos.

ANDRIANA HAMIVKA holds a Bachelor's degree in Languages, Literatures and Cultures (Portuguese and English) and a Master's Degree in Portuguese and English Teaching. She currently is a PhD candidate in Literary, Cultural and Interartistic Studies at Faculty of Arts and Humanities of the University of Porto and holds a PhD scholarship, awarded by the FCT, supporting her dissertational project on the representations of metropolis in contemporary fiction of Don DeLillo, Zadie Smith and Rob Doyle. She is a member of CETAPS (Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies) and her main research areas of interest include Postmodernism, 21st-century North American, British and Irish Literature, and Teaching and Learning Processes.

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «Trauma and the fragmentation of the Self in Toni Morrison's *Beloved*»

RESUMO: Traumatic experience, in its broader definition as “the response to an unexpected or overwhelming violent event or events that are not fully grasped as they occur, but return later in repeated flashbacks, nightmares, and other repetitive phenomena” (Caruth, 1996: 91) is the force that moves many Toni Morrison's characters, predominantly the female ones. It explains their behaviours, attitudes, and actions, once “one sharp stab” is transformed into “an enduring state of mind” (Erikson, 1995: 185). *The Bluest Eye*, *Sula*, *Home* and *Beloved*, by Toni Morrison each demonstrate the traumatic dangers of a complete internalization of dominant societal beliefs, as well as the need for the community to act, participate, and recall the traumatic experiences that persist in their midst. The aim of this paper is to analyse how Morrison's novels contribute to the issue of trauma recovery by portraying community as a crucial and powerful factor in healing when they “share the sufferings of others” (Alexander, 2004: 1). A comparative perspective on *Beloved* in relation to other novels will lay bare that the new social connections are the key to overcoming trauma and the fragmentation of the self.

ÁNGELES MATEO DEL PINO (Universidad de Las Palmas de Gran Canaria). Doctora en Filología Hispánica, profesora Titular Literatura Hispanoamericana, Universidad de Las Palmas de Gran Canaria. Especialista en la escritora hispanoparaguaya

Josefina Plá, autora de libros de recopilación y análisis de su producción literaria, los últimos: *Memoria entretejida de rostros y de sueños. Poesía y prosa* (2023) y *Geografía-laberinto de perfecta soledad. Cuentos* (prensa). Las líneas de investigación principales: Literatura latinoamericana contemporánea, Estudios Culturales, Estudios de Género, Diversidad sexual y Estudios *Queer-Cuir*. Entre los últimos libros editados: *Ángeles maraqueros. Trazos Neobarroc-s-ch-os en las poéticas latinoamericanas* (2013); *Pasión caníbal. Documentos de cultura y de barbarie en América Latina* (2018) y *Tecnologías del yo. Mujer, sujeto y subjetividad* (2022). Responsable de los Monográficos: *Lecturas somatopolíticas. Multitudes raras y tullidas (Queer/cuir-crip)* (2019) y *Fantasías pornotópicas. Subjetividades deseantes en América Latina: Postpornografía y Pornoterrorismo* (2021). Coordinadora del Grupo de Investigación Pensamiento, Creación y Representación en el ámbito de los Estudios Culturales.

TÍTULO DE LA COMUNICACIÓN: «La experiencia de maternar en la obra de Camila Sosa Villada»

RESUMEN: Tal y como sostiene Sayak Valencia (2018: 40), el transfeminismo, como proyecto político y ético, permite urdir alianzas estratégicas e interseccionales entre diferentes categorías, clases, etnias, razas, géneros, diversidades corporales... No solo con otras mujeres, sin distinguir entre “mujeres cis” y “mujeres trans”, sino también con otros movimientos de transformación social. Desde esta perspectiva, abordaremos la realidad travesti —“travestidad” o “nostredad trava”—, para lo cual nos apoyaremos en Lohana Berkins, Marlene Wayar y Claudia Rodríguez, entre otras autoras. Todas ellas nos han servido como interlocutoras y productoras de conocimiento, y cada una ha manifestado que el discurso y las luchas feministas han actuado como desencadenantes en la consecución de una conciencia “trava-trans latinoamericana”, como la denomina Susy Shock (2018: 14). En los últimos años, particularmente desde el ámbito latinoamericano, se ha incrementado la producción literaria y teórica que se enfrenta al mandato hegemónico patriarcal, desmontando algunos de los mitos más poderosos: la familia y la maternidad. La vivencia de maternar, como la empleamos en este trabajo, siguiendo a Helena Chávez Mc Gregor y Alejandra Labastida (2021: 11), implica una riqueza y una complejidad mayor de las relaciones consanguíneas, ya que va más allá de lo biológico, pues se concibe como experiencia de cuidado y de sostenimiento de vida. Para dar cuenta de todo

ello, ejemplificaremos con algunas producciones literarias latinoamericanas del siglo XXI, en particular, *Las malas* (2020 [2019]) y *Tesis sobre una domesticación* (2019), de Camila Sosa Villada, aunque puntualmente haremos algún guiño a otros títulos de esta misma autora, como *El viaje inútil. Trans/escritura* (2018) y *Soy una tonta por quererte* (2022).

ASSUNTA POLIZZI (Università degli Studi di Palermo) es Catedrática de Literatura española en la Universidad de Palermo. Sus principales áreas de investigación son: Literatura Realista/Naturalista, Poesía y Narrativa Contemporáneas, Traducción literaria, Prensa y Cultura. Es co-directora de la Red de Investigación Internacional “MEMITÀ – Memoria&Identità and Media Studies”. Forma parte del comité científico de revistas entre las cuales *Anales Galdosianos*, *e-Scripta Romanica*, *Siglo XXI. Literaturas y culturas españolas*, *Boletín de la Biblioteca de Menéndez Pelayo* y de la “Sociedad de Literatura Española del Siglo XIX”. Co-dirige las colecciones editoriales “Memoria&Identità” y “TransLitterae”. Ha coordinado y participado en proyectos de investigación nacionales e internacionales. Entre sus últimas publicaciones, la edición del monográfico *Fronteras, Identidad y Memoria en la dimensión mediática (InVerbis, 2021)*, el libro *Manuel Vázquez Montalbán y sus heterónimos en la revista Triunfo* (Reinchenberger, 2022) y la co-edición del volumen *Border-Crossing through Interdisciplinary and Media Studies* (UniPaPress, 2023).

TÍTULO DE LA COMUNICACIÓN: «Paradigmas identitarios femeninos y discurso literario. Lidia Falcón en la revista *Vindicación feminista* (Barcelona, 1976-1979)»

RESUMEN: El primer número de la revista mensual *Vindicación Feminista* se publica el primero de julio de 1976 en Barcelona. Seguirán 29 números, hasta diciembre de 1979, y un número 30 especial dedicado al aborto. El proyecto editorial era de Lidia Falcón, que, en cuanto militante del PSUC, había sufrido persecución durante la Dictadura. Al salir de la cárcel en 1975 y con la colaboración de periodistas e intelectuales, va emprendiendo una serie de acciones determinantes para el desarrollo del movimiento feminista en España, como la creación del Colectivo Feminista de Barcelona y de la editorial Ediciones del Feminismo. Además, junto a Carmen Alcalde, que será la directora de *Vindicación Feminista* – careciendo Lidia Falcón del carnet preceptivo de periodista por su militancia – se plantea «un nuevo desafío [...]». De modo que nos pusimos a la tarea en julio de 1975 – escribe Falcón –, cuando, apenas transcurridos quince días desde mi puesta en libertad,

todavía no me había quitado de encima el olor de la prisión de Yeserías» (Falcón, 2009: 385-386). De forma bastante regular en periodicidad, forma y contenidos, aunque en continuo peligro de multas y en apuros financieros, *Vindicación feminista* reunió una red de alrededor de 40 colaboradoras entre las firmas más representativas del panorama intelectual de la época, como Ana María Moix, Marisa Híjar, Anna Estany, Montserrat Roig, Encarna Sanahuja, Regina Bravo, María José Ragué, Rosa Montero, Gumer Fuentes, Itziar Alberdi y Soledad Balaguer, fotógrafas como *Colita* e ilustradoras como Sara Presutto y Núria Pompeia. El intento de este estudio es el de presentar los resultados del vaciado de la revista, haciendo especial hincapié en las aportaciones de la misma Lidia Falcón, capaces de vincular el discurso literario al discurso periodístico intermedial, en la construcción de posibles paradigmas identitarios femeninos durante la Transición española.

CARLOS SILVA é licenciado em Estudos Portugueses pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e terminou um mestrado em Estudos Literários, Culturais e Interartes na mesma instituição, com a dissertação intitulada «Masculinidade no matrimónio: O marido ideal no teatro português do século XVI». Focado na Idade Moderna, as suas linhas de investigação são os estudos de género, com ênfase especial na masculinidade, e a (re)descoberta de textos empoeirados. Foi também investigador no projeto «Letras no Claustro: Bibliotecas monásticas a Norte de Portugal da Idade Média ao século XIX», financiado pela FCT (EXPL/LLT-OUT/0720/2021). No tempo livre, tenta escrever poesia.

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «Masculinidade matrimonial feminina no teatro português do século XVI»

RESUMO: No discurso literário da Península Ibérica do século XVI, é habitual encontrar estórias sobre «mulheres masculinas» e expressões como «mulher de condição varonil» ou «mulher de coração varonil». O discurso matrimonial, particularmente teorizado pela «literatura de matrimónio», não ignora essas conceções. Uma vez que este género literário se foca em naturalizar uma divisão de género artificial, a qual constitui uma hierarquia onde, para lá dos privilégios atribuídos aos homens devido à definição patriarcal do sacramento matrimonial, os maridos têm certas características que lhes são exclusivas; é crucial apontar e nomear qualquer tipo de comportamento transgressor que possa colocar em perigo a hierarquia matrimonial de género. O corpus conhecido de peças teatrais portuguesas do

século XVI retrata vários cônjuges e, em alguns desses enredos, as esposas mostram características «masculinas», enquanto outras até realizam tarefas que os moralistas matrimoniais ibéricos categorizam como «ações masculinas». Estes casos, onde uma esposa é percecionada como «agindo masculinamente», são exemplos de masculinidade matrimonial feminina. Uma vez que a masculinidade pode ser sumariada como as características e processos que uma certa sociedade, num específico período histórico, considera indispensáveis para um indivíduo ser percecionado como homem, então a masculinidade não é exclusiva dos homens cisgénero, daí expressões como as «mulheres viris» quinhentistas, ou as contemporâneas «Marias-rapazes». Esta apresentação procura refletir sobre este tipo de transgressões combinando as reflexões dos moralistas matrimoniais ibéricos com as histórias de algumas «esposas masculinas» do teatro português quinhentista. Pretendemos entender o que significa ser uma «esposa viril», o que acontece ao sacramento matrimonial quando existe um «tipo» de esposa como essa, e, finalmente, por que motivo certos finais são inevitáveis quando a hierarquia matrimonial de género é desafiada.

CARMEN MATOS ABREU. Licenciada pela FLUP em Línguas e Literaturas Modernas, variante Francês/Inglês, Ramo Científico, defendeu Dissertação de Mestrado em Literatura Comparada Francesa e Inglesa – *Saint-Évremond. Entre França e Inglaterra: uma visão comparatista da comédia Sir Politick Would-be* –, trabalhando textos dramáticos do francês Saint-Évremond e inglês Ben Jonson. Realizou Tese de Doutoramento em Literatura Portuguesa – *Júlio Dinis. Representações romanescas do corpo psicológico e social: influência e interferência da literatura inglesa* –, englobando quatro romances e seis contos do escritor do séc. XIX Júlio Dinis, em debate literário com Henry Fielding, Jane Austen, Charles Dickens, Laurence Sterne e Oliver Goldsmith. *Júlio Dinis: o romance português de raiz inglesa* é o título da publicação deste estudo, em 2015, pela UFBA. Escreveu ensaios e proferiu imensas comunicações sobre literatura comparada francesa e inglesa sécs. XVI, XVII e XIX, e portuguesa sécs. XIX, XX e XXI. Membro dos Centros de Investigação CITCEM, FLUP e “G-Acervos”, UFBA, Brasil.

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «Retratos dinâmicos de mulheres romanescas em meados de Oitocentos»

RESUMO: Tomado contacto com a frase inicial da chamada a participação neste colóquio – “Ao longo da História o processo de conquista do espaço público por parte das mulheres tem-se caracterizado pela sua lentidão e dificuldade.” – tornaram-se imperativos, no nosso imaginário intelectual, os quadros sociais femininos da obra romanesca de um escritor do séc. XIX. Verificadas as múltiplas representações romanescas de mulheres, quer no espaço público, quer no privado, os abundantes diálogos interculturais estabelecidos, geralmente sem recriar as diferenças de conhecimento ou mesmo social dos seus interlocutores, reconhece-se que estas mulheres romanescas enformaram a viragem de um passado silenciado, no qual não tinham voz, direito à opinião ou tão pouco afirmação do seu pensamento, para uma presença que passou a impor quereres, vontades, raciocínios e ideais. Ombreando ou até se sobrepondo a intentos masculinos nos seus debates, daí resulta clara a afirmação da identidade feminina, cujo ideário passou então a ser por todos escutado, admirado e respeitado. Na leitura destes romances assiste-se aos tais “cenários poliédricos” colocados em representações geoculturais, em que as também referidas “tradições, filiações e redes culturais femininas” se tornam determinantes nos circuitos em que as mulheres se movimentam. De grande sucesso editorial na época, as tramas destas ficções foram traduzidas com enorme êxito para a tela cinematográfica, e ainda para o tabelado onde receberam fortes e entusiásticos aplausos. Consideramos que o importante papel destas mulheres, chegando a revelar-se figuras andrógenas, contribuiu, em Oitocentos, para a construção da identidade feminina participante do eixo de pensamento que então regia as sociedades, quer citadinas quer rurais, depois mantido num rasgo de continuidade que anulou as práticas e mentalidades até então – trata-se dos romances de Júlio Dinis, o médico-escritor que deixou nas suas páginas indeléveis registos femininos analíticos e críticos, mas sempre em exigentes auras de civilidade.

CLAUDIA ARELLANO HERMOSILLA. Antropóloga, Magíster en Estudios Latinoamericanos del Instituto de Altos Estudios de América latina IHEAL, Paris III Sorbonne Nouvelle y Doctora en Estudios de Género de la Escuela de Estudios Femeninos y de Género, Paris VIII Saint Denis, Francia. Mi interés investigativo ha sido la difusión de artículos, tales como: “La política-poética en la emergencia del Feminismo mapuche”; “Despatriarcalizando: Julieta Paredes y su vinculación con el discurso político y poético de mujeres mapuche”; “Le «montage» dans l’esthétique poétique

de Roxana Miranda Rupailaf”, “¿Despatriarcalización con weichafe? Montaje y desmontaje en los feminismos mapuche”, “Poéticas del abandono y despatriarcalización en las otras de la Nación”, en el libro colectivo “Mujeres indígenas y participación política en América Latina”. He realizado investigaciones en torno a los feminismos territoriales, el arte y la literatura, desde la perspectiva biográfica, como lo fue la investigación “Suralidad: Antropología poética del sur de Chile”. Actualmente trabajo en el proyecto Fondecyt “Transformación en las prácticas políticas de las mujeres mapuche. Etnografía de los feminismos mapuche despatriarcales y decoloniales en el Chile contemporáneo”.

TÍTULO DE LA COMUNICACIÓN: «Transformación en la representación política de las mujeres mapuche, desde los feminismos territoriales y su acción poética»

RESUMEN: La presente propuesta analiza cómo se representan y se repiensen los nuevos procesos de orgánica política de las mujeres mapuche, comprendiendo su historización, sus contextos de producción y su locus de enunciación. Esto ha implicado un desplazamiento de lo político hacia otras esferas, lo que va generando “una politización de la cultura y una culturización de la política” (Boccaro, 2004). Y esto es precisamente uno de los tópicos que nos interesa analizar, las formas diferenciadas de hacer política, la porosidad de estas dinámicas, comprendiendo los “horizontes de luchas”, que está fraguado en la memoria y tiene la capacidad estratégica en términos concretos y estéticos, formas diversas de resistencia a través del arte, como la poética y la performance, “una dimensión seductora de la política” (Tzul Tzul, 2020). Se interroga también, cómo el feminismo indígena mapuche, pone en tensión al feminismo blanco, examinando las representaciones y los discursos de lideresas y activistas mapuche, forjando un recorrido desde 1990, momento en que se constituyen las primeras organizaciones que dan cuenta de un feminismo indígena. La propuesta se inscribe dentro de los enfoques de la antropología feminista, la etnicidad y la geopolítica del conocimiento. Estos enfoques, desde el examen de la realidad social y dentro un marco de la interculturalidad crítica, rechaza la separación a priori de lo que es y de lo que no es político y, en cambio, pretende realizar una apertura que permita entender mejor el entretejido de las relaciones de poder desde la acción política y acción poética. La incorporación de estos enfoques busca trascender las miradas que continúan concibiendo a la sociedad mapuche

en general, y a las mujeres mapuche en particular, como una sociedad cerrada, aislada y, muchas veces, idealizada.

CLÁUDIA CIMA HENRIQUES. Licenciada em Português-Francês via ensino pela Universidade de Aveiro em 2005, iniciou a sua carreira profissional em Portugal como professora de Português do ensino secundário. Pós-graduou-se em Tecnologias da Informação e da Comunicação pelo Instituto Piaget no Porto; e em Gestão Curricular, pela Universidade de Aveiro. Paralelamente estudou Literatura e Cultura Espanhola também pela Universidade de Aveiro. Mudou-se para os Estados Unidos entre 2012 e 2016, tendo sido responsável pela gestão curricular das disciplinas de Espanhol e Português na Hudson High School. Entre 2016 e 2019, ensinou Espanhol e Francês como línguas estrangeiras na Harris Academy Federation, em Londres. É atualmente doutoranda em História, na Universidade Nova de Lisboa, com o tema *Uma Visão da Europa na Obra de Saramago*. Colabora na rede JaRRICA, sobre Estudos Saramaguianos, da Universidade de Vigo, e integra o grupo de investigação “História Global do Trabalho e dos Conflitos Sociais” da Universidade Aberta.

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «O Espaço Público e a Subversão do Poder Patriarcal em *O Jovem* de Annie Ernaux»

RESUMO: Annie Ernaux, autora francesa de grande relevância contemporânea, insere-se num discurso literário que transcende as fronteiras entre o privado e o público, abordando questões universais como o género e a classe social, através de uma escrita intimista de exploração da memória e do espaço vivido. A sua obra *O Jovem* revela-se especialmente significativa neste contexto por oferecer uma reflexão profunda sobre o papel do corpo feminino e suas dinâmicas no espaço público, particularmente quando as relações interpessoais desafiam as normas patriarcais. Na obra, a narradora, confrontada com a juventude do seu amante, revigora-se ao reconhecer o seu poder de dominação. A sua vivência como mulher madura transforma-se na experiência política de quem recusa a ideia de existir apenas como veículo para a próxima geração. Enquanto sujeito, a protagonista reivindica o seu direito ao desejo e ao poder, mesmo ciente de que, na esfera pública, assume uma relação que se pode situar no fim da hierarquia dos amores socialmente aceites. Passear de mãos dadas com um amante significativamente mais jovem é motivo de olhares recriminatórios e comentários depreciativos, que no texto da autora são revelados como obstáculos emocionais

à autonomia e liberdade das mulheres no espaço social. Assim, a presente comunicação visa discutir a emancipação feminina à luz de *A Mulher Emancipada* de Simone de Beauvoir, em diálogo com a noção de dominação masculina de Pierre Bourdieu e as ideias de género performativo de Judith Butler. A análise procura demonstrar como a protagonista de *O Jovem*, uma mulher intelectual, se serve da linguagem e da exploração da memória para narrar um evento traumático a partir de um ângulo que introduz novas perspetivas sobre o feminino no espaço público.

DANIEL FILIPE SOARES DA SILVA é licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e frequenta o Mestrado em História Contemporânea na mesma instituição. A sua investigação tem sido centrada sobretudo na Primeira República, a oposição política à Ditadura Militar e ao Estado Novo, à memória da Guerra Colonial Portuguesa e ao fenómeno da paramilitarização no entreguerras.

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «Uma incursão no papel da mulher na resistência republicana à afirmação da Ditadura em Portugal»

RESUMO: O golpe militar do 28 de Maio de 1926 colocou termo aos dezasseis anos da experiência tendencialmente liberal e democrática da Primeira República através da constituição de uma confederação das direitas. Logo após a destituição do Presidente eleito, Bernardino Machado, os setores que se uniram para terminar com o postulado do Partido Democrático fragmentaram-se e ocorreram dois novos golpes, em junho e julho. Concomitantemente, organizou-se aquela que será a principal via da oposição e que teve a sua liderança na generalidade dos grupos republicanos, o convencionado Reviranhismo. Entre 1926 e 1938, ocorreram várias revoltas e sublevações e desenvolveu-se um trabalho de propaganda, mediante a edição de jornais clandestinos e de panfletos subversivos à ordem. Neste seguimento, o papel da mulher nunca foi relevado no contexto da oposição republicana, para o que concorre a presente investigação. Pretendemos efetuar uma incursão na função da mulher nesse processo de resistência, discutindo qual o seu grau e de que modo contribuiu para a sua prossecução.

ELIZA ANNA GUMULAK (Universidad Complutense de Madrid) estudante de segundo año de Doctorado en Literatura Hispanoamericana en la Universidad Complutense de Madrid. En su investigación se centra en los temas de nomadismo y locura en la narrativa del Cono Sur de los siglos XX y XXI, recurriendo a distintos estudios provenientes de los campos de la teoría literaria, la filosofía, la sociología y el

psicoanálisis. En su trayectoria académica destacan la obtención de los títulos de Grado y Máster en Filología Ibérica por la Universidad de Varsovia, la defensa de la tesis titulada *La imagen de la locura en Matate, amor de Ariana Harwicz*, y la participación en distintos congresos de literatura a nivel nacional e internacional.

TÍTULO DE LA COMUNICACIÓN: «Devenir mujer a través de la escritura: La travesía de Luisa Valenzuela»

RESUMEN: En los años 90, en los albores de su proyecto nómade feminista, Rosi Braidotti apuntó a la importancia de los sujetos nómades para la creación de nuevas formas de aprehender la realidad compleja y cambiante. Del mismo modo que la escritura, como dijo Gilles Deleuze, está siempre inacabada, “en vías de hacerse”, la identidad nómade es un mapa en una constante evolución, y el estatus minoritario de mujer la condición que por excelencia favorece ese viaje hacia el reconocimiento del yo situado: un proceso que se da principalmente en el lenguaje. En *La Travesía* (2001) de la escritora argentina Luisa Valenzuela, dicha búsqueda se desenvuelve tanto en el nivel del espacio geográfico, como – precisamente – lingüístico, siendo vehículo hacia empoderamiento de ambos la escritura, materializada en forma de unas cartas: símbolo a la vez de la opresión que el marido ejerce sobre la protagonista, y de un espacio donde finalmente se resuelve esa dependencia y la mujer recobra el poder no sólo sobre sí misma, sino también sobre un lugar físico concreto previamente dominado por el otro. Esta ponencia es un intento de indagar en las particularidades del proceso de devenir mujer y su relación con el espacio, el lenguaje y la escritura, siendo la teoría del sujeto nómade de Rosi Braidotti, entre otros, el horizonte sobre el que ubicar la lectura de la novela, además de un acercamiento hacia la figura de Valenzuela como autora cuya vida marcada por la expatriación y numerosos viajes deja huellas visibles en su obra literaria. De esta manera, se pretenderán demostrar los procedimientos que pueden servir para fijar la importancia de la escritura y la literatura para la visibilización del lugar de mujeres dentro y fuera del ámbito literario.

ELSA MATEU TRICÁS (Universidad Complutense de Madrid). Nacida en Madrid en 1966, es diseñadora de iluminación, violoncellista y docente. A lo largo de su carrera ha realizado numerosos diseños de iluminación para compañías de teatro y danza en Madrid, Tenerife y otras ciudades españolas. Se graduó en Arte Dramático con especialidad en escenografía en la Real Escuela Superior de Arte Dramático de

Madrid (RESAD) en 2002. Además, está titulada en violonchelo por el Real Conservatorio Superior de Música de Madrid (1995). Ha sido profesora de violonchelo y música de cámara en diversos conservatorios y escuelas de Madrid y Barcelona, y ha colaborado con numerosas orquestas sinfónicas, grupos de cámara y de música no clásica. En la actualidad, es profesora titular de Iluminación en la RESAD y colabora con la asociación de música experimental de Madrid, Raras Músicas, donde continúa explorando nuevas formas de expresión musical y artística.

TÍTULO DE LA COMUNICACIÓN: «Patentes, poder y creación artística: el impacto de Mary Hallock-Greenewald (1871–1950) en la iluminación teatral moderna»

RESUMEN: Esta ponencia analiza el legado de Mary Hallock-Greenewald (1871–1950), figura clave en la historia de la iluminación escénica, desde una perspectiva que combina estudios de género, geopolítica del conocimiento e historia del arte. Como primera mujer en la Historia que patentó un sistema de control de iluminación eléctrica, Hallock-Greenewald desafió las dinámicas de poder en un campo dominado por hombres. Por ello, como muchas mujeres de su tiempo, sufrió el silenciamiento de su labor: grandes corporaciones como General Electric y Westinghouse se apropiaron de sus innovaciones, comercializándolas sin reconocimiento. El caso de Hallock-Greenewald resuena con el de otras pioneras como Loïe Fuller, quien también patentó dispositivos lumínicos revolucionarios para la danza y el teatro, pero cuya obra fue igualmente marginada en la narrativa histórica. Asimismo, Hilma af Klint y Georgiana Houghton, precursoras de la abstracción, fueron eclipsadas por figuras masculinas como Wassily Kandinsky, a quien se atribuye la invención de este movimiento artístico pese a que ambas desarrollaron la abstracción mucho antes, explorando profundas conexiones entre espiritualidad y creación artística. Al situar a Hallock-Greenewald en este contexto, la ponencia explora cómo estas mujeres articularon redes culturales e intelectuales en un marco de exclusión, utilizando sus innovaciones técnicas y artísticas para abrir nuevas vías de creación. Además, se subraya la importancia de reconsiderar las tradiciones escénicas desde una perspectiva intertextual, vinculando su obra con prácticas visuales y performativas actuales en España, como las de Alba Corral o Laura Iturralde. El análisis destaca cómo las experiencias de estas artistas evidencian una lucha compartida contra la apropiación y el silenciamiento de sus contribuciones, iluminando la necesidad de

repensar la historia de la creación artística desde una óptica inclusiva y crítica, que dé voz a quienes transformaron la cultura desde los márgenes.

ERIKA DOS SANTOS (Universitat Autònoma de Barcelona) es doctoranda en el programa de Teoría Literaria y Literatura Comparada por la UAB (Universitat Autònoma de Barcelona). Su línea de investigación se basa en la cultura del movimiento ciberpunk, así como en el análisis comparativo de los estudios culturales. Ha participado en congresos anteriores como en la “Jornada de Doctorandos en Teoría Literaria UAB” y en “Congrés de Doctorandes de la Càtedra UB PdeG i Feminismes Ciutat de Cornellà”, donde ha presentado ponencias sobre la relación de la corporalidad y la tecnología en la cultura actual.

TÍTULO DE LA COMUNICACIÓN: «Anatomía de la máquina: sobre la sexualidad tecnológica en el cuerpo femenino»

RESUMEN: Con motivo del auge de las nuevas tecnologías en cada vez más ámbitos, junto con el tratamiento del movimiento ciberpunk en mi tesis, la línea de trabajo que se plantea aquí sigue esta misma corriente; la tecnológica. Obras de culto como *Ghost in the Shell* donde sus personajes tienen integrado a su cuerpo algún tipo de máquina o incluso se les sustituyen apéndices por extensiones protésicas, ya plantean un cambio de paradigma entre la concepción del mismo cuerpo y su relación con la máquina. Esta evolución de lo tecnológico sustituyendo lo orgánico, no se resumirá en un simple mejor uso del cuerpo, sino que en la mencionada producción se caracterizará a los personajes por su capacidad cada vez menos humana y más cibernética; menos por un asunto que no pasa desapercibido: el sexual. Aunque el cuerpo orgánico se modifique para un mejor uso del mismo (como instrumento, vehículo y conciencia), no se dejará atrás la parte sexual de este, sino que la modificación del mismo dejará de ser puramente ergonómica para ser visual y complaciente: para no olvidar que se trata de un cuerpo femenino hecho para el consumo. Quizás es debido a esta concepción de cuerpo tecnológico y sexual que en la actualidad haya un consumo en auge del "sextech": el uso de aparatos tecnológicos para un placer sexual. Es más, podríamos relacionar el auge y abuso de la tecnología con la actividad sexual: ¿vemos lo sexual en aquello que podemos dominar y tener bajo control, como con el uso de aparatos electrónicos? ¿O es que tal vez se crean más máquinas sexuales porque estamos acostumbrados a consumir tecnología para todo?

FELIPPE NILDO OLIVEIRA DE LIMA. Graduado em Letras – Língua Portuguesa (UFCG). Mestre em Letras (PPGL/UFPB). Doutorando em Letras: Estudos Literários (Pós-lit/UFGM), com orientação do Prof. Dr. Gustavo Silveira Ribeiro. Atualmente, realiza intercâmbio (PDSE/Capes) na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com supervisão do Prof. Dr. Francisco Topa. É estudante vinculado aos grupos de pesquisa *Literafro: Portal da Literatura Afro-brasileira: pesquisas em rede* (CNPq/UFGM) e *ESCAPE – Núcleo de Pesquisa sobre Poesia Experimental, Performance e Artes do Corpo* (CNPq/UFGM). Desenvolve pesquisa doutoral intitulada “Escrever com os mortos: poéticas da exumação do Atlântico Negro em Aline Motta e Edmilson de Almeida Pereira”. Suas pesquisas têm se interessado por temas como literaturas afrodiaspóricas, performatização do arquivo colonial na poesia brasileira contemporânea e em outras artes, crítica descolonial, testemunho e memória.

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «A filha, memória e veículo da mãe: figurações do luto em Aline Motta»

RESUMO: Pretendemos desenvolver uma leitura de *A água é uma máquina do tempo* (2022), livro da poeta e multiartista brasileira Aline Motta, privilegiando suas escolhas estéticas em torno da temática do luto, mais especificamente as que dizem da complexa atribuição de sentidos para a perda da mãe. Presença espectral que tensiona o fazer poético, Wilma, mãe da multiartista, obsidia sobremaneira o trabalho com a linguagem (Derrida, 1994) na obra em questão. Sua morte guia a procura e a construção de uma herança matrilinear que une poeta, mãe e outras antepassadas a uma só filiação de afetos de mulheres negras constantemente evocadas na produção. Desta forma, a elaboração do luto possui uma clara dimensão ética e política, visto que “perder a mãe” (Hartman, 2021) alegoriza o apagamento, forjado pelo colonialismo, dos elos que vinculam pessoas afrodescentes a uma ancestralidade marcada pela diáspora atlântica. Tão logo, enlutar a mãe é criar um lugar para sua história de vida, parecida com a de outras tantas mulheres negras brasileiras publicamente relegadas ao esquecimento. Todavia, paradoxalmente, ao inserir a urgência deste luto na arena de disputas que constrói a História e lhe atribui protagonistas, a poética de Motta o faz sem perder de vista a singularidade de Wilma. A poeta opera com a colagem de recortes de diários íntimos e fotografias da mãe, sendo a junção de palavras e imagens do arquivo familiar um dispositivo que desvela uma mulher até então desconhecida

pela filha. Assim, buscamos discutir as articulações de sentido em torno do luto em *A água é uma máquina do tempo* (2022), que fazem do poema tanto um túmulo de palavras capaz de monumentalizar uma morta (Gagnebin, 2021) quanto um altar onde a ancestralidade e a memória da mãe dançam em toda sua humanidade.

FILIPA MORENO FIGUEIREDO CAETANO. Licenciada em História pela Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Nova de Lisboa (NOVA FCSH), frequenta atualmente o Mestrado em História, área de especialização em História Contemporânea, na mesma instituição. É ainda Investigadora Integrada na I&D História, Territórios e Comunidades (HTC – NOVA FCSH / CEF – UC) e, desde outubro de 2024, trabalha como Bolseira de Investigação no Centro de Estudos de Teatro, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CET – FLUL). A sua dissertação de mestrado centra-se na análise do aparecimento, organização e participação das enfermeiras paraquedistas durante a Guerra Colonial Portuguesa (1961-1974). Marcada por um percurso de investigação muito eclético e dinâmico, tem como áreas de interesse a história das mulheres, a história do Estado Novo e a história oral.

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «“Conhecer outras terras e outras gentes”: as experiências das enfermeiras paraquedistas na Guerra Colonial Portuguesa (1961-1974)»

RESUMO: Nas últimas décadas, têm surgido alguns estudos que permitem compreender a Guerra Colonial (1961-1974) a partir da perspetiva feminina, principalmente das madrinhas de guerra (ESPÍRITO SANTO, 2003; SILVA, 2020) e das mulheres que acompanharam os seus maridos militares, comissionados para os referidos territórios (RIBEIRO, 2007), então sob domínio colonial português. Contudo, persiste uma lacuna historiográfica em torno do corpo voluntário de enfermeiras paraquedistas, criado em 1961, quando se iniciou em Angola a luta armada contra os movimentos de libertação africanos, alastrando-se depois para a Guiné (1963) e Moçambique (1964). Integrado na Força Aérea Portuguesa, este corpo era constituído por jovens mulheres, entre os 18 e 30 anos, diplomadas em enfermagem, que eram dotadas de instrução militar, assente na especialidade de paraquedismo, e que tinham um estatuto equiparado aos militares paraquedistas. Quanto à sua missão, estava incumbido de dar assistência aos feridos, diretamente evacuados da zona de combate. Tendo em consideração que as enfermeiras paraquedistas surgiram em pleno Portugal estadonovista, que defendia a mulher doméstica, submissa e recatada, o carácter inovador deste

corpo militar feminino suscita um conjunto de questões prementes que a presente comunicação procura dar a conhecer e debater. Duas delas são: Que motivos levaram estas mulheres a abandonarem a sua zona de conforto, gravitada em torno do local de trabalho, penetrando no mundo militar, que lhes era completamente estranho e desconhecido, e depois na guerra, um meio caótico e perigoso? Quais foram as suas experiências no contacto com novas realidades e populações, assim como no quotidiano da guerra? As principais fontes que fundamentam esta investigação incidem nos testemunhos escritos, publicados em bibliografia variada, e no conjunto de entrevistas a enfermeiras paraquedistas, realizadas no âmbito da dissertação de mestrado.

FILIFE SENOS FERREIRA é bolseiro (FCT) de doutoramento em Estudos Literários na Universidade de Aveiro (*Elogio do híbrido: o romance multimodal na literatura portuguesa*). Completou o Mestrado em Estudos Editoriais (UA), com uma dissertação intitulada *"Entre a arte e os números: Eça de Queirós & Companhia Ficcional"*. Desenvolve investigação na área da literatura portuguesa (hiper)contemporânea, com especial foco no âmbito dos estudos de intermedialidade e de multimodalidade. Coeditou o livro *Fabulae Mutantur: criatividade multimodal e ficção contemporânea* (2024). É membro do Projeto Entregéneros: Literatura e Hibridismo (CLLC-UA) e do Projeto Dinâmicas do Hipercontemporâneo (CLP, CLLC), e desempenha, desde 2019, funções docentes no Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro.

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «A escrita como fósforo. Para uma leitura de *Toda a ferida é uma beleza*, de Djaimilia Pereira de Almeida»

RESUMO: Retomando a analogia de W. Faulkner, Lídia Jorge defende que todos os que encontram na escrita a sua morada primacial são “uma espécie de fósforo que arde no escuro” (2024). Nesta mesma linha argumentativa, poder-se-á dizer que alguns escritores – e interessam-nos, em especial, os escritores hipercontemporâneos (Arnaut e Binet, 2018) – são um fósforo, no sentido em que, através das suas obras, nos alertam para um conjunto de problemas que, não sendo especificamente contemporâneos, se tornaram mais prementes num tempo como o nosso, sobre o qual se abatem escuridões diversas. Aqui objeto da nossa atenção crítica, *Toda a ferida é uma beleza* (2023), de Djaimilia Pereira de Almeida, não é, a esse título, exceção. A nossa reflexão centrar-se-á prioritariamente nas estratégias de denúncia da violência e do aprisionamento da mulher mobilizadas

nessa narrativa, que adota uma perspetiva e temática expressamente femininas. Será igualmente analisada a estruturação multimodal do romance, por forma a demonstrar que a narração se processa não apenas por intermédio da palavra escrita, mas também através do recurso a ilustrações, da autoria de Isabel Baraona, que não se limitam a secundar o sentido comunicado verbalmente, mas, pelo contrário, se revestem de imprescindível relevância semântica, tornando-se partícipes de uma retórica verbo-visual da violência.

FLÁVIA LOPES SALES DO NASCIMENTO é jornalista, escritora e investigadora na área de Ciências Sociais Aplicadas e Humanidades. Doutoranda em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais pelas universidades do Porto e Aveiro (Portugal) e desenvolve a tese “O Imaginário Português nas narrativas digitais de mulheres que viajam sozinhas: subsídios para um estudo hermenêutico”, financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT). É investigadora integrada no CITCEM e mestre em Comunicação pela UFPB, onde também se graduou em Jornalismo. Concluiu estágios científicos na Universidade Complutense de Madrid e na Université Paris Nanterre. Interessa-se por Comunicação, Jornalismo, Plataformas Digitais, Imaginário e Feminismo. Publicou o livro Flores nos Canteiros de Obras (2017), sobre o empoderamento feminino na construção civil.

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «Narrativas digitais de mulheres que viajam sozinhas: a viagem a solo como expressão feminina»

RESUMO: As narrativas femininas no ambiente digital estão ajudando a repensar a atuação de sujeitos e seus papéis, inclusive no âmbito das viagens. Embora o tema da viagem a solo não possa ser considerado um movimento social específico tão forte quanto outros movimentos feministas nascidos na Web, como o #Metoo (Vicente, 2019) e #NiUnaMenos (Chenou & Cepeda-Másmela, 2019; Laudano, 2017), as narrativas digitais de mulheres que viajam sozinhas podem ser enquadradas nesse grande contexto de práticas discursivas de resistência e autonomia feminina amplificadas pelas plataformas digitais, ao desafiar estereótipos e papéis de gênero e construir espaços de autonomia e emancipação no ambiente digital, gerando um senso de comunidade online. Para alguns autores, como exemplo Jordan (2016); McClinchey (2017) e Winet (2015), é preciso encarar o ato de viajar sozinha sob uma perspetiva feminista, visto que essa prática é considerada uma forma das mulheres gozarem da sua liberdade, já que ainda há

impregnado um histórico de patriarcado, colonialismo e imperialismo ocidental nas narrativas de viagens (Winet, 2015). O objetivo desta comunicação é apontar a prática da viagem a solo como uma forma de expressão feminina, destacando seu papel na construção da identidade das mulheres por meio da autonomia e da autorrepresentação expressadas em suas narrativas digitais. A premissa foi baseada a partir da Análise de Conteúdo e Análise de Discurso de postagens de blogs, Instagram e Facebook de influenciadoras digitais de viagens que promovem a prática da viagem a solo feminina. A partir da análise foi possível perceber o modo como se autorrepresentam, a voz de autonomia nas suas enunciações, além de perceber movimentos que desobedecem a ordem dos papéis de género numa forma expressiva subjetiva através das suas performances no ambiente digital.

FRANCISCO DAVID GARCÍA MARTÍN. Doctor en Teoría de la Literatura y Literatura Comparada por la Universidad de Salamanca. Graduado en Filología Hispánica por la Universidad de Salamanca, y en Geografía e Historia, Derecho y Filosofía por la Universidad Nacional de Educación a Distancia. Personal Docente Investigador predoctoral del Área de Teoría de la Literatura y Literatura Comparada de la Universidad de Salamanca y, anteriormente, becario doctoral de la Fundación de Promoción de la Investigación José Luis de Oriol – Catalina de Urquijo. El trabajo que estoy llevando a cabo se centra en la relación entre literatura e historia que se puede observar en los textos de los últimos meses de la Guerra Civil española, en torno al golpe de Estado del coronel Segismundo Casado. La otra línea de investigación en la que me encuentro trabajando se centra en la capacidad de la ciencia ficción española e hispanoamericana como género para proyectar muchos de los problemas y dilemas que sufre nuestra sociedad actual.

TÍTULO DE LA COMUNICACIÓN: «Memoria e identidade feminina na ficção contemporânea: perspectivas sobre o arquétipo da femme fatale na série *Dune: Prophecy* (2024)»

RESUMEN: La memoria cultural —comprendida tal y como lo hace Ann Rigney como fragmentos compartidos sobre el pasado que están unidos a la identidad colectiva— nos sirve de marco de análisis para acercarnos a un recuerdo que se nos transmite a través de su doble vertiente individual y colectiva. Lo compartido pasa a formar parte también de unos individuos que hacen suya la experiencia de lo sucedido para adentrarse en el espacio transfronterizo que nos permite acercarnos a un devenir temporal de gran interés para entender nuestro espacio

en el mundo y en la sociedad. En la línea de Braiddotti, para quien “the human organism is an in-between that is plugged into and connected to a variety of possible sources and forces” (2013), el sujeto se ve sometido a diferentes perspectivas vitales que le afectan dentro del contexto social. La recepción de este recuerdo puede manifestarse de múltiples maneras a través de la ficción. En relación a la construcción que lleva a cabo Ricoeur sobre la identidad —concebida como la relación entre las características definitorias de un individuo y la transformación continua de estas mismas o, en sus términos, la relación entre mismidad e ipseidad—, esta puede servir de vehículo para transmitir una concepción de nosotros mismos y de nuestra sociedad que encuentra un vehículo de expresión de gran valor. En esta línea, el género de la ciencia ficción nos ofrece un marco de gran valor para estudiar estos fenómenos a partir de la crítica social que estas obras son capaces de llevar a cabo gracias al proceso de extrañamiento que generan en el lector. Nuestro propósito será, en este sentido, estudiar un aspecto concreto de la conversión de la figura femenina en un otro objetualizado a partir del análisis de la presentación del arquetipo de la femme fatale que es llevado a cabo en la serie *Dune: Prophecy* (2024).

FRANCISCO MANUEL ANTUNES SOARES. Investigador Integrado no CITCEM. Grupo de Investigação: Literatura e Diálogos Interculturais.

CienciaVitae: <https://www.cienciavitae.pt//pt/5A18-ED04-39D3>

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «Mulheres, ensino e literatura em Angola no século XIX»

RESUMO: Escassas e não-conflituais são as colaborações de mulheres enviadas de Angola para periódicos locais ou transnacionais (como o *Almanach de lembranças luso-brasileiro*). Identifico todas as colaborações encontradas e, tanto quanto possível, as identidades respetivas (femininas, literárias, sociais), enquadrando-as no pequeno mas tenso e diversificado meio literário local. Assistiremos ainda a uma breve discussão de plausíveis hipóteses explicativas da reduzidíssima participação criativa das mulheres nesse meio.

Esta participação integra-se no projeto «Readings in Angola in the 19th century: literary references commented on in periodicals circulating in the colony» (2023.07656.CEECIND)

FRANCISCO TOPA (FLUP / CITCEM) é Professor Associado com Agregação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e membro integrado do CITCEM. Leciona nas áreas de Literatura e Cultura Brasileiras, Crítica Textual, Literaturas Africanas e Literaturas Orais e Marginais. É, desde 2019, o responsável pela Cátedra Agostinho Neto na FLUP e, desde 2023, diretor do Departamento de Estudos Portugueses e Românicos. Tem sido professor visitante em diversas universidades brasileiras e europeias. A sua investigação tem estado dirigida para as literaturas brasileira e portuguesa, para as literaturas africanas e para algumas áreas da literatura oral e marginal. Publicou cerca de 260 trabalhos, 29 dos quais em livro.

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «Antónia Pusich e os dispersos nos almanaques»

RESUMO: Figura maior das letras femininas da segunda metade do século XIX, pioneira do jornalismo e das causas da mulher, Antónia Pusich (1805-1883) continua a não dispor de uma avaliação global da sua obra, o que em parte se deve ao facto de ela não estar devidamente inventariada e reunida. O objetivo desta comunicação é precisamente dar conta de uma parte desse trabalho: o que incide sobre os textos que a autora foi publicando em dois dos principais almanaques, o Almanaque de Lembranças Luso-Brasileiro e o Almanaque das Senhoras.

GEISE TEIXEIRA é doutorada em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde apresentou a tese intitulada Poesia épica feminina em Portugal: os Memoriais de Soror Maria de Mesquita Pimentel (séc. XVII). Atualmente, é professora adjunta convidada de Literatura e Cultura Portuguesas na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança, e investigadora integrada do Centro de Investigação Transdisciplinar “Cultura, Espaço e Memória” (CITCEM). Exerceu funções como professora visitante na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e integrou, como investigadora contratada, a equipa do projeto Musas na Clausura: a obra poética de Violante do Céu: Literatura, música e espiritualidade no Mosteiro da Rosa de Lisboa, financiado pela FCT.

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «A tradição épica revisitada: a receção de Camões e Tasso na obra de Soror Maria de Mesquita Pimentel»

RESUMO: Embora a poesia épica tenha sido amplamente estudada, as epopeias de temática religiosa e, em particular, as de autoria feminina produzidas em contexto

monástico continuam, em grande medida, negligenciadas. A obra de Soror Maria de Mesquita Pimentel, composta por três longos poemas épicos dedicados à vida de Cristo – o *Memorial da Infância* (1639), o *Memorial dos Milagres* (inédito até 2014) e o *Memorial da Paixão* (em vias de edição) – insere-se neste espaço de marginalidade crítica, revelando-se, contudo, um testemunho raro de autoria feminina no contexto da poesia épica religiosa em Portugal. A partir de uma análise comparativa, esta comunicação propõe-se a explorar o diálogo intertextual que a obra de Mesquita Pimentel estabelece com o cânone epopeico, particularmente com os poemas de Luís de Camões e Torquato Tasso. Pretende-se demonstrar como a autora, através do reaproveitamento de vocábulos, do decalque de versos e da recriação de episódios paradigmáticos, estabelece uma relação explícita com estes modelos, reinterpretando vários dos seus elementos formais e estilísticos à luz dos princípios doutrinários e pedagógicos característicos da literatura produzida no contexto da Contrarreforma.

INÊS FILIPA FERREIRA. Licenciada em Teatro (2016-2019) e pós-graduada em Dramaturgia e Argumento (2019-2020), Inês Ferreira encontra-se no segundo ano de Mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual, beneficiando de uma Bolsa de Investigação atribuída pelo CITCEM para o seu projeto na Companhia Olga Roriz. Anteriormente, estudou na Escola de Dança do Conservatório Nacional (2008-2012). Como intérprete trabalhou com Raimund Hoghe, as companhias Visões Úteis, A Turma e Seiva Trupe e a produtora Bando à Parte. Enquanto autora, escreveu “O Calor do Lar” (RTP2, “A peça que falta”), “A morte da sereia” (Garantir Cultura, 2021), “Um Século de Grupo Musical - Miragaia vista por uma atriz” (Cultura em Expansão, 2023) e “Caldo Entornado” (Teatrão, “A Fantasia Futurista”, 2024). Participou ainda na oficina de escrita do Teatro Nacional São João, “Manual de Autodefesa para Dramaturgos Vivos” e no concurso Novos Encenadores do Operafest Lisboa 2022.

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «Olga Roriz: o lugar do erotismo enquanto força criativa»

RESUMO: Poucos anos depois de entrar no Ballet Gulbenkian enquanto bailarina, Olga Roriz é convidada a coreografar as suas próprias peças. Os convites repetiram-se anualmente e, em 1990, a jovem artista contava já com 15 criações assinadas por si, além das que realizava por convites externos. Apesar dos seus contributos, que trouxeram visibilidade internacional ao Ballet Gulbenkian, Roriz seria sempre denominada de “Coreógrafa Convidada”, ao contrário de Vasco Wellenkamp,

“Coreógrafo Residente” da Companhia. Sobre esta distinção, a criadora justificou, ironicamente, que «não levam as mulheres muito a sério». No entanto, quando questionada, recentemente, se gostaria de ter tido o título de “Coreógrafa Residente” do Ballet Gulbenkian, Olga Roriz responde, sem hesitar, que não. No fundo, nunca desejou esse papel, que a obrigaria a uma presença constante na Companhia e a uma criação característica de Companhia de Repertório. Desta forma, Roriz teve oportunidade de explorar linguagens e metodologias, que a associavam a uma veia mais experimental do Ballet Gulbenkian, nem sempre defendida por alguns setores da instituição. Regularmente caracterizada como “fogosa”, Roriz admite que o elemento transversal a toda a sua obra é o erotismo. Partindo desta pulsão criativa, propõe-se uma reflexão sobre o legado da coreógrafa, analisando-o sob este ponto de vista e em confronto com o «Manifesto Futurista da Luxúria», de Valentine de Saint-Point, artista que defendia o “desejo” como estímulo criativo e que, em 1913, propôs uma abordagem coreográfica que dignificasse a dança enquanto arte autónoma. Olga Roriz não foi Coreógrafa Residente do Ballet Gulbenkian, nem foi incluída no movimento Nova Dança, embora tenha influenciado ambos os contextos - o institucional e o independente. Este aparente isolamento parece dever-se mais à vontade da coreógrafa que, como Saint-Point, prioriza a autenticidade das suas criações em detrimento de vinculações coletivas.

INÊS GASPAS SILVA (Museu Nacional de Arte Antiga - MNAA) é responsável pela coleção de Miniaturas do MNAA. Licenciada em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2011) e mestre em Museologia e Museografia pela Faculdade de Belas-Artes (2014). Tem colaborado com diversas instituições culturais na área da mediação cultural, produção de exposições, investigação e inventário. Foi bolseira FCT, com o projeto de investigação Catálogo raisonné das exposições temporárias do MNAA (2015-2018), sediado no Museu Nacional de Arte Antiga. Desenvolve investigação no domínio científico da História da Arte, sobretudo, focada nas seguintes linhas de investigação: Pintura e Miniatura nos séculos XIX e XX e Mulheres Artistas.

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «Um ofício apropriado. A miniatura portuguesa de autoria feminina em Portugal»

RESUMO: Considerado um género artístico feminino - embora tanto mulheres como homens o tenham praticado profissionalmente; sendo os mais célebres

miniaturistas do sexo masculino – com base na crença de existirem limitações físicas para a mulher, o retrato em miniatura é considerado um dos mais adequados à aprendizagem e prática artística feminina, e é, até ao século XVIII, o género mais praticado por mulheres. Antes da entrada oficial das mulheres na Academia, muitas recebiam a sua formação artística dentro dos limites supervisionados da casa, formadas por maridos, pais ou irmãos, privilegiando o retrato, pinturas devocionais e naturezas-mortas, que copiavam a partir de estampas e gravuras de obras de grandes mestres. Algumas, após terem recebido a formação inicial, participam em exposições públicas, ganham prestígio, recebem encomendas e contribuem para a economia familiar, outras, acabam por não dar continuidade à carreira artística e a sua obra acaba esquecida. No contexto da investigação em curso, cujos resultados propomos discutir no presente Colóquio, pretendemos contribuir para o entendimento da importância do retrato em miniatura no contexto da produção artística feminina. Alguns dos nomes das mulheres que a praticaram a miniatura surgem documentadas, mas muitas ficaram esquecidas na história da arte portuguesa. Propomos, assim, a identificação de algumas dessas artistas, contribuindo para a discussão científica em torno do lugar que a miniatura ocupa no âmbito da hierarquia das artes, estabelecida até ao século XIX, e, consequentemente para a divulgação e valorização das artistas que a praticaram.

IRENE PÉREZ BLASCO (Universitat de València). Graduada en Estudios Hispánicos por la Universitat de València. Actualmente es estudiante del Máster en Estudios Hispánicos Avanzados: Aplicaciones e Investigación. Desde 2023 es becaria del Departamento de Filología Española con una beca de colaboración del Ministerio (2023-2024). Entre sus intereses se encuentran principalmente la literatura española e hispanoamericana de los siglos XX y XXI. Desde 2022 ha formado parte del equipo de corrección de la revista cultural *Parnaso*. Ha participado en el proyecto *Memory Novels LAB: Laboratorio Digital de Novelas sobre Memoria Histórica Española* durante sus prácticas externas y actualmente continúa colaborando en el proyecto. Ha participado en un Erasmus Blended Intensive Program: *Transmediality and Pan-Hispanic Arts: Transtextuality, Transculturality, Transgenres* (2024). Recientemente ha formado parte del comité organizador del “Congreso Internacional Memorias Disidentes”. Género y sexualidad frente al franquismo”.

TÍTULO DE LA COMUNICACIÓN: « Los límites del género en la narrativa breve de Silvina Ocampo y de Mariana Enríquez»

RESUMEN: El presente trabajo plantea un análisis comparativo de dos relatos de dos escritoras argentinas que dialogan en el tiempo: “Las vestiduras peligrosas” (1970), de Silvina Ocampo, y “Las cosas que perdimos en el fuego” (2016), de Mariana Enríquez. El análisis se focaliza en la puesta en jaque por parte de ambos relatos de la noción de género a través de lo que podríamos denominar “falso discurso normativo”, en tanto que tratan de subvertir las lógicas por las que opera la violencia contra la mujer a través de la vestimenta y/o del disfraz, en el primer relato, y a través de la quema de los cuerpos de las mujeres argentinas por voluntad propia, en el segundo. Por medio de esta reescritura de la violencia, que actúa como respuesta sincrónica y diacrónica a la violación y al feminicidio, desvelan, siguiendo la terminología de Judith Butler (1990), la *performatividad* del género al evidenciar que este solo se construye y se fija a través de una serie de actos repetidos que consiguen conformarlo como concepto normativo. Es precisamente la apropiación por parte de ambos relatos del mecanismo constitutivo y funcional del género, es decir, de la ritualización sistemática, en este caso de los actos subversivos, lo que logra que se opere un cambio de armas: la anulación del carácter esencialista con el que se ha pretendido definir el género.

ISA VITÓRIA SEVERINO. Professora Adjunta na Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Instituto Politécnico da Guarda Habilitações Académicas 2015 - Doutora em Literatura pela Universidade de Aveiro, tendo apresentado a dissertação *A vida escrita. Identidade, desejo e linguagem na obra poética de Florbela Espanca e Alejandra Pizarnik*. 2017 - Mestre em Ensino de Espanhol pela Universidade da Beira Interior. 2005 - Mestre em Estudos Portugueses, Universidade de Aveiro. 1999 - Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Estudos Portuguesa pela Universidade de Coimbra. Participação em Congressos nacionais e internacionais, dos quais resultaram a publicação de artigos em revistas científicas. Membro da comissão organizadora e/ou científica de congressos nacionais e internacionais.

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «Judith Teixeira e Florbela Espanca: Poéticas de Resistência e Transgressão na Construção da Identidade Feminina»

RESUMO: O estudo propõe uma análise comparativa das obras de Judith Teixeira (1880-1958) e Florbela Espanca (1894-1930), duas figuras centrais da poesia portuguesa do início do século XX, e insere-se na linha temática “Construção da identidade feminina: imagem e (auto)referencialidades”. Ambas as autoras - Teixeira e Espanca - desafiaram normas sociais e literárias da sua época. Nas suas obras, o eu lírico feminino assume-se prenhe de desejos e angústias; apresenta uma voz lírica que transgride os papéis impostos pela sociedade patriarcal, colocando-o à margem da aceitação literária e social. As intertextualidades que emergem das suas obras permitem explorar, por um lado, de que forma estas autoras desconstruíram as imagens convencionais de feminilidade enquanto criavam espaços de autorrepresentação e emancipação; por outro, como a marginalização das suas vozes reflete não apenas a opressão patriarcal, mas também o silenciamento de contribuições fundamentais para a construção de uma literatura feminina e transgressora.

ISABELA SOUSA RAMOS é estudante no Mestrado em História Contemporânea da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP). Atualmente é bolsista pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT), integra o Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura Espaço e Memória (CITCEM) e investiga a monumentalização da Cidade do Porto no século XIX. Interessa-se pelos debates sobre a história e a memória, bem como pelas teorias sobre a construção da identidade nacional. Anteriormente, licenciou-se em História pela FLUP, com estudos e intercâmbios na Universidade de Brasília e na Universidade de Estocolmo.

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «As representações da figura feminina na estatuária pública do Porto (1818-1933)»

RESUMO: Esta investigação tem como objeto de estudo os monumentos que ocupam os espaços públicos da cidade do Porto e que foram projetados e/ou construídos entre o século XIX até a implantação do Estado Novo, em 1933. O escopo deste trabalho é dar historicidade à edificação destes monumentos e analisá-los enquanto Lugares de Memória (NORA, 1993: 21-24). Desse modo, procura-se entender quais projetos de identidade nacional estão presentes nos monumentos, nos discursos sobre eles e na iconografia e iconologia que eles mobilizam na memória oficial e, por conseguinte, na memória cultural. Esta dissertação analisa 24 monumentos, tanto como ferramentas de propaganda e reflexos de uma

ideologia oficial (CORREIA, 2010: 327) quanto como arte pública, pois é “impossível separar o monumento da sua vida pública e a função social de tal arte é a sua performance estética” (YOUNG, 1993: 735). Ao analisar os processos históricos que contribuíram para a construção de uma narrativa predominantemente masculina da memória coletiva, torna-se possível interpretar os monumentos que ocupam os espaços públicos das cidades (GAMALHO, 2022). Nesse sentido, surge a necessidade de problematizar a memória secundária das mulheres, frequentemente invisibilizada ou relegada a um papel marginal nos espaços públicos (PERROT, 1989: 8). Para o Colóquio Internacional Mulher, espaço público e diálogos interculturais pretende-se explorar a representação da figura feminina em alguns monumentos da cidade do Porto, como o Monumento ao Infante D. Henrique, Monumento aos vencidos do 31 de Janeiro e o Monumento aos Heróis da Guerra Peninsular. O objetivo central desta comunicação é levantar reflexões sobre o papel e a representação das mulheres na estatutária pública. Abordando as seguintes questões: 1) Como as mulheres são retratadas nestes monumentos? 2) O que elas representam? 3) Qual seu papel na composição destas obras? Em suma, tenciona-se discutir a complexa relação entre memória, género e espaço público.

ISIS CAROLINA VIDAL FONSECA. Nascida em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil; Bacharela em Letras — Tecnologia de Edição — pelo CEFET-MG; Mestra em Estudos de Linguagem pelo CEFET-MG; Doutoranda em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos pela FLUP.

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «As Autoras de *La Belle et la Bête*»

RESUMO: *La Belle et la Bête* é uma das histórias mais conhecidas no mundo inteiro. Porém, muitos desconhecem que essa história tem duas autoras: Madame de Villeneuve e Madame de Beaumont. Ambas francesas, que publicaram em coletâneas no século XVIII: *La Jeune Américaine et les Contes Marins* (1740) e *Le Magasin des Enfants* (1746), tendo como público-alvo jovens casadoiras e meninas em formação. A maioria das adaptações dão crédito a versão de Beaumont, considerada a versão clássica, e esquecem da versão de Villeneuve. Mesmo Beaumont mantendo os principais elementos da versão primordial, ela é mais simplificada, já que corta as duas analepses, diminui o número de personagens e apresenta descrições mais enxutas. *La Belle et la Bête* é uma história sobre a transformação por meio do amor, pois o amor permite enxergar

além das aparências: o belo príncipe dentro da horrenda besta. Entretanto, em Villeneuve, esse amor só se concretiza quando La Belle prioriza a gratidão ao amor. Ao aceitar casar-se com La Bête devido a gratidão, La Belle demonstra que uma união feliz é aquela guiada pela gratidão. Em Beaumont, a virtude e o amor são mais importantes que a beleza e a inteligência. La Belle encontra as qualidades para um bom marido e para uma união feliz, que se concretiza quando La Bête transforma-se em um príncipe belo e inteligente. Essa diferença de interpretação das duas obras, marca a diferença entre os públicos-alvos: jovens casadoiras (Villeneuve) e jovens meninas em formação (Beaumont). Em Villeneuve, a história era uma forma de amenizar o receio das jovens casadoras em relação a seus noivos mais velhos, a quem estavam prometidas. Em Beaumont, a história tinha um intuito de ensinar as meninas que a verdadeira feiura era a falta de virtude e a verdadeira beleza estava no amor.

J. CARLOS TEIXEIRA (FLUP / CITCEM) é professor de Literatura Alemã na Universidade do Porto. É doutorado em Estudos Literários, Culturais e Interartísticos pela Universidade do Porto e pela Freie Universität Berlin, com uma tese intitulada “Poética da Tensão na Poesia Lírica do Minnesang: Edição, Tradução e Estudo.” É membro integrado do Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória (CITCEM) e do Centro de Estudos Ingleses, de Tradução e Anglo-Portugueses (CETAPS). Os seus interesses académicos incluem teorias da poesia lírica, poesia medieval, crítica textual e tradução.

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «*Male Gaze* e a Identidade Feminina no Espaço Público e Trovadoresco Alemão»

RESUMO: Muito embora a tradição trovadoresca alemã, conhecida como Minnesang, tenha sido amplamente criada por homens, esta inclui um conjunto de canções chamadas Frauenlieder, nas quais o eu lírico se identifica como uma mulher. Estas canções, comparáveis às cantigas de amigo ibéricas, levantam questões importantes acerca da construção da identidade feminina no contexto literário medieval, bem como da forma como as mulheres eram percebidas pelos homens e, conseqüentemente, pelo espaço público da corte. A presente proposta terá como objetivo entender, então, o modo como a performance literária masculina moldou a imagem da mulher no espaço público dos séculos XII e XIII no contexto alemão. Ao mesmo tempo, serão abordadas as construções de género normativas e as suas implicações para o espaço e tempo em análise. Para isso,

serão analisados textos de Minnesänger como Heinrich von Morungen ou Walther von der Vogelweide, que assumem a voz do género feminino e exploraram a (auto)referencialidade feminina dentro de um campo artístico dominado por homens.

JOANA CÂNDIDA TEIXEIRA frequenta atualmente o mestrado em História, Relações Internacionais e Cooperação, com especialização em Relações Internacionais, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. É licenciada em Estudos Europeus, Estudos Lusófonos e Relações Internacionais na Faculdade de Direito e Ciência Política da Universidade Lusófona – Centro Universitário do Porto. Participou em seminários na área do feminismo, do associativismo e da militância política no feminino e em publicações na área do feminismo, da interrupção voluntária da gravidez e da política internacional. As suas áreas de interesse académico são o feminismo, o conflito e a paz internacional e a cooperação.

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «A resistência antifascista feminina - As mulheres do Partido Comunista Português»

RESUMO: Sob a ditadura fascista, Portugal encontrava-se acorrentado. Vivia-se um período marcado pela inércia geral da sociedade portuguesa, à exceção da ação de resistência de alguns grupos políticos dos quais se destacava a atuação ilegal e clandestina do Partido Comunista Português – vanguarda da classe trabalhadora portuguesa, seguia os princípios ideológicos marxistas-leninistas. O árduo trabalho de construção partidária sobreviveu aos grandes momentos históricos nacionais e internacionais para, posteriormente, a constituição de uma força de resistência à ditadura fascista. Reconhecido como uma associação criminosa subversiva que ameaçava a segurança interna e externa, o partido foi rapidamente considerado um inimigo – manteve-se ativo na clandestinidade, envolvendo-se em todos os combates políticos através da criação de mecanismos complexos de organização dos militantes em território nacional e estrangeiro. Os comunistas eram vítimas da vigilância, da perseguição, da prisão, da tortura e, também, da morte às mãos da polícia política. Esta era a condição geral da resistência antifascista portuguesa, mas esta condição configura-se diferente quando tratamos a resistência antifascista feminina. Nesta celebração do cinquentenário do golpe de estado militar importa a divulgação das histórias de luta das mulheres portuguesas que, mesmo perseguidas, presas e torturadas, nunca deixaram a luta pela resistência ao fascismo. Esta luta que nunca foi uma luta individual, foi

sempre uma luta coletiva. A coragem destes homens e destas mulheres comunistas era imensa. Muitas vezes esquecidas nas suas lutas, as mulheres comunistas portuguesas protagonizaram intervenções muito importantes nos movimentos estudantis, sindicais e eleitorais, organizando-se num partido político ilegalizado, onde realizavam todo o tipo de tarefas. Estas mulheres entravam para a clandestinidade, passando anos e anos seguidos na luta pela liberdade do povo português. Organizaram e participaram ativamente na luta contra o fascismo português. Mas, estas mulheres nunca desistiram do seu compromisso com a luta e a resistência antifascista que realizaram durante anos, décadas.

JORGE FERNÁNDEZ LÓPEZ (Universidad de La Rioja) es Doctor en Filología Clásica por la Universidad Complutense de Madrid (1996) y actualmente ejerce como Catedrático de Filología Latina en la Universidad de La Rioja. Sus intereses de investigación se han centrado principalmente en tres áreas interrelacionadas: la retórica en diferentes períodos históricos (especialmente, la figura de Quintiliano y el Renacimiento), el Humanismo (principalmente español) y la tradición clásica (tanto en las literaturas española como inglesa). Los resultados de esta investigación se han plasmado en numerosas publicaciones y participaciones en congresos. Ha supervisado cuatro tesis doctorales y ha sido investigador principal de varios proyectos de convocatorias nacionales. En el apartado de gestión, ha sido director de Departamento de Filologías Hispánica y Clásicas y Decano de la Facultad de Letras en la Universidad de La Rioja.

TÍTULO DE LA COMUNICACIÓN: «Reinas, santas y estudiosas: biografías femeninas en la República de las letras»

RESUMEN: La idea de una ‘República de las letras’ como comunidad cultural europea que reunía a todos los intelectuales y eruditos de los siglos XVI y XVII por compartir un lenguaje y una serie de concepciones comunes se cimentaba, en buena parte, en géneros textuales y editoriales que, de manera diversa, condensaban distintas parcelas del saber o de la existencia humana y pretendían tener un alcance ‘universal’. Compuestos inicialmente en latín por ser esa la lengua de ‘la comunidad’, uno de estos productos especialmente exitoso es el del compendio de ‘vidas de...’: se cuentan por decenas las obras dedicadas a reunir relatos biográficos de personajes célebres, en las que el afán didáctico y ejemplar es predominante. En el conjunto de estos numerosos libros *de viris illustribus* no solo es frecuente encontrar apartados específicos sobre personajes femeninos, sino

que hubo también un puñado de compilaciones que se dedican exclusivamente a mujeres célebres (Boccaccio inaugura el género con su *De mulieribus claris* ya en el siglo XIV). Esta comunicación se centra en analizar la configuración de la identidad femenina que se deduce de varios de esos compendios: el *De claris mulieribus* de G. F. Foresti (1497), el *De memorabilibus et claris mulieribus* de J. Tixier (1521), los *Illustrium mulierum elogía* de G. C. Capacio (1608) y el *Theatrum historicum de virtutibus et vitiis illustrium virorum et feminarum* de A. M. Graziani (1681). En todos ellos afloran los rasgos estereotipados con los que lo que podríamos llamar el ‘erudito medio’ construye los ejemplos femeninos, que revisten especial interés cuando la biografía pertenece no a mujeres de la historia remota o legendaria, sino a personajes contemporáneos. Así, junto a la tensión típica y secular entre mujer poderosa, seductora y malvada frente a la virtuosa y familiar, aparecen retratos más complejos que tímidamente describen el aprecio por mujeres autónomas y culturalmente valiosa.

JORGE MONTANHA ARAÚJO é formado nas áreas da História e da Gestão do Património Cultural. É investigador colaborador do CITCEM e em 2024 concluiu o doutoramento em História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com uma tese intitulada *Rui de Pina: um “Cronista Global”?* (projeto financiado pela FCT). Tem vindo a estudar a utilização de fontes estrangeiras por Rui de Pina nas crónicas dos reis de Portugal, da primeira dinastia. Organizou em 2022, juntamente com Filipe Alves Moreira, seu orientador, a mostra *Rui de Pina: 500 anos depois*, na Biblioteca Nacional, que deu origem à publicação de um catálogo. Colabora ainda na organização das *Sessões de Cronística Medieval*. <https://www.cienciavita.pt//pt/8F1F-5A0A-8513>

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «As mulheres nas crónicas de D. Sancho I a D. Afonso IV, de Rui de Pina: modelos e fontes»

RESUMO: As crónicas de Rui de Pina (ca. 1440-1522) constituem um importante marco na construção da memória coletiva portuguesa. Nesta comunicação iremos analisar a representação das mulheres especificamente nas crónicas dos reis da primeira dinastia (de D. Sancho I a D. Afonso IV), nas quais o cronista-mor de D. Manuel trabalhou a partir de 1514. Atentaremos nos modelos e nas fontes do cronista, procurando perceber de que forma estas foram utilizadas. Propondo um sentido e um significado para o modo como Rui de Pina segue ou se desvia das suas fontes, pretendemos contribuir para uma melhor compreensão do papel das

mulheres na narrativa historiográfica deste cronista, que é também a narrativa historiográfica “oficial” da monarquia portuguesa no início do século XVI.

JOSÉ MARIA BARBOSA é licenciado em História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, encontrando-se agora a realizar mestrado em História Contemporânea. A sua dissertação de mestrado é intitulada de *As emoções em Fátima no projeto memorial da Igreja Católica (1917-1951)* onde procura explorar a memória oficial da Igreja Católica sobre os acontecimentos e as emoções como parte desse discurso.

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «“Minha Nossa Senhora, salve Portugal”: Mulher, Criança e Ruralidade na Literatura Religiosa de Fátima (1917-1922)»

RESUMO: No imaginário católico, a religião institucional é tradicionalmente associada a figuras masculinas, como santos e profetas, enquanto a religiosidade popular se conecta às mulheres e crianças (Espírito Santo, 1990). Com base nessa perspetiva, esta exposição procura explorar, na memória coletiva do catolicismo, os significados simbólicos de ser mulher ou criança no contexto do espaço rural, através do caso de Fátima. A primeira literatura sobre as *aparições*, é marcada pelo que a Igreja considera ser um período de crise associada à I Guerra Mundial e o projeto secular republicano (Torgal, 2011). Neste sentido a instituição religiosa que se sente longe dos indivíduos, aproveita as propriedades da religiosidade popular para se aproximar dos seus crentes através de uma religião mais imersiva de práticas comunitárias. Procurando este afastamento da prática institucional, o discurso religioso aproveita a figura feminina para dar a ideia de uma forma de fé mais próxima e acessível. Nossa Senhora, enquanto mãe, conforme as expectativas sociais da época, é atribuído o papel de pilar espiritual da família, com a responsabilidade de moralizar e guiar os seus membros. A relação entre o feminino e o culto é explorado também sob uma visão política, na qual a Igreja responde ao anticlericalismo numa “feminização” das práticas. Nesse contexto, a mulher emerge como pilar da transmissão da fé às novas gerações e meio de reintegração dos homens à prática religiosa. Assim, o culto de Fátima não é apenas uma manifestação espiritual, mas também uma estratégia de resistência cultural e religiosa. Conclui-se que o culto, enquanto reforça valores tradicionais, adapta-se ao contexto sociopolítico da época, consolidando um modelo hierárquico em que o divino assume funções disciplinares e protetoras, refletidas na dinâmica social entre pai e mãe.

JULIANA AMORIM DA CRUZ (Universidade Federal São Paulo) é mestranda em História na Universidade Federal de São Paulo, com bolsa CAPES. Graduada em História pela mesma instituição (2022). Integra os Grupos de Pesquisa em “História Social da Cultura: Literatura, Imprensa e Sociedade” (UNIFESP), coordenado pelo Prof. Dr. Denilson Botelho e “História, Literatura e Sociedade” (UFSC), coordenado pelo Prof. Dr. Adriano Luiz Duarte. Desenvolve pesquisa, desde a graduação, sobre a trajetória e a obra do escritor e jornalista brasileiro Domingos Ribeiro Filho (1875-1942).

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «Amor, sexualidade e liberdade feminina num romance anarquista do Brasil da Primeira República»

RESUMO: Esta comunicação propõe a análise do romance *Uma paixão de mulher*, publicado no Rio de Janeiro (1913) pelo escritor e militante anarquista Domingos Ribeiro Filho (1875-1942). Trata-se de apresentar as possibilidades de compreender este romance como testemunho histórico de seu tempo, ao passo em que também representa a intervenção efetiva do autor no movimento da história. *Uma paixão de mulher* acompanha a história de Cecília e Adriano, dois adúlteros que se entregam a um envolvimento amoroso no Rio de Janeiro dos anos de 1910. Por meio de uma intensa troca de correspondências entre os dois, acompanhamos não só o desejo e as confidências, como também as incertezas, medos e anseios expressados por Cecília frente à possibilidade de finalmente entregar-se a uma relação por amor e não por convenção social, como era seu próprio casamento. Este é um dos pontos centrais desse romance pois reflete justamente o modo como a moral e os costumes vigentes à época se traduziam em formas de controle do corpo e do desejo feminino, especialmente através do casamento, entendido como destino incontornável à mulher. O ponto alto do romance reside na abordagem da complexidade de temas como o amor livre, o livre exercício da sexualidade, os desejos e a liberdade do corpo feminino, a partir da experiência de uma mulher que viveu ainda nas primeiras décadas do século XX. Os lugares de esposa e mãe de família são repensados e ressignificados pela personagem no desenrolar da trama, até tornarem-se outra coisa - esta mais livre e autônoma - que não o destino incontornável de uma mulher. É Cecília quem narra toda a história. Com ela, o leitor se vê questionando também seus desejos, a naturalização de posições construídas socialmente e os dilemas morais que circundam sua própria vida e cotidiano.

JULIANA MARÍN RODRÍGUEZ (Universidad de Granada). Licenciada en Filosofía de la Universidad de Antioquia y estudiante de la maestría Erasmus Mundus en Estudios de las Mujeres y de Género GEMMA.

TÍTULO DE LA COMUNICACIÓN: «La experiencia de las guerrilleras colombianas: entre emancipación y refeminización»

RESUMEN: Este trabajo pretende contribuir a los debates en torno al género y la guerra en el contexto del conflicto armado interno colombiano. En ese sentido, explora las tensiones entre emancipación y opresión en la experiencia de las guerrilleras colombianas, al tiempo que pretende entender las barreras que tuvieron para la militancia y analizar la relación entre insurgencia política y dinámicas de género. Para ello, se revisan testimonios, biografías y autobiografías de guerrilleras colombianas, específicamente se retoman las experiencias de Maria Eugenia Vásquez, Leonor Esguerra y Carmenza Londoño. A partir de estas se argumenta que la figura de la guerrillera en Colombia es paradójica, en el sentido de que si bien permitió a las mujeres ocupar un lugar en la arena política y les brindó en ese sentido posibilidades emancipatorias, también se constituyó como un lugar de asignación de roles de género donde se reproducían violencias y estereotipos. Por último, se problematiza la relación entre mujeres y construcción de paz, examinando las múltiples formas en que podría aparecer esta vinculación para evitar la esencialización que presenta la paz como un valor femenino. Se concluye que a pesar de que la figura de la guerrillera en Colombia tuvo un potencial emancipador no siempre se materializó, y cuando lo hizo, coexistió con las estructuras patriarcales dentro de los movimientos revolucionarios. Esta coexistencia no impidió el despliegue de la agencia de las guerrilleras, pero las condicionó de modo tal que no se puede analizar su figura sin el género como elemento transversal. Asimismo, muchas exguerrilleras no abandonaron su participación política en el posconflicto, y más bien la reforzaron moviéndose al campo de las luchas feministas.

LAURA ARRIBAS GONZÁLEZ. Doctora en lingüística por la Universidad de Santiago de Compostela con la tesis *El léxico de la náutica y la marinería en la lexicografía histórica del español: los diccionarios académicos 1933- 1936 y 1960-1996*, la cual obtuvo la calificación de Sobresaliente *cum laude*. Tras ello, publicó distintos libros, que fueron traducidos a varios idiomas, entre ellos, el inglés, el francés, el italiano, el alemán o el ruso. También participó como ponente en diferentes

congresos internacionales abordando temas relacionados con la lengua y la literatura española. Actualmente, es profesora en la Universidad de Vigo.

TÍTULO DE LA COMUNICACIÓN: «Los términos de *mujer fatal* y *vampiresa* en la literatura española: su presencia en los textos»

RESUMEN: Dentro del papel de la mujer como personaje literario se pueden diferenciar distintos arquetipos. Uno de ellos, es el de la *mujer fatal*. Es decir, el de la “mujer seductora que ejerce sobre los hombres una atracción irresistible y peligrosa” (*Diccionario de la Lengua Española*, 2025, Real Academia Española). Este término, que procede del francés *femme fatale*, tiene como sinónimo en castellano el sustantivo *vampiresa*: una derivación de la forma inglesa *vamp*, que es el nombre del personaje interpretado por Theda Bara en la película *A fool there was* (1915) el cual posee las características arquetípicas de una mujer fatal. El objetivo de este trabajo es analizar la presencia de estas voces (*mujer fatal* y *vampiresa*) en los textos de la literatura española. Esto permitirá ver, por un lado, las características de los textos que las contienen (en términos de tipología genérica y temática), y, por otro lado, qué autores las emplean y con qué sentido lo hacen. Metodológicamente, dos etapas. En la primera, se consultaron tres *corpus* de la Real Academia Española: el *Corpus Diacrónico del Español* (que abarca desde los inicios del castellano hasta 1974), el *Corpus de Referencia del Español Actual* (que comprende desde 1975 hasta 2004) y el *Corpus del Español del Siglo XXI* (que contiene documentos publicados en la centuria actual). En ellos se buscaron las voces *mujer fatal* y *vampiresa*, así como sus formas plurales: *mujeres fatales* y *vampiresas*. En la segunda etapa, se diseñó un programa para analizar la información obtenida en la fase anterior. Los resultados revelaron la existencia de similitudes, pero también de importantes diferencias, entre los textos que incluyen estas voces en sus líneas, tanto en el punto de características como en el de autoría.

LEONOR CALVÃO BORGES & ANA CRISTINA MARTINS

LEONOR CALVÃO BORGES. Arquivista, tendo desempenhado funções na Câmara Municipal de Lisboa (1987-1997), no Instituto Português do Património Arquitectónico (1997-2001) e, desde 2001, na Assembleia da República, desempenhando atualmente funções na área da documentação legislativa e parlamentar. Doutorada em Ciência da Informação pela Universidade de Coimbra e investigadora integrada no CITCEM, é sócia da Associação

Portuguesa de Ex-Líbris, do Instituto Português de Heráldica e da Associação Portuguesa de Genealogia, tem publicado sobre estas áreas em publicações nacionais e internacionais.

ANA CRISTINA MARTINS. Historiadora, investigadora e docente universitária, no antigo Instituto de Investigação Científica Tropical (2008-2014), na Universidade Lusófona de Lisboa (2007-) e na Universidade de Évora (2019), é autora de mais de cem títulos publicados em revistas e monografias nacionais e estrangeiras sobre história da arqueologia, colecionismo e museus, com especial incidência sobre a arqueologia no feminino e a receção da antiguidade. Doutorada em História (História da Arte), Mestre em Arte, Património e Teoria do Restauro e Licenciada em História, variante de Arqueologia, pela Universidade de Lisboa, é investigadora integrada do IHC NOVA FCSH, da Sociedade de Geografia de Lisboa, da Associação dos Arqueólogos Portugueses, da Academia Portuguesa de Ex-Líbris, da Academia Internacional da Cultura Portuguesa e da AGE-Archaeology and Gender in Europe - Community of the European Association of Archaeologists.

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «Cidadãs, escritoras, leitoras, colecionadoras e artistas: o ex-librismo no feminino em Portugal»

RESUMO: Durante a primeira metade do século XX português, a taxa de analfabetismo geral variou entre os quase 75% em 1900 e os 40% já em 1950. No entanto, se nos ativermos apenas ao analfabetismo feminino, ele é sempre maior em cerca de 10% em relação ao masculino. Num quadro geral onde, socialmente, também seria difícil uma mulher ter um quarto que fosse seu, na expressão de Virginia Wolff, e muito menos ser possuidora de livros ou mesmo de bibliotecas, a existência documentada de ex-libris de mulheres, que os escolhem e apõem nos seus livros, revela um estatuto diferenciado, que nos parece merecedor de análise. Assim, o objetivo desta comunicação é o de, através de um estudo de caso, identificar três dessas possuidoras que se destacaram em diferentes campos do ex-librismo, analisando os seus contextos, a escolha da sua marca de posse, o desenho dos mesmos, bem como os seus diferenciados papéis no desenvolvimento do ex-librismo em Portugal. Falamos de Ana de Castro Osório (1878-1935), Guida Keil (1885-1955) e Maria Giovanni Bessone (1930-2023) que partilham a circunstância de serem leitoras, possuírem livros e marcarem-nos com os seus ex-libris, mas vão muito para além disso. De facto, Ana de Castro Osório como escritora e política, Guida Keil como colecionadora e sócia fundadora

da Academia Portuguesa de Ex-libris e Giovanna Bessone como desenhadora de ex-libris, contribuem de forma decisiva para a atividade ex-libristica em Portugal. Realça-se ainda o contributo que a abordagem do ex-librismo como fonte iconográfica e, eventualmente, textual, quando existem legendas, pode dar para a história da arte, da cultura e das mentalidades.

LILIA SOLÓRZANO ESQUEDA. Doctora en Humanidades en la línea de Teoría Literaria.

Actualmente es profesora del Departamento de Letras Hispánicas de la Universidad de Guanajuato, México.

LIBROS: (2020). *Xirau* ISBN UG: 978-607-441-820-0; e-ISBN: 978-607-441-821-7; ISBN Ediciones La Rana Gobierno del Estado: 978-607-8770-09-0; (2017). *Al encuentro del sentido. Diálogos entre la literatura y la filosofía* [coord.] ISBN: 978-607-9426-84-2; (2017). *Segovia* ISBN: 978-607-441-470-7; (2015). *Elías Nandino. Entre la convicción y el temblor* ISBN: 978-607-28-0426-5; (2014). *De la ironía, el amor y la seducción en Kierkegaard* ISBN: 978-607-441-258-1; (2013). *Anagnórisis: el territorio de la reconciliación* ISBN: 978-607-7601-61-6. Y diversos capítulos en libros colectivos y artículos en revistas académicas sobre poesía mexicana e hispanoamericana, relaciones entre literatura y filosofía, y revistas literarias. Es miembro del Sistema Nacional de Investigadores CONAHcyT, y premio nacional de ensayo literario José Revueltas. Es directora de la revista académica *Valenciana. Estudios de literatura y filosofía*. Su proyecto actual de investigación versa sobre poesía y distintas formas de violencia.

TÍTULO DE LA COMUNICACIÓN: «La primera Rosario Castellanos. La elección de sí»

RESUMEN: Rosario Castellanos nació y vivió hasta los 15 años en un pequeño pueblo de Chiapas, México, llamado Comitán que, según un censo de 1940, apenas contaba con una población de poco más de 19 mil habitantes; en palabras irónicas de la propia escritora, un lugar “situado en pleno siglo XVI”. Con un padre terrateniente, esclavista de indígenas, con todos los vicios del patriarcado, y una madre ama de casa, su ambiente familiar fue muy poco amoroso y más bien violento y represor. Pese a este contexto adverso, Castellanos toma la primera decisión fundamental de su vida: estudiar la licenciatura y luego la maestría en la Facultad de Filosofía y Letras de la principal universidad de México consiguiendo con ello ser una de las primeras mujeres con un posgrado en filosofía en nuestro país. La segunda determinación igual de importante, por la misma época, fue dedicarse a la escritura literaria. Ambas acciones integran los incipientes pasos del complejo

proceso que significaría elegirse a sí misma. En uno de sus poemas “Origen”, de 1950, un par de versos expresan la difícil construcción de esa voluntad y conciencia: “Sobre el cadáver de una mujer estoy creciendo, / [...] me levanto tenaz, definitiva”. En este trabajo pretendo explorar las primeras bases de la construcción de esa voluntad, no obstante el alud de mundo en contra que Betty Friedan conceptualizó como “malestar que no tiene nombre” en su libro *La mística de la feminidad*; así como las ideas que la misma Castellanos analiza en *Sobre cultura femenina* en el sentido de una espesa red que sujeta y determina a las mujeres como seres destinados a un sitio de permanente desventaja y marginación.

LUÍSA RODRIGUES DE FARIA CUSTÓDIO. Licenciada em Línguas, Literaturas e Culturas (na variante de Estudos Portugueses e Ingleses) pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, é mestranda em Ensino de Português no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário. Possui também uma formação especializada em Estudos Literários, Culturais e Interartes, pela mesma instituição, tendo concluído o primeiro ano desse Mestrado. Colabora atualmente na revista ElingUP – Revista Eletrónica de Linguística da Universidade do Porto e modera um clube de leitura com estudantes do Ensino Secundário na Escola Secundária João de Araújo Correia.

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «“Do outro lado do espelho”: As Cartas Apologéticas de Gertrudes Margarida de Jesus»

RESUMO: No âmbito desta comunicação, e seguindo as linhas temáticas que concernem as mulheres e a criação artística na Idade Moderna, bem como questões de construção de identidade feminina, parece-nos relevante convocar Gertrudes Margarida de Jesus, autora da Primeira Carta Apologética em favor, e defesa das Mulheres e da Segunda Carta Apologética em favor e defesa das mulheres, respetivamente. Editadas em 1761, como resposta ao Espelho Crítico (1761) de Frei Amador do Desengano, são documentos exemplares no âmbito da afirmação do intelecto feminino e na desconstrução de preconceitos criados a respeito da mulher, de modo a sustentar uma sociedade patriarcal, funcionando também como uma espécie de catálogo de célebres figuras femininas, tanto estrangeiras como portuguesas. Frei Amador do Desengano advoga que as mulheres são naturalmente vis, independentemente do contexto em que se encontram. A autora assume o estatuto de porta-voz contra as ofensas veiculadas no Espelho Crítico.

Deste modo, o presente trabalho explora a argumentação e contra-argumentação destes autores, versando sobre as características definidoras do género feminino. Ao passo que Frei Amador do Desengano imputa três defeitos à mulher, que lhe seriam inerentes (ignorância, inconstância e formosura), Gertrudes de Jesus rebate incisivamente estas assunções infundadas, apoiando o seu discurso numa grande pluralidade de fontes teóricas e empíricas. Afinal, Gertrudes Margarida de Jesus, ao longo das duas cartas, demonstra que é letrada em várias matérias (Literatura, Filosofia, História, Retórica, Direito, Latim, entre outros). A autora demonstra ter uma clara consciência de que a grande parte dos estereótipos construídos à volta da mulher são indubitavelmente efabulados pelos homens que os querem ver perpetuados para manter o controlo social. Trata-se de uma análise próxima do texto, em que ficam claras as competências argumentativas de Gertrudes Margarida de Jesus e em que é enaltecido o seu discurso marcadamente erudito, reivindicativo e, por vezes, irónico.

MAFALDA BORGES SOARES é *Attachée Temporaire d'Enseignement et de Recherche* na Université Sorbonne Nouvelle, onde leciona literatura e cultura portuguesas. Exerceu a mesma função na Université Paris 1 Panthéon-Sorbonne de setembro de 2023 a agosto de 2024. Entre 2021 e 2023, foi leitora de português na Faculté des Lettres de Sorbonne Université, tendo tido a seu cargo disciplinas como Civilização de Portugal e História de Portugal. Entre 2020 e 2023, deu aulas de língua e de tradução literária (francês-português) na Université Sorbonne Nouvelle. Doutorou-se em 2022 em Estudos Portugueses e Românicos, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, com uma tese sobre Marcel Proust e Clarice Lispector. Em agosto de 2024, terminou um pós-doutoramento na Sorbonne sobre o estatuto do narrador em José Saramago e Annie Ernaux. A sua investigação centra-se em literaturas lusófonas (com especial enfoque na literatura portuguesa) e literatura francesa dos séculos XX e XXI.

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «As mulheres (d)e Freud: literatura e espaço feminino em dois romances de Teolinda Gersão»

RESUMO: Partindo da análise de alguns excertos dos romances *O Regresso de Júlia Mann a Paraty* (2021) e *Autobiografia não escrita de Martha Freud* (2024), a nossa comunicação pretende demonstrar que a literatura de Teolinda Gersão tem como principal escopo contornar o silêncio e o silenciamento de duas mulheres direta e indiretamente ligadas a Sigmund Freud. Insistindo na ideia de que a trama

daqueles livros se tece mediante a construção de um espaço simbólico dentro do qual o feminino pode por fim exprimir-se, visaremos examinar de que modo a autora portuguesa reconfigura a memória coletiva graças a uma transferência da memória individual para a sua escrita, fazendo com que a introspeção seja o meio, por excelência, graças ao qual se contornam o anonimato e o esquecimento. Sublinharemos, outrossim, o facto de Teolinda Gersão insistir nas dinâmicas de diálogo e de espelhamento oblíquos a fim de dar a conhecer o discurso feminino na sua condição de busca. Com o intuito de reforçarmos a base teórica sobre a qual se desenvolverá o nosso trabalho – e de entrelaçarmos, como tão bem o faz Teolinda Gersão, literatura e psicanálise –, não deixaremos de recorrer a textos freudianos que se propõem abordar a psique feminina, sobretudo a obra *La féminité* na sua tradução francesa (Payot, 2016). Tratar-se-á, no fundo, de compreender como pode a palavra literária resgatar aquilo que a palavra psicanalítica recalcou e como pode a literatura transformar-se num divã sobre o qual a mulher (re)toma o próprio discurso, utilizando em seu benefício o potencial terapêutico de autognose que o pai da psicanálise reconheceu na palavra expressa e no processo de transferência. Em jeito de conclusão, não deixaremos de justificar o parêntesis que aparece no título da nossa comunicação, o qual encerra uma dupla leitura da relação de Júlia e de Martha com Freud.

MARGARITA PEARCE PÉREZ (UNIVERSIDAD DE LA LAGUNA). Profesora Ayudante doctora en la Universidad de la Laguna. Se doctoró en Musicología por la Universidad de Oviedo. Realizó una estancia en la Pontificia Universidad Católica de Chile tras haber obtenido la beca posdoctoral de Recualificación del sistema universitario español 2021-2023. Además, ha sido beneficiarias de otras ayudas de formación, tales como: el programa pre-doctoral «Severo Ochoa» del Principado de Asturias (2017-2021). Ha participado en congresos nacionales e internacionales en países como Cuba, México, Chile, España, Grecia e Italia. Publicó el libro *La música en el contexto religioso de La Habana colonial (1853-1898): espacios, músicos y repertorios*. También ha publicado en revistas de alto impacto como *Resonancias*, *Latin American Music Review*, *el oído pensante* y *Revista de Musicología*. Ha trabajado en la Universidad de Oviedo, en el Centro de Investigación y Desarrollo de la Música Cubana y en el Gabinete de Patrimonio Musical Esteban Salas.

TÍTULO DE LA COMUNICACIÓN: «Voces en la periferia: mujeres y música en la iglesia chilena a mediados del siglo XIX»

RESUMEN: El objetivo de la presente ponencia es realizar una primera aproximación acerca del rol que ocuparon las mujeres en la actividad musical de las iglesias y parroquias de la Arquidiócesis de Santiago de Chile en la segunda mitad del siglo XIX. Para ello se tuvieron en cuenta los estudios de la musicología urbana (Marín 2014), así como el concepto de periferia (Martínez y Ramos 2015; Vera y Andrés 2018), con el propósito de abordar, especialmente, aquellas instituciones ubicadas en zonas suburbanas y rurales. Esto nos lleva establecer algunas hipótesis y es que en las zonas periféricas del Chile central se dieron ciertas condiciones que propiciaron una mayor libertad para contratar mujeres a cargo de la música en las iglesias, más allá del ámbito conventual (Vera 2004, 2020). Sustituyendo así el trabajo que por siglos había sido de hombres como sucede en San Bernardo, Melipilla, Petorca y Talca. Esta praxis respondió a una necesidad, pero también a una costumbre asumida socialmente y “aceptada” por las autoridades eclesiásticas, aunque no legitimada. Coincidiendo con Gonzalo Martínez y José Miguel Ramos (2021), la intervención de las cantoras campesinas en las iglesias parece prefigurar como parte de las prácticas de sociabilidad transmitidas por generaciones hasta la actualidad. De manera que la creciente representación femenina en el culto pudo haber sido una preferencia, ligada a la religiosidad popular y a la importancia que alcanzó como figura medular en el contexto rural del Chile central (Becker 2011).

MARIA APARECIDA DA COSTA é Doutora pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com Doutorado Sanduiche pela Faculdade de Letras de Coimbra – Portugal; Pós-Doutorado pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Professora Adjunto da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (onde ministra disciplinas de Literatura Luso-brasileira); Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Letras, na mesma Universidade. Membro dos Grupos de Pesquisa: Grupo de Estudos Críticos da Literatura e Grupo de Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa. Autora do livro *A paz tensa da chama fugaz: a configuração do amor no romance contemporâneo*, Lygia Fagundes Telles e Lúcia Jorge, (EdUFRN, 2015) e sócia da Associação Portuguesa de Escritores – APE.

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «Amor em tempos de folhas caídas: O envelhecimento feminino no romance *Misericórdia*»

RESUMO: A literatura contemporânea tem jogado luz sobre questões caras ao momento conturbado pelo qual passa a história da humanidade. Destaque para a escritora

Lídia Jorge que, a partir da perspectiva de um “novo realismo”, conforme aponta Schollhammer (2009), traz à tona assuntos que sempre foram tabus, principalmente quando se trata de desejo e erotismo, e isso se junta com o etarismo, quando o corpo em destaque é o feminino. A partir do momento em que a idade vai avançando, avança também o abandono do sujeito envelhecido, e entra em questão a alteridade do velho nas representações sociais (Beauvoir, 1990). No romance *Misericórdia* (2022), Lídia Jorge destaca todos estes temas tabus relativos ao sujeito envelhecido, em uma narrativa que tem como *locus* um lar de idosos, cuja protagonista, Maria Alberta, narra como é viver em um espaço onde se é “hospedado” para esperar a morte. Portanto, o texto explora a relação entre aquelas pessoas, suas dores físicas e existenciais; relata a falta de afeto, mas também a troca de afeto, bem como as manifestações do amor erótico entre os “hospedes”. Nessa investigação, vamos analisar como a narrativa explora a memória como recurso para a protagonista resgatar restos de vida e afeto, já que o corpo debilitado nem sempre consegue a realização física dos desejos. A memória, portanto, permite que esta senhora reencontre o prazer de amar novamente, um amor idealizado mas que é capaz de passar a limpo questões do passado, atualizando o presente como é característico da memória (Jacques Le Goff, 1994). Por esse prisma, o texto literário pode colaborar com o pensar crítico sobre a mulher e suas paixões depois que seu corpo já não reproduz.

MARÍA DEL PINO SANTANA QUINTANA (Universidad de Las Palmas de Gran Canaria) es doctora en Filología Inglesa y profesora de la Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, donde imparte docencia en literatura contemporánea y estudios fílmicos. Actualmente, sus trabajos de investigación se centran en el cine independiente y en la narrativa contemporánea. Es editora del volumen *El grosor del polvo. Cultura popular en el ámbito hispánico* (2024). Algunos de sus artículos más recientes son: “El espectador psicótico: identificación y delirio en *Tony Manero*, de Pablo Larraín” (2024), “Subjetividad y deseo en *The Blossoming of Maximo Oliveros*” (2023), “Disidencia porno en *Love* de Gaspar Noé” (2021), “Paraíso imposible: sexo y diversidad funcional en *Oasis*” (2019) o “*God gave me a penis*: identidad transgénero en *Tangerine*” (2017).

TÍTULO DE LA COMUNICACIÓN: «Dos mamás y un papá: retrato de familia en *Rara*, de Pepa San Martín»

RESUMEN: La ópera prima de la directora chilena Pepa San Martín, *Rara* (2016), está inspirada en el caso real de la jueza Karen Atala, que en 2003 perdió la custodia de sus dos hijas por vivir con su pareja lesbiana. El título de la cinta es un calificativo que alude a la cosmovisión de Sara, la hija adolescente que percibe la diferencia por convivir con su madre y su pareja lesbiana. Pero “rara” es también la familia constituida por su padre y su nueva mujer, que, bajo la mirada denunciadora de San Martín, se rige por un orden burgués y encorsetado. *Rara* es un filme de mujeres libres y, sin embargo, desamparadas por la ley. El presente estudio se centra en el cuestionamiento de la familia normativa que plantea la película e intenta dar respuesta a esa condición de “rareza” que experimenta Sara, cuya particular mirada compone el eje central de la narración. Para ello, nos apoyaremos, entre otras obras, en el *Informe Amicus Curiae* (2011) de Judith Butler.

MARIA DO CARMO CARDOSO MENDES é professora e investigadora da Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas da Universidade do Minho, onde desempenhou as funções de vice-presidente de Escola e presidente do Conselho Pedagógico. Dirige a Licenciatura em Estudos Portugueses – ELACH/UMINHO. Especialista em Literatura Comparada, em Literaturas e Culturas Africanas de Língua Portuguesa, e em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea, tem publicado ensaios sobre: literaturas de língua portuguesa; Mito de Don Juan; Ecocrítica; Literatura Fantástica e Policial; Influências clássicas na Literatura Portuguesa Contemporânea. É vice-presidente do InFast – Instituto de Estudos do Antropoceno – e coeditora da publicação académica *Anthropocenica. Revista de Estudos do Antropoceno e Ecocrítica*. As suas publicações mais recentes são os livros *Ecocriticism 2018. Literature, Arts and Ecological Environment* (2018 – em colaboração com Isabel Ponce de Leão e Sérgio Lira); *Africanidades Eletivas. 22 Estudos de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa* (2020); *Green Marble. Studies on the Anthropocene and Ecocriticism* (2023).

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «*Silêncio aberto de plenitude: a obra poética de Glória de Sant’Anna*»

RESUMO: Glória de Sant’Anna (1925-2009), escritora de origem portuguesa que viveu em Moçambique entre 1951 e 1974, produziu uma obra literária que inclui poesias, contos e crónicas. A sua obra poética é um apelo à fraternidade cultural e racial, à liberdade de criação poética cerceada à mulher e à celebração do continente

que definiu uma parte da sua identidade. Trata-se também de uma obra profundamente dialógica, promovendo uma interação literária com escritores portugueses, sobretudo com Sophia de Mello Breyner, e de uma escrita que valoriza as impressões sensoriais. No ano comemorativo do primeiro centenário do nascimento da escritora, esta comunicação tem como propósitos centrais: 1. Identificar motivos nucleares da obra poética de Glória de Sant’Anna: a experiência dolorosa do “retorno” vivida em primeira pessoa com a descolonização; as memórias felizes de Moçambique, especialmente relevantes na representação de uma relação harmoniosa Homem-Natureza; 2. Analisar a superação de preconceitos raciais e de género na obra poética de Glória de Sant’Anna; 3. Reconhecer diálogos intertextuais apresentados nos textos poéticos; 4. Evidenciar os valores humanistas que definem a obra poética de Glória de Sant’Anna.

MARÍA FERNANDA TENECHE. Actualmente, es candidata al título de Doctora en Humanidades en la Universidad Pompeu Fabra de Barcelona, España. Ha sido traductora y editora para agencias y editoriales en Colombia, Estados Unidos y España. Así mismo, tiene una amplia experiencia como docente universitaria. En el 2020, ganó la beca Colfuturo otorgada por el gobierno colombiano a jóvenes investigadores y en el 2023, sus relatos cortos *Quien soy* y *A la niña con piel de trapo* fueron incluidos en la antología *El valle relata, 34 mujeres* de la editorial colombiana El silencio. Los últimos años ha centrado su interés investigativo en la escritura de mujeres y en la representación de la mujer en la sociedad latinoamericana.

TÍTULO DE LA COMUNICACIÓN: «Configuración de la identidad femenina en *Sabor a mí* de la colombiana Silvia Galvis»

RESUMEN: Esta comunicación se centra en la construcción de la identidad femenina en la novela *Sabor a mí* (1994) de la escritora colombiana Silvia Galvis. Me propongo analizar los contenidos de género que se transmiten a las protagonistas de esta novela cuya diégesis se sitúa en la sociedad colombiana entre 1940 y 1960. En este marco, procuro contribuir al diálogo —vigente y escasamente trabajado en la bibliografía académica— entre la crítica literaria feminista y otras áreas de los estudios de género, que evidencian cómo, a través de sus protagonistas, las escritoras latinoamericanas cuestionan las reglas de la sociedad heteropatriarcal y pugnan por (re)construir su propia identidad. En su obra, Silvia Galvis aborda

una visión crítica de la sociedad colombiana de mediados del siglo XX para llamar la atención sobre la condición de la mujer y su viaje de autoconocimiento. El estudio detallado de la obra, a la luz de estudios sobre la sociedad colombiana de esa época (Helg, 2022) y la reelaboración conceptual sobre la sexualidad femenina que, desde una perspectiva de género, ha hecho el psicoanálisis (Levinton, 2000), me permite concluir que los contenidos de género son transmitidos por instituciones simbólicas; algunas protagonistas se reducen a ellos y otras, por el contrario, a través de rupturas con tradiciones e ideologías, buscan reescribir su sentido dentro del espacio social y consolidan su conciencia como sujeto mujer.

MARIA JOÃO REYNAUD (FLUP / CITCEM)

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «Máscaras e sombras no universo ficcional de Agustina Bessa-Luís»

MARÍA TERESA GONZÁLEZ DE GARAY FERNÁNDEZ (Universidad de La Rioja). En 36 años de investigación destaco 3 líneas principales: 1. Los trabajos sobre poesía barroca relacionados con la tradición clásica y con las polémicas literarias generadas en esa época, siempre desde la perspectiva de la historia de la literatura española en sus relaciones con la tradición clásica. 2. Trabajos sobre autores del exilio republicano español de 1939. En este apartado he prestado particular atención a cuestiones de género, estudiando y editando autoras poco conocidas, como María Teresa León, María Lejárraga, Rosa Chacel, María Luisa Elío o Dolores Masip (este caso es especialmente significativo porque en España no se conocía en absoluto su labor como escritora y en México había sido por completo olvidada). También he estudiado muchos personajes femeninos de autores del exilio (Antonio Ortega, Segundo Serrano Poncela, Paulino Masip, Max Aub). Más de 20 años en el grupo Gexel me ha llevado a investigar voces de exiliados casi desconocidos, como se refleja en el Diccionario del exilio, de 4 tomos y más de 2000 páginas. 3. También he dedicado muchas investigaciones y estudios a autores latinoamericanos, en sus relaciones con el exilio español y con la literatura española e hispanoamericana, prestando especial atención a la obra creativa de mujeres como Mayra Montero, Susana Soca, Rosella di Paolo, René Ferrer, Gertrudis Gómez de Avellaneda, etc. Además he estudiado las perspectivas de masculinidad

tradicional en autores como Carlos Fuentes y Octavio Paz o la problemática homosexual reflejada en la narrativa de autores exiliados y represaliados como Virgilio Piñera o Heberto Padilla (Cuba).

TÍTULO DE LA COMUNICACIÓN: «La escritora Elena Garro y la soledad de la mujer mexicana en la literatura y la historia.»

RESUMEN: Analizaré los temas principales abordados por Elena Garro (Puebla,1916/Cuernavaca,1998) en su narrativa y teatro. Su matrimonio frustrado con Octavio Paz y sus libres opiniones políticas le condujeron al exilio y a un ostracismo inmerecido. La calidad de esta escritora es enorme y está al mismo nivel, o incluso por encima, que los autores hispanoamericanos del Boom y su famoso realismo mágico. Tanto Elena Garro como María Luisa Bombal se vieron excluidas de la fama y notoriedad de sus compañeros por su condición femenina e insumisa. Es ya avanzado el siglo XXI cuando se está recuperando a estas extraordinarias escritoras. Mi comunicación tiene el objetivo de analizar la excelencia de la escritura de Elena Garro, su modernidad y su realismo maravilloso, genuinamente mexicano, ofrecido a través de miradas femeninas diversas y muy potentes.

MARIA TERESA MACHADO MARISCAL DE GANTE (Universidad de Puerto Rico en Cayey) es poeta, narradora, profesora de literatura hispanoamericana y abogada. Completó, recientemente, una maestría en Escritura de Guion. Nació en Puerto Rico pero gran parte de su vida ha transcurrido en España. Es autora de los poemarios *Gruta de sal* (2017) y *Duelo y Utopía* (2021), ambos publicados con la editorial Isla Negra. Sus poemas y cuentos se han publicado en diversas antologías y revistas como *Letras desde el encierro*. Antología PEN Puerto Rico, (2021), *Di lo que quieras decir*. Antología del 7mo Certamen Internacional de Siglema 575, (2021), *Escritos de Gaveta* (2020), *Guac de foc, María* (2018), *La pandemia en tu voz* y *La voz que no se apaga*. Antología de poetisas de la generación del ochenta. Vol.2, de próxima publicación. Actualmente es profesora de la Universidad de Puerto Rico en Cayey, donde coordina el Círculo Literario.

TÍTULO DE LA COMUNICACIÓN: « Lo personal es político. Miradas, políticas y poéticas en la representación del aborto en la literatura hispanoamericana »

RESUMEN: Este artículo examina, desde la perspectiva multidisciplinaria que aúna derecho y literatura, la representación del aborto en los textos de varias

narradoras hispanoamericanas entre las que se encuentran Elena Garro, Julia Álvarez, Gioconda Belli, Lourdes Álvarez, Claudia Piñeiro y Samanta Schweblin, entre otras. La consigna feminista de que lo personal es político guía nuestro análisis. Desde la perspectiva feminista ilustraremos la pluralidad de miradas, la representación de las tensiones en las relaciones de poder y la interseccionalidad entre raza y clase social en alguno de los textos analizados. Por otra parte, la literatura como hecho social nos ubica en un contexto específico el cual abordamos mediante la exposición del marco legal imperante con respecto al aborto en los países que constituyen el universo ficcional de las protagonistas. La escritura en torno al tema del aborto nos adentra a un trabajo escritural que experimenta con distintos géneros y estrategias literarias. Bajo el término "poéticas de resistencia" analizamos cómo las escritoras seleccionadas presentan sus propuestas desde el punto de vista narrativo de un tema considerado tabú. De esta forma, nuestra exposición no abarca únicamente la multiplicidad de miradas con respecto al aborto desde el punto de vista temático o sociológico si no que analiza las estrategias literarias utilizadas para presentar la diversidad anímica y sociohistórica del mundo representado. Las narradoras seleccionadas manifiestan su compromiso tanto con la consigna de que lo personal es político como con la búsqueda del lenguaje y la exploración de distintos géneros literarios para abordar un tema considerado por mucho tiempo tabú.

MARIANA LEITE. Doutorou-se em 2013 com uma tese sobre a recepção portuguesa da *General Estoria* de Afonso X, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Na mesma instituição, desenvolveu um pós-doutoramento sobre as traduções da *Historia Scholastica* de Pedro Comestor, concluído em 2023. Lecionou na ENS de Lyon (2014-16) e na Universidade de Zurique (2020-21), e é desde 2024 professora auxiliar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. É membro do SMELPS, do Instituto de Filosofia (U. Porto), e responsável pela equipa "Medieval Universal Histories Worldwide"; do projecto DEGE – The Confluence of Religious Cultures in Medieval Historiography (U. British Columbia). O seu trabalho centra-se sobretudo no estudo da historiografia universal medieval e nas recepções e reformulações da Antiguidade na Idade Média.

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «Branca de Portugal: (re)escritas de um percurso feminino divergente»

RESUMO: O percurso de Branca de Portugal (1259-1321) é marcado pela invulgaridade: primogénita de Afonso III, a infanta portuguesa passa a maior parte da sua vida no reino de Castela, onde vem a ingressar na vida monástica e a tornar-se senhora das Huelgas de Burgos já com 36 anos. Embora o seu papel como senhora das Huelgas tenha sido notável, sobretudo pela perspicaz estratégia de amplificação de domínios e enriquecimento do mosteiro régio, a historiografia posterior irá recordá-la, sobretudo, pela sua descendência: Juan Núñez de Prado, que veio a ser mestre da Ordem de Calatrava, tido em solteira com um cavaleiro desconhecido. Os primeiros registos da filiação de Juan Núñez de Prado surgem logo na crónica castelhana, nomeadamente na Crónica de Alfonso XI atribuída a Fernán Sánchez de Valladolid, sem que tal seja refutado por autores castelhanos posteriores. No entanto, este elemento bibliográfico é omitido, ou abertamente negado, pela historiografia portuguesa, permanecendo o debate aberto mesmo ao longo do século XIX. É, de resto, neste século que Almeida Garrett recupera esta personagem histórica para o seu longo poema D. Branca, desenvolvido precisamente em torno de um romance, ficcionalizado, entre a infanta e um rei mouro. Nesta comunicação, iremos retrair as narrativas construídas em torno de Branca, procurando compreender o potencial de ficcionalização permitido pelo seu percurso de vida e o aproveitamento histórico que dele é feito. Espera-se com isto demonstrar como um comportamento feminino divergente das expectativas sociais e culturais tem recepções e recuperações ideológicas distintas consoante os propósitos de cada discurso.

MARISA DAS NEVES HENRIQUES. Doutorou-se em Filosofia e Cultura Portuguesas com a dissertação *A Caminho de uma espiritualidade laica: Ciência, Filosofia e Teologia no Orto do Esposo* pela Universidade de Coimbra. Recentemente, publicou uma *Antologia de textos para o estudo da Filosofia em Portugal – da Patrística à Contrarreforma*, (Coimbra: IEF, 2024).

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «Uma visão crepuscular da cultura de corte em Portugal sob a magoada pena de Luísa Sigeia»

RESUMO: Luísa Sigeia (1522-1560), que recebeu uma educação primorosa do pai, foi moça de câmara da Rainha D. Catarina de Áustria e mestra de latim da Infanta D. Maria. Revelando desde cedo um sólido domínio das línguas clássicas, desenvolve uma veia poética e filosófica materializada em obras redigidas em língua latina. Protagonista e espectadora de um ambiente propício ao florescimento das Letras,

a jovem toledana redige um interessantíssimo tratado intitulado *Duarum Virginum Colloquium de vita aulica et privata* (1552), onde expõe dialeticamente os benefícios e os inconvenientes de viver na corte, incitando os leitores a aspirarem a uma via supramundana. Numa proposta que fica a meio caminho entre o repetido *contemptus mundi* e o desalento vivido na primeira pessoa em face do que a rodeia, esta mulher coloca na voz de duas donzelas um debate que, com as devidas diferenças, Petrarca já ensaiara no *De Vita Solitaria*. A presente comunicação tentará apresentar o lastro filosófico e espiritual em que Luísa Sigea mergulha para redigir este Espelho de princesas repleto de alusões clássicas e humanistas que acrescenta um extraordinário capítulo à história da Filosofia em Portugal.

MERCEDES DELGADO LADRÓN DE GUEVARA (Universidad de Alcalá). Directora de escena.

Doctoranda en Estudios Lingüísticos, Literarios y Teatrales por la Universidad de Alcalá (desde 2023, UAH, Alcalá de Henares, España). Documentalista por la Universidad Complutense de Madrid (2007, UCM, España). Máster en Teatro y Artes Escénicas (2013, UCM / ITEM). Técnica en Gestión Cultural por la Universidad Europea Miguel de Cervantes (2022, UEMC /IGECA, España). Técnica en Gestión Empresarial (1987, Escuela Univ. de Comercio, Alemania). Fundadora del colectivo La Escena Roja, dedicado a la investigación del teatro contemporáneo europeo y posdramático alemán (2008). Colaboración puntual del Goethe-Institut Madrid (entre otras actividades: traductora del director alemán Falk Richter en su laboratorio actoral del FRINJE (Matadero, Madrid, 2015). En búsqueda constante de nuevos lenguajes escénicos y la metodología Devised Theatre. Pertenece a Profesionales del CDN (desde 2023). Cofundadora de la Federación Española de Teatro Universitario. Convenio con la UCM: Empresa colaboradora para Prácticas Externas de Alumnos (desde 2017).

TÍTULO DE LA COMUNICACIÓN: «Deconstrucción y reconstrucción: La identidad femenina en el teatro posdramático y sus transiciones hacia el neodrama por mujeres europeas, africanas y latinoamericanas en el siglo XXI»

RESUMEN: Esta propuesta pretende abordar cómo las mujeres creadoras en Europa, África y América Latina han explorado, deconstruido y reconstruido la identidad femenina a través del teatro posdramático y neodramático en el siglo XXI. Se analiza el papel de las condiciones sociopolíticas, las influencias interculturales y las innovaciones tecnológicas como catalizadores en estas transiciones teatrales. Por medio del estudio de obras clave de autoras como Elfriede Jelinek, Lola Arias

y Werewere Liking, se identifican las estrategias autorreferenciales utilizadas para cuestionar estereotipos, desafiar narrativas tradicionales y construir espacios escénicos de inclusión y diálogo. Este análisis resalta las similitudes y diferencias interculturales en la configuración de la identidad femenina, destacando cómo estas creadoras han generado nuevas formas de representación en el teatro contemporáneo. En las últimas dos décadas, un conjunto diverso de creadoras ha comenzado a repensar y reconstruir el papel del drama, dando lugar a lo que se ha denominado teatro neodramático. Este fenómeno no solo responde a las transformaciones tecnológicas y políticas del siglo XXI, sino también a una necesidad urgente de representar identidades múltiples y complejas, especialmente las femeninas, que históricamente han sido relegadas a los márgenes. La identidad femenina en el teatro contemporáneo está en constante movimiento, especialmente en los contextos de Europa, África y América Latina, donde las mujeres creadoras han enfrentado condiciones sociales y políticas específicas que influyen en su producción artística. A través de la autorreferencialidad, el uso de multimedia y la integración de elementos autobiográficos, estas autoras y directoras no solo desafían los estereotipos de género, sino que también redefinen el acto teatral como un espacio de resistencia, memoria y empoderamiento. Investigadoras como Fischer-Lichte (2008) y Nogueira (2020) han explorado cómo estas transiciones reflejan cambios socioculturales más amplios, haciendo énfasis en la necesidad de analizar el papel de las mujeres creadoras en este proceso.

MIGUEL HUGO MARQUES RODRIGUES (Universidade do Porto/SMELPS/IF/FCT).

Concluiu a Licenciatura em Design do Produto em 2016 na Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, e o Mestrado em Estudos Medievais em 2018 na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Desde 2020, trabalha no seu projeto de doutoramento, na mesma faculdade, intitulado *A construção literária das cinco linhagens fundacionais do espaço português (1270-1350)*. Paralelamente ao projeto da tese, continuou a sua participação e envolvimento, em vigor desde 2018 e terminado em 2021, no projeto coletivo financiado pela FCT, *Memória Escrita e Leitura do Espaço: Pedro de Barcelos e a Identidade Cultural do Norte de Portugal*.

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «Esboços de poderes femininos em Portugal: a Miana e a senhora da terra»

RESUMO: O poder feminino que vimos com o fenómeno do Infantado não parece ter-se esgotado aí. Desde, pelo menos, os meados do século XII, emergiu, no seio da nobreza portuguesa duriense, a figura da Meana, cujos poderes e respetivo alcance são ainda hoje controversos. No século seguinte, são várias as figuras femininas, no seio das cinco linhagens mais representativas do prestígio da aristocracia portuguesa, que poderão ter tido algum tipo de poder administrativo e autoridade. O nosso propósito é elucidar o que une estas iniciativas de poder feminino, e traçar um quadro evolutivo da sua representação.

MIRTA FERNÁNDEZ & JOSÉ LUIS BAUTE

MIRTA FERNÁNDEZ (FLUP / CITCEM) es profesora auxiliar de estudios hispánicos en la FLUP. Doctora con Mención Internacional en Filología (Estudios Lingüísticos y Literarios) por la UNED, fue Premio Extraordinario de Doctorado en 2017 con su tesis y en 2019 ganó el I Premio de Investigación Filológica «Profesor José Romera Castillo». En 2021 fue finalista del Premio de la RAE con la obra filológica *El profundo espejo del deseo*. Ha publicado varios artículos centrados fundamentalmente en dos temáticas: la enseñanza de la lengua española y las culturas hispánicas en Portugal y la poesía hispanoamericana contemporánea escrita por mujeres. Asimismo, ha publicado libros en editoriales españolas de impacto, entre los cuales destaca la *Poesía completa de Delmira Agustini* (Visor Libros, 2019). Ha dirigido/codirigido más de una treintena de trabajos de fin de Máster y está dirigiendo en la actualidad dos tesis doctorales. Forma parte del grupo «Literatura e Diálogos Interculturais» del CITCEM y del CLUP. Sus principales intereses de investigación son las culturas y literaturas hispánicas e iberoamericanas, la lengua española y la lingüística general.

JOSÉ LUIS BAUTE. Escritor e investigador desde hace más de 40 años, de la obra y la vida de la poeta argentina Alfonsina Storni, con especial enfoque en sus trabajos en prosa: artículos, notas y entrevistas. Creador y presidente durante varios períodos del "Círculo Literario Alfonsina Storni" de Pehuajó (Provincia de Buenos Aires, Argentina). Miembro Integrante del Gabinete Marplatense de Estudios Históricos Regionales (G.M.E.H.R.). Miembro Integrante de la Sociedad de Escritores Marplatenses (S.E.M.). Responsable a cargo de la Biblioteca Universitaria Ingeniero Julio Rateriy, de Mar del Plata (Argentina). Habitualmente realiza charlas y conferencias sobre el tema mencionado y colabora con artículos en publicaciones nacionales y extranjeras. A lo largo de su extensa trayectoria se

ha desempeñado, además, como actor, profesor y dramaturgo. Entre sus producciones, cabe destacar su libro más reciente *Alfonsina Storni en Mar del Plata* (Ediciones Lirio, 2023), obra que reúne los veraneos de la poetisa en la Villa Balnearia. El libro fue presentado en Mar del Plata, Capital Federal, Colonia del Sacramento (Uruguay) y la ciudad de Santa Clara del Mar (Mar Chiquita). La edición contó con el auspicio de las siguientes instituciones: Gabinete Marplatense de Estudios Históricos Regionales, Sociedad de Escritores Marplatenses, Foro Femenino Latinoamericano, Red Cultural Alfonsina Storni, Grupo Cultural Cul Mardel, Grupo de artistas plásticos Mar del Arte y del Taller "Mujeres en la Historia, historia de mujeres" del Programa Universitario para Adultos Mayores de la Universidad Nacional de Mar del Plata (P.U.A.M.) y el apoyo de la Secretaría de Cultura del Partido de General Pueyrredon.

TÍTULO DE LA COMUNICACIÓN: «Redes de sociabilidad femenina: al rescate del encuentro de las Tres Musas de América (Montevideo, 1938)»

RESUMEN: El 27 de enero de 1938, en pleno verano austral, el Instituto Alfredo Vázquez de Acevedo de Montevideo fue el escenario en el que se produjo un acontecimiento cultural de gran calado, que convirtió a Uruguay por aquellos días en portada de los principales diarios continentales: las conferencias conjuntas de las llamadas Tres Musas de América (Juana de Ibarbourou, Alfonsina Storni y Gabriela Mistral), poetisas consagradas del Cono Sur que pronto se convirtieron en precursoras de la poesía femenina sudamericana contemporánea, en calidad de «principales representantes de una hermandad poética basada en la pertenencia regional y genérica (Puppo, 2018, p. 109)». En efecto, se puede considerar a estas tres poetisas como núcleos centrales de las distintas redes de sociabilidad cultural femenina que actuaron como comunidades intelectuales y afectivas, no solo a nivel continental sino también transatlántico. Estas redes desempeñaron un importante papel en un contexto sociocultural en el que todavía no se había afianzado el acceso de las mujeres al mundo laboral ni se hablaba siquiera de la profesionalización de las escritoras (Doll, 2014). Pese a la innegable importancia de las Tres Musas de América en el seno de la literatura latinoamericana, sorprendentemente, como bien señala Garrido (2005, p. 34), sus ponencias en este encuentro de Montevideo –en las cuales disertan sobre su labor poética individual y el rol de la mujer en la literatura–, apenas han sido analizadas hasta la fecha, si bien el evento suele incluirse en sus respectivas biografías como simple

mención aislada. Así pues, en esta comunicación perseguimos un doble objetivo: rescatar el contenido de estas charlas, que contienen importantes declaraciones sobre creación poética y género, e indagar acerca de cómo se gestó este célebre acontecimiento cultural, visibilizando los mecanismos, contactos, recursos y estrategias de la red de poetisas sudamericanas que se activaron para posibilitarlo.

NANCY LORENA TORRES LÓPEZ es Licenciada en Filosofía por la Universidad Autónoma de Zacatecas, México. Posteriormente realizó la Maestría en Investigaciones Humanísticas y Educativas, en la misma universidad. Con el título de la tesis: *La agonía en el proceso de escribir: Un estudio comparativo de El libro vacío de Josefina Vicens y Un soplo de vida de Clarice Lispector*. Actualmente cursa el cuarto semestre del Doctorado en Historia, por la Universidad Autónoma de Zacatecas. El tema de su investigación es: *Las mujeres zacatecanas a través de sus fotografías (1900-1940). La historia detrás de la imagen*.

TÍTULO DE LA COMUNICACIÓN: «La identidad femenina a través de fotografías: mujeres zacatecanas en el trabajo de prostitución (1914-1925)»

RESUMEN: Nuestro objetivo en este breve recorrido, es comprender, interpretar y reflexionar sobre las fotografías que muestran parte de la identidad femenina y (auto) referencialidades de la mujer zacatecana a través del trabajo de prostitución. Especialmente sobre las féminas que trabajaron durante 1914-1925, cronología de la presente ponencia. Durante el periodo antes mencionado el mandato de Porfirio Díaz se caracterizó por un crecimiento económico, gracias a la inversión extranjera. Además del desarrollo de la industria en distintas regiones, Zacatecas fue parte de este desarrollo, por ejemplo, los intentos de industrialización y modernización en el estado. En este sentido, al conocer el contexto histórico donde ubicamos a nuestras mujeres podemos recuperar voces, miradas, sus oficios o profesiones, personajes ilustres, artistas, sencillas amas de casa, etc., quienes a través del vivir cotidiano constituyeron la Historia de México. Para analizar las fotografías de mujeres zacatecanas, en particular, las que se dedicaban a la prostitución, es importante reconstruir parte de su devenir histórico. A partir de ello, identificaremos cómo se manifestaron diversas vivencias, circunstancias socioculturales y como desempeñaban su rol en la sociedad. Estas situaciones y condiciones enmarcan y definen el por qué algunas de las fotografías fueron tomadas. Así pues, dicha investigación nos invita a

reflexionar sobre la identidad de la figura femenina y a interrogarnos: ¿Cómo podemos conocer a través de las fotografías la identidad de estas féminas? ¿Habla la imagen por sí misma? A partir de las cuestiones anteriores, se desarrollará este análisis de fotografías mostrando la importancia del papel que tuvieron las mujeres y como influyeron las estructuras patriarcales de la sociedad en el entorno de las mismas.

NIEVES PASCUAL SOLER (Universidad Internacional de Valencia). Directora de la Escuela de Doctorado de la Universidad Internacional de Valencia. Co-editora de: *Rethinking Chicana/o Literature Through Food: Postnational Appetites* (2013), *Comidas bastardas. Gastronomía, Tradición e Identidad en América Latina* (2013), *Traces of Aging: Old Age and Memory in Contemporary Narrative* (2016), *Cartografía del limbo. Devenires literarios de La Habana a Buenos Aires* (2017), *Pasión Caníbal: Documentos de cultura y barbarie en América Latina* (2018) y *Material de derribo. Cuerpo y abyección en América Latina* (2021). Ha publicado en revistas como: *Journal of Food, Culture and Society*, *Mosaic*, *Style*, *Latin American Research Review*, *Society & Animals*, *Prose Studies*, *Culture, Theory and Critique* y *Journal of Literary Studies*.

TÍTULO DE LA COMUNICACIÓN: «Maternidades posthumanas en los cuentos de Samanta Schweblin, Eduardo Berti y Ana Martínez Castillo»

RESUMEN: En *Lo posthumano*, publicado en inglés en 2013 y dos años más tarde en castellano, Rosi Braidotti define el posthumanismo como una corriente de pensamiento que rompe con la noción de la supremacía de la cultura, destituye la centralidad del hombre como referente universal y modifica la concepción tradicional de lo humano como entidad unitaria y fija, postulando una subjetividad múltiple que “engloba agentes no humanos” (100). En esencia, la condición histórica posthumana supone recomponer un nuevo concepto de sujeto como “entidad transversal que comprende a lo humano, a nuestros vecinos genéticos animales y la tierra en su conjunto” (2015: 100). El posthumanismo reemplaza así el esquema dialéctico de oposiciones propio del humanismo por un *continuum* de gradaciones sucesivas donde nada es estable ni definitivo en el que se difuminan las fronteras entre el ser humano y otras especies, así como entre lo vivo y lo muerto. Este ensayo investiga la experiencia de la maternidad desde una perspectiva posthumana. Estudia la forma en que los paradigmas hegemónicos y las representaciones de la maternidad instaladas como inmutables en la cultura

dominante se posthumanizan. El ensayo se divide en dos partes. En la primera se construye el aparato teórico usando la obra de Braidotti. La segunda aborda las transversalidades sobre las que se articulan estas maternidades en tres cuentos: “Conservas” de Samanta Schweblin (*Pájaros en la boca*, 2009), “Maternidad” de Eduardo Berti (*La vida imposible*, 2016) y “El amor de una madre” de Ana Martínez Castillo (*Reliquias*, 2019).

PABLO AROS LEGRAND (Universidad Complutense de Madrid) es Doctor en Ciencias de la Educación, mención Didáctica de las Lenguas y la Literatura por la Universidad Complutense de Madrid (2015) y Licenciado en Educación, mención Lengua Castellana, por la Universidad de Santiago de Chile (2002). Sus principales intereses como crítico cultural y literario tienen que ver con los conceptos de espacio, memoria y cuerpo aplicados al campo de la literatura hispanoamericana. Prueba de ello son sus distintos artículos relacionados con la correspondencia del cuerpo y la homosexualidad en la obra de Augusto D’Halmar, Pedro Badanelli o Álvaro Retana, así como la relación y construcción de corporalidades femeninas en las obras de escritoras chilenas. En este último campo destaca especialmente su interés por autoras tales como Diamela Eltit o Nona Fernández. Su obra más reciente es el libro *Torno. Conversaciones con Antonio Méndez Rubio. Poética y política del encuentro*. Madrid: Varasek.

TÍTULO DE LA COMUNICACIÓN: «Un cuerpo liminar: la figura de la niña en la literatura de espacio ibero-americano»

RESUMEN: A través de estudios críticos de autoras tales como Lorena Amaro (Chile), Leonor Arfuch (Argentina) o de Laura Llevadot (España), pero también de las distintas novelas de países de América Latina, España y Portugal producidas durante los últimos veinte años, se ha notado que la figura de la niña ha desempeñado un rol preponderante. Dicha visibilidad se ha manifestado no sólo desde el punto de vista temático, sino también desde la relación que las niñas tienen o no con los medios sociales que las circundan. Las novelistas que han trabajado en torno a esta temática presentan la figura de la niña como un concepto que describe tanto los cambios de sus medios, pero también como una forma de dar cabida a diversos tipos de ejercicios escriturales tales como la autoficción, la crónica, el ensayo, entre otros. Desde esta perspectiva, el presente trabajo tiene por objeto comparar y analizar tanto los elementos literarios como los metaliterarios que permiten la configuración de la niña presentes en novelas

escritas por las siguientes autoras: María José Ferrada (Chile), Gloria Peirano (Argentina), Aline Bei (Brasil), Pilar Quintana (Colombia), Guadalupe Nettel (México), Sara Mesa (España) y Djamila Pereira de Almeida (Portugal). Tal cometido pretende además dar respuesta a los siguientes interrogantes: i) ¿Cuáles son los roles que las niñas desempeñan en las novelas seleccionadas?; y ii) ¿Cómo es configurada la idea de cuerpo en cada una de las novelas? Metodológicamente el presente estudio se basará tanto en la literatura comparada, así como también en los estudios culturales.

PANAGIOTA MAVRIDOU. Con estudios en Arquitectura (Universidad Politécnica de Atenas), Teoría e Historia de la Arquitectura (Universidad Politécnica de Cataluña - ETSAB) y Lengua y Literaturas Hispánicas (Universidad Nacional y Kapodistriaca de Atenas), Panagiota Mavridou trabaja como profesora de ELE mientras prepara su proyecto de tesis doctoral, donde se enfoca en literatura hispanoamericana actual escrita por mujeres. Le interesa explorar la experiencia del espacio habitado a través de la literatura, con perspectiva de género y de manera interdisciplinar y ha presentado parte de su trabajo en congresos internacionales en Grecia, España, Suiza e Inglaterra. Además, forma parte de SisterOutsider, un colectivo de escritura feminista. Habla griego, español, portugués, inglés, francés, italiano y catalán.

TÍTULO DE LA COMUNICACIÓN: «La niñez indócil: cuando Leonora Carrington ilustra las niñas de Elena Poniatowska»

RESUMEN: Leonora Carrington ilustró dos libros de Elena Poniatowska: *Lilus Kikus* y *Rondas de la niña mala*, obras cuyos personajes tienen mucho en común. Si bien la primera fue originalmente publicada en la colección *Los Presentes* de Juan José Arreola en 1954 e ilustrada en 1985, la segunda apareció en 2008, aunque la mayoría de los grabados que acompañan el texto habían sido previamente elaborados. En el núcleo de estas colaboraciones se encuentran niñas indóciles e insumisas, *niñas malas* que se enfrentan a las expectativas de la sociedad donde crecen, descubren, piensan, sueñan y se rebelan. Poniatowska reconoce matices tanto autobiográficos como testimoniales en las historias de sus personajes, mientras Carrington proyecta en ellas detalles de su propia infancia, como suele hacer en gran parte de sus pinturas. El resultado es un mosaico de voces infantiles poco convencionales y experiencias adolescentes con las que las lectoras pueden identificarse, contribuyendo así a la creación de una conciencia antipatriarcal y feminista, causa que ambas autoras defendieron a lo largo de su vida. En esta

comunicación se analiza la respuesta de Carrington a los textos en cuestión en el marco de sus propias vivencias de niña insumisa. Para ello, además de datos biográficos y de *Leonora*, la novela de Elena Poniatowska publicada en 2011, se contempla la obra de la artista anglomexicana en su conjunto. En definitiva, esta investigación responde a la necesidad de reconstruir las redes de afinidades que propiciaron la actividad creativa y el desarrollo personal de sus integrantes, en los márgenes del canon literario y artístico.

PAOLA SETARO. Doctora en “Estudios Artísticos, Literarios y de la Cultura” (2021) por la Universidad Autónoma de Madrid y la Universidad de Nápoles “Federico II”, con una tesis en cotutela sobre la política artística y cultural del IX conde de Santisteban del Puerto. Sus investigaciones, cuyos resultados se han presentado en congresos y artículos científicos, se centran en el estudio de las relaciones entre Nápoles y España en la Edad Moderna, así como, más recientemente, sobre la recepción del arte barroco en el siglo XX. En 2023 trabajó con la Fondazione 1563 de Turín en un proyecto posdoctoral titulado *La mostra di Zurbarán al Casón del Buen Retiro nel 1964. Il ruolo di María Luisa Caturla nella rivalutazione di un pittore del Siglo de Oro tra critica, museologia e propaganda*, de próxima publicación. Trabaja actualmente en la traducción al italiano de *Arte de épocas inciertas* de María Luisa Caturla.

TÍTULO DE LA COMUNICACIÓN: «La mirada en las sombras: *Arte de épocas inciertas* (1944) de María Luisa Caturla»

RESUMEN: En una época en que D. Manuel Gómez Moreno recorría en burro la provincia de Toledo, [ella] hablaba de la *Bauhaus*. Con estas palabras, Ángel González García recordaba la historiadora del arte María Luisa Caturla en el año de su muerte, destacando el silencio que había caído sobre una mente tan brillante como la suya. Autora de *Arte de épocas inciertas*, publicado en 1944 en “Revista de Occidente”, Caturla puede considerarse precursora en el análisis de la obra de arte en sus diferentes significados y contextos. El texto se compone de una colección de fragmentos escritos entre los años 30 y 40, en los que Caturla, con una mirada warburguiana, interpreta obras de arte de diversas épocas, estableciendo un paralelismo con momentos de crisis histórica, más allá de una historia del arte organizada por escuelas, naciones, épocas y estilos. Partiendo de la visión de la sinuosidad de la obra de Hans Arp, en la que le pareció vislumbrar el signo inequívoco de la crisis europea, Caturla desarrolló una cadena de reflexiones

gravitando en torno a aquellas manifestaciones artísticas que habían encontrado el secreto para exorcizar el malestar colectivo. “Apuntar algunas de esas tendencias del actual o recién habido arte y en descubrir su esencia equívoca” fue el planteamiento metodológico adoptado en su libro, como la propia autora adelantó en el 1943, en el periódico “El Español”. A pesar de su modernidad, el libro fue recibido con indiferencia hasta 2021, cuando la exposición *Arte de épocas inciertas*, organizada por el Museo Nacional de Escultura de Valladolid, se propuso arrojar luz sobre una de las historiadoras del arte más interesantes de la primera mitad del siglo XX.

PAULA ALMEIDA MENDES (CITCEM – Universidade do Porto) é Doutora em Literatura Portuguesa pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2013). Atualmente, é investigadora contratada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, desenvolvendo a sua investigação no CITCEM. Tem centrado os seus estudos na área da história e da literatura de espiritualidade, nomeadamente da hagiografia e da biografia devota, e da história do livro e da leitura.

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «Mulheres “ilustres em armas” do “reino de Portugal e suas conquistas”: olhares sobre a sua presença no espaço público (séculos XVI-XVIII)»

RESUMO: A «Querelle des Femmes» estimulou um controverso debate em que se foram demarcando dois polos de natureza distinta: um, em defesa das mulheres, o outro, revestido de marca conservadora e misógina. A obra *De Claris Mulieribus* de Giovanni Boccaccio revestir-se-á de uma importância fundamental no sentido da afirmação de um veio literário que se escora na exaltação do género feminino, sustentado por tratados, catálogos ou galerias de «mulheres ilustres». A principal «novidade» que este veio literário comporta reside nos moldes que determinam a valorização da figura feminina, que passam a contemplar outras dimensões, como o exercício das letras, das artes, o conhecimento das ciências ou das armas ou o acesso ao saber. Tendo como pano de fundo esta problemática, esta proposta de comunicação procura chamar a atenção para o destaque e a valorização que os exemplos «corporizados» por «mulheres ilustres em armas» foram alcançando, em Portugal, durante os séculos XVI-XVIII. Ainda que Duarte Nunes de Leão, na sua *Descrição do reino de Portugal* (1610), revise alguns casos de mulheres que se distinguiram no exercício das armas, só o século XVIII irá conceder uma mais ampla atenção a esses exemplos – bastará lembrar o *Portugal Ilustrado pelo sexo feminino. Notícia histórica de muitas Heroínas Portuguezas, que florescerão em*

virtudes, e letras, e armas, &c (1734) de Diogo Manuel Aires de Azevedo e o *Theatro Heroico, Abecedario Historico, e Catalogo das Mulheres Illustres em Armas, Letras, Acçoens heroicas, e Artes liberaes* (2 tomos, 1736 e 1740) de Damião de Froes Perim –, diluindo a resistência que se observava em um muito amplo conjunto de textos produzidos nos séculos anteriores, que declinavam uma imagem feminina perspetivada sob o prisma do claustro ou do casamento, e divulgando também situações de travestismo que encontram lastro na prosa de ficção da contemporaneidade.

PEDRO ÁLVAREZ SIFONTES. Licenciado en Ciencias Sociales. Master en Estudios Sociales y Filosóficos sobre la Religión. Universidad de la Habana. Investigador Auxiliar. Departamentos de Estudios Sociorreligiosos. Centro de Investigaciones Psicológicas y Sociológicas. Ministerio de Ciencia Tecnología y Medio Ambiente, Habana, Cuba. En su haber se encuentra la coautoría en los libros *Los Nuevos Movimientos Religiosos en Cuba* del (2013), *Nuevas dinámicas en el campo religioso cubano en los tres primeros lustros del Siglo XXI* (2020), *Libertad Religiosa y convivencia social en Cuba* (2023), *Centro Habana, la Iglesia Católica y el campo religioso local* (2023) y artículo en revista *Scientific Journal of Applied Social and Clinical Science*. v. 4, n. 15, (2024). Artículo para Boletín grupo de trabajo Religión y Sociedad CLACSO 2021. Participación en diversos eventos, Tales como: Congreso Internacional CLACSO 2020 y LASA 2021, I Congreso de la Red de Investigadores Centroamericanos del Fenómeno Religioso, entre otros eventos.

TÍTULO DE LA COMUNICACIÓN: «El Ministerio Apostólico y Profético en Cuba y su visión de género. Entre el empuje liberador y el discurso patriarcal»

RESUMEN: En Latinoamérica la articulación entre religión y género ha requerido de renovados enfoques motivados por la intensificación del pluralismo religioso. Sin dudas, la presencia de otras tradiciones religiosas tiene ya un largo recorrido, pero ha sido en debates más recientes sobre la acción de género dentro de lo religioso, donde el pluralismo comenzó a tener un mayor impacto. En particular, las iglesias evangélicas tienen un impacto desigual aunque las posiciones reaccionarias sean las que abundan. Dentro de este debate se observa la creciente importancia que la sexualidad y la reproducción han adquirido en las esferas públicas de los países de la región. Los movimientos feministas, LGBTIQ lograron impactar los debates democráticos, resinificando la pregunta sobre las políticas de lo religioso desde nuevas perspectivas. El ingreso de la sexualidad en las agendas (sobre todo bajo

el rótulo de los derechos sexuales y reproductivos) ha generado un renovado interés por las dimensiones analíticas y normativas respecto de la articulación religión y género. En el marco de la pluralidad religiosa Latinoamericana y en especial en la de Cuba actual, se han abierto paso los ministerios Apostólicos y proféticos que forman parte de la tendencia neopentecostal evangélica. La propuesta de ponencia que someto a su consideración tiene como objetivo analizar como este movimiento difunde e impone su discurso fundamentalista en una sociedad socialista que desarrolla políticas públicas a favor de la igualdad y la equidad de género.

PILAR NICOLÁS MARTÍNEZ (Faculdade de Letras da Universidade do Porto / CITCEM).

Doctora en Literatura Española y Teoría de la Literatura por la Universidad Nacional de Educación a Distancia (UNED) con la tesis doctoral titulada *El teatro español en Lisboa en la segunda mitad del siglo XIX*. Mestre em Estudos Literários, Culturais e Interartes por la Universidade do Porto y Diploma de Estudios Avanzados (DEA) por la UNED. Profesora en la Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) donde imparte asignaturas de literatura española, español como lengua extranjera (ELE) y formación inicial de profesores de ELE. En esta área, es directora del *Mestrado em Ensino de Português e de Língua Estrangeira no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário nas áreas de especialização de Alemão ou Espanhol ou Francês ou Inglês* (MEPIEFA). Investigadora integrada en el grupo «Literatura e Diálogos Interculturais», adscrito al centro de investigación CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória». Sus líneas de trabajo se centran en el estudio de las relaciones teatrales establecidas entre España y Portugal, y la didáctica de ELE.

TÍTULO DE LA COMUNICACIÓN: «Actrices y espacio público en la prensa de inicios del siglo XX: análisis de las entrevistas a artistas publicadas por Carmen de Burgos»

RESUMEN: En 1915, Carmen de Burgos (Colombine) publicó en la conocida editorial madrileña Sanz Calleja la obra *Confesiones con artistas. Entreviús con celebridades contemporáneas*. En dos tomos, recopilaba las entrevistas que la escritora y periodista había realizado para *El Heraldo de Madrid* a cuarenta y cinco actrices, cantantes y bailarinas, tanto españolas como extranjeras, que gozaban de fama a inicios del siglo XX. La selección despertó un notable interés entre los lectores, ya que en los dos años siguientes se realizó una segunda edición, así como una nueva versión en un solo volumen a cargo de la Imprenta de Juan Pueyo.

Esta última, prologada por Ramón Gómez de la Serna, presentó una ligera variación en el título: *Confidencias de artistas*. El objetivo de esta comunicación es analizar la imagen física y la descripción psicológica que Carmen de Burgos proyecta en sus entrevistas sobre las mujeres célebres de su tiempo, destacando las percepciones que se construían en torno a la identidad femenina en el periodo finisecular y la primera década del siglo XX. También, explorar las conexiones existentes en las trayectorias profesionales de estas artistas, su formación, sus referentes y los condicionantes sociales y culturales que enfrentaron. En definitiva, a través de este estudio, se busca entender los desafíos que asumieron al reclamar un lugar en el espacio público, sin perder de vista que, aunque rompieron ciertos roles tradicionales de género, seguían insertas en un contexto social que no estaba exento de prejuicios y limitaciones.

RAQUEL SABINO. Mestre em Psicologia e em Literatura, desenvolveu uma dissertação focada na construção da identidade narrativa das personagens de Maria Judite de Carvalho. Doutoranda em Literatura na Universidade de Évora, com bolsa de investigação da Fundação para a Ciência e Tecnologia (2023. 05245.BD), colaboradora do Centro de Estudos em Letras (CEL-UÉ), estuda as *Representações da figura feminina na obra ficcional e cronística de Maria Judite de Carvalho*.

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «As criadas na obra de Maria Judite de Carvalho»

RESUMO: Os temas universais da existência humana atravessam a obra literária de Maria Judite de Carvalho, mas a sensibilidade e a argúcia com que representou uma certa vivência feminina afiguram-se, ainda hoje, como o âmago da sua singularidade na Literatura Portuguesa. Não desmentindo essa particularidade da sua escrita, seria redutor ignorar-lhe a vocação para a crítica e para a denúncia, latente em toda a sua obra, já que também desta se compõe a sua identidade autoral. Nas crónicas que Maria Judite de Carvalho publicou em vários periódicos, sobretudo nas décadas de 60 e 70, salienta-se o olhar irónico, provocador e cru com que detectava e expunha as feridas e os desafios daquele tempo. Em muitos desses textos, e mais do que nos seus contos e novelas, a autora escolheu dar protagonismo a figuras socialmente marginalizadas, principalmente as femininas. Reiteradamente, Maria Judite de Carvalho desenvolveu figuras e enredos que espelham tanto as dificuldades subjacentes à organização social promovida pelo regime ditatorial como as imposições de conduta, sobretudo relativas ao sexo

feminino. Partindo dessa premissa, nesta comunicação debruçar-nos-emos sobre um coletivo feminino historicamente marginalizado e que marca uma presença de algum relevo na obra juditiana: as empregadas domésticas. Examinaremos como se caracterizam e categorizam as representações dessas figuras femininas, procurando esclarecer se estas se coadunam com a situação social e política desta classe profissional na época da escrita. Indagaremos de que modo a moralidade vigente, as expectativas sociais respeitantes às mulheres e as dinâmicas de poder poderão ter influenciado a construção do imaginário juditiano acerca destas figuras.

RICARDO RATO RODRIGUES. Licenciado em Estudos Portugueses e Ingleses pela Universidade do Minho. Pós-Graduação em Teatro Aplicado pela Universidade de Exeter, Reino Unido. Doutoramento Europeu em Estudos Lusófonos pela Universidade de Nottingham, Reino Unido. Entre 2016 e 2018, trabalhou como Instrutor Camões na Universidade de Queen Mary, Londres. Membro de vários grupos International Consortium for the Study of Post Conflict Societies (Universidade de Nottingham), International Health Humanities Network e investigador externo no Centro de Estudos Humanísticos (CEHUM), na Universidade do Minho. Organizou diversos eventos culturais e científicos, como III International Health Humanities Conference: Traumatextualities: Trauma in the clinical, arts and humanities contexts, na Universidade de Nottingham e Camões Lecture, na Universidade de Queen Mary, Londres. Os seus interesses de pesquisa são, entre outros, trauma e loucura na literatura e nas artes, psiquiatria portuguesa, literatura lusófona e anglófona, teatro aplicado e estudos de género, em particular masculinidades. Autor dos livros *A slow scream: trauma and madness in the biographical early works of António Lobo Antunes* (Lublin: UMCS University Press, 2023) e *Jorge Listopad e Rosa definitiva de František Listopad* (em co-autoria com Karolina Valová) (Bratislava: Portugalský inštitút, 2023), além de vários artigos e capítulos de livros académicos. Trabalha atualmente na Uniwersytet Marii Curie-Skłodowskiej (UMCS), em Lublin, na Polónia.

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «Isabela Figueiredo, o corpo público no espaço histórico-cultural»

RESUMO: A obra de Isabela Figueiredo, apesar de não ser extensa, apresenta um enfoque em diversas dimensões cruciais da literatura lusófona contemporânea: a identidade e memória pós-coloniais, as relações sociais e culturais no Portugal

contemporâneo, a mulher como agente da articulação das diferentes consequências culturais da realidade cultural pós-imperial e periférica, etc. Contudo, o eixo de apoio que sustenta esta articulação é o corpo, o corpo feminino nas suas mais diversas significações. A presente proposta visa analisar a forma como a autora faz do corpo feminino um *locus* crítico público que condensa e se insere em diversas realidades da experiência cultural e social contemporânea. Focando-se em obras como *Caderno de Memórias Coloniais* e *A Gorda*, esta proposta procura destringir o diálogo amplo que a autora enceta a partir do corpo, seja na sua vertente histórico-sexual (Foucault), na sua discursividade em termos de fisicalidade e dos seus limites (Butler) ou no seu mapeamento sociológico (Cregan).

ROGÉRIO PAULO MADEIRA (Universidade de Coimbra / CITCEM). Licenciou-se, em 1990, em Línguas e Literaturas Modernas (Estudos Ingleses e Alemães), na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC). Em 1998, concluiu o mestrado em Literatura Alemã e Comparada com uma dissertação sobre *O Imaginário de Lisboa em Romances de Thomas Mann e de Hanns-Josef Ortheil* (MinervaCoimbra/CIEG, 2002). Em 2009, doutorou-se em Letras, na Univ. Coimbra, com a tese *Ficção e História: a Figura de Uriel da Costa na Obra de Karl Gutzkow* (MinervaCoimbra/CIEG, 2012). Tem publicado vários outros estudos sobre receção e de hermenêutica intercultural no contexto luso-alemão e europeu. É Professor Auxiliar da FLUC, onde leciona Literatura e Cultura Alemãs, foi membro do Conselho Diretivo, subdiretor do curso de Línguas Modernas, coordenador do Centro de Investigação em Estudos Germanísticos (CIEG) e coordenador de mobilidade da FLUC. Atualmente é coordenador de mobilidade da área de Alemão, subdiretor do Centro de Línguas da FLUC e membro do CITCEM.

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «Entre tradição e modernidade: a representação da protagonista no romance histórico *Die Jesuitin von Lissabon* (2010) de Titus Müller»

RESUMO: O romance *Die Jesuitin von Lissabon* [*A Jesuíta de Lisboa*] (2010) de Titus Müller centra-se na história de amor protagonizada por Antero, um jovem cientista em conflito com a Companhia de Jesus, e Leonor, filha de um comerciante alemão, tendo como pano de fundo histórico o terramoto de Lisboa de 1755. O autor germânico recria a discussão filosófico-religiosa, científica e política em torno das causas e consequências da catástrofe natural que destruiu a capital portuguesa,

fundindo eventos e figuras históricas no âmbito das turbulentas lutas sociopolíticas e religiosas do reinado de D. José I (1714-1777) — como o ministro Sebastião José de Carvalho e Melo (1699-1782), responsável pela reconstrução da cidade e futuro marquês de Pombal, ou um dos seus principais opositores, o influente padre jesuíta Gabriel Malagrida (1689-1761) — com diversos acontecimentos envolvendo personagens fictícias, entre as quais se destaca a protagonista cujo amor por Antero a coloca perante sucessivos desafios morais dilacerantes e a faz vacilar entre tradição e modernidade. Assim, o meu estudo da narrativa histórico-ficcional em apreço incide especialmente sobre a representação da figura de Leonor, uma jovem mulher fortemente tolhida por dogmas católicos incutidos pela ordem jesuíta, cujo árduo percurso de emancipação, movido por ideais iluministas como a busca do conhecimento e da liberdade, lhe exige a superação de múltiplos obstáculos com enormes sacrifícios pessoais na sociedade patriarcal de Setecentos.

ROMUALDO BATISTA MALAQUIAS. Graduado no Curso de Licenciatura em Filosofia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Atuou como Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID no Subprojeto Filosofia. Voluntário Extensionista do projeto Café Filosófico (UFCG). Participou do Programa Residência Pedagógica subprojeto Sociologia e Filosofia (UFCG). Atuou como professor de Filosofia no Pré-vestibular Solidário (PVS/UFCG). Mestrando no Mestrado Profissional em Filosofia- PROF-FILO pela Universidade Federal de Campina Grande - UFCG (2023). Graduando em Ciências Sociais (UFCG).

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «As mulheres na teledramaturgia brasileira: todas somos Helenas»

RESUMO: Este estudo tem como objetivo analisar como as telenovelas brasileiras da Rede Globo de Televisão têm abordado a temática de gênero. Veremos como as personagens das telenovelas foram representadas de várias maneiras, sejam elas cômicas ou dramáticas, com maldade, sempre roubando a cena e ganhando grande destaque nas tramas contemporâneas. Por outro lado, observaremos que em outros momentos, essas personagens não foram tão bem recebidas. As personagens ganharam destaque e desempenham um papel fundamental na estrutura da trama. A televisão, como um meio de comunicação de massa, desempenhou um papel crucial na formação de opiniões ao longo da história

brasileira, além de retratar a diversidade da nossa sociedade e como ela lida com seus preconceitos, sendo apresentados diariamente na televisão. A formação do conceito de mulheres tem sofrido alterações desde a primeira telenovela até os dias de hoje. O foco da nossa análise será a personagem Helena das novelas de Manoel Carlos, que procura apresentar mulheres que não são heroínas inocentes e puras. Ele convida a conhecer mulheres com dilemas e falhas, o desafio é como apresentá-las e cativar o público. A metodologia utilizada é qualitativa de natureza básica, exploratória e bibliográfica. O referencial teórico é uma articulação entre os conceitos de gênero na obra *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade* (2003), de Judith Butler, e o de conceito-imagem presente na obra *O cinema pensa: uma introdução à filosofia através dos filmes* (2006), de Júlio Cabreira.

RONALD JOSÉ SANOJA CÁCERES (Pontificia Universidad Católica de Chile). Licenciado en Letras (2013) y Magíster Scientiarum en Estudios Literarios (2017) por la Universidad Central de Venezuela. Actualmente, candidato a Doctor en Literatura por la Pontificia Universidad Católica de Chile. Profesor de literatura en la Escuela de Artes (2013-2014) y en la Escuela de Comunicación Social (2015-2017) de la Universidad Central de Venezuela. Profesor ocasional en diversos centros de investigación, como es el caso del *Instituto de Estudios Críticos 17*, de México. Mis líneas de trabajo se han enfocado en la literatura latinoamericana de finales del Siglo XIX y principios del XX, sobre todo en el impacto social que impelen las obras cuando se relacionan con otras prácticas o discursos masificados durante la modernidad (cine, esoterismo, deporte...).

TÍTULO DE LA COMUNICACIÓN: «Mediumnidad espírita y escritura femenina latinoamericana (1874-1920): estrategias finiseculares de subversión y comercialización editorial»

RESUMEN: A finales del Siglo XIX y comienzos del XX, en el contexto de renovación esotérica que se vive en Occidente y que enmarca el auge de heterodoxias espirituales como el ocultismo o la teosofía, aparecen en la literatura latinoamericana una serie de obras vinculadas con prácticas espiritistas como la mediumnidad y la escritura psicográfica, caracterizadas por atribuir la autoría del texto no al nombre de quien escribe, sino a la voz de los espectros que dictan, en sesiones de ‘mesas parlantes’, poemas o relatos de las más diversa índole. Tal particularidad creadora, signo distintivo de obras como *Flores del espiritismo*, de

la cubana Josefa Díaz, o *Na Sombra e Na Luz*, de la brasileña Zilda Gama, propicia una serie de ambigüedades en torno a la figura del autor, así como una problematización de las implicaciones éticas y sociales del letrado para con la *polis*. Yendo un poco más lejos de sus influencias en el discurso literario, sin embargo, la mediumnidad finisecular, especialmente en lo que se refiere a las *médiums* mujeres, funcionan como una estrategia de comercialización desde la que tanto autoras como editores *fetichizan* el talante de los textos publicados (independientemente de la calidad de los mismos); y como una especie de salvoconducto discursivo desde el que se pueden ofrecer sin mayores consecuencias o censuras opiniones de carácter político o ideológico. Como se intentará demostrar a través de la obra de Josefa Díaz, Zilda Gama, y otras poetisas espiritistas latinoamericanas de entre siglos, la mediumnidad socava las inclinaciones discursivas del canon hegemónico de comienzos del XX, al mismo tiempo que propicia un lugar de enunciación en el que numerosas autoras insertan su escritura de manera encubierta en los mercados editoriales emergentes de la modernización.

ROSA BONO VELILLA (Universitat Autònoma de Barcelona) soy doctora en Teoría de la Literatura y Literatura Comparada (2024), con una tesis sobre la figura de Dido en el teatro europeo del siglo XVI, dirigida por Gonzalo Pontón. Durante seis años colaboré con el profesor Francisco Rico en el Centro para la Edición de los Clásicos Españoles. Actualmente doy clases de literatura comparada en la Universitat Autònoma de Barcelona, y de literatura medieval en la Universitat Internacional de Catalunya. Soy miembro del grupo Prolope y participo como actriz en el Aula de Investigación Teatral Metadrama de la Universitat de Barcelona.

TÍTULO DE LA COMUNICACIÓN: «Hasta la fundación de la ciudad. Otra Dido en la tragedia del Renacimiento»

RESUMEN: Esta propuesta examina la figura de Dido de Cartago en dos tragedias españolas del siglo XVI, *Elisa Dido*, de Cristóbal de Virués, y *La honra de Dido restaurada*, de Gabriel Lobo Lasso de la Vega. La crítica ha destacado estos textos por su carácter excepcional dentro de la tradición literaria que el Renacimiento europeo construyó en torno al personaje: Virués y Lasso decidieron omitir la versión virgiliana de la historia de la reina africana y reescribir, en cambio, el episodio contado por Justino en su epítome de las *Filípicas* de Pompeyo Trogo. En la historia justiniana, Dido no moría por amor a Eneas como en la épica latina, sino

por la castidad debida a la memoria de su primer esposo. Se ha señalado con harta frecuencia cómo Virués y Lasso cumplen el designio alternativo a la versión predominante en el resto de las tradiciones dramáticas del continente. Cumplida esa excepción, se ha ignorado sin embargo que esa no es la única particularidad de estos textos. Un estudio comparativo del teatro europeo sobre Dido permite observar cómo la motivación del personaje cambió diametralmente bajo la pluma de los dramaturgos españoles que decidieron reescribir su tragedia. Esta Dido no moría llevada solamente por la proverbial pudicitia femenina, sino para cumplir su deber como soberana de Cartago: para ser, ante todo, la reina que vela y se sacrifica por la salvación de su pueblo. El análisis de la transmisión de la leyenda cartaginesa y de las fuentes que pudieron servir a la composición de las obras de Virués y Lasso revelará cómo los dramaturgos reconfiguraron el carácter de Dido a fin de llevar al primer plano la dimensión política de su historia, lo que les otorgó un lugar único en la dramaturgia renacentista.

ROSÁRIO FERREIRA

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «Teresa de Portugal: uma rainha entre fronteiras»

RUI ALBERTO COSTA. Atualmente a terminar o Doutoramento em Estudos Portugueses na Universidade Aberta. Foi, de 2009 a 2016, docente do Camões, I.P. na Cátedra David Mourão-Ferreira da Universidade de Bari, Universidade onde é agora Collaboratore Esperto Linguistico e Professor de Língua e Tradução Portuguesa. É investigador do Centro Studi Lusitania. Foi co-fundador e editor na revista literária *Callemma*. A sua atividade de investigação centra-se sobretudo na literatura portuguesa do século XX, na cultura visual e nos estudos interartes. Tem publicado vários artigos em Portugal, Brasil e Itália sobre autores como Almada Negreiros, Mário Cláudio, Agustina Bessa-Luís, Al Berto ou David Mourão-Ferreira.

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «Corpo, Voz e Melancolia: Performatividade e Resistência Feminina em Judith Teixeira e Antonia Pozzi»

RESUMO: Quando analisadas através de teóricas como Judith Butler, Hélène Cixous e Julia Kristeva, as obras de Judith Teixeira e Antonia Pozzi operam como um espaço de resistência e subversão contra as normas patriarcais que moldaram as suas vidas e os contextos históricos em que existiram. Embora separadas pela geografia e pela estética, ambas as autoras utilizam a voz poética para desafiar as limitações

impostas às mulheres, afirmando a sua autonomia e subjetividade em sociedades que as procuravam reprimir. Nos seus poemas, Judith Teixeira abraça a corporeidade e o erotismo femininos como formas de resistência performativa, desafiando os tabus em torno do desejo feminino e rompendo com os sistemas heteronormativos e patriarcais do seu tempo. Por outro lado, Antonia Pozzi emprega a melancolia como uma contestação, transformando a sua dor em poder criativo. De acordo com Kristeva (1989), a melancolia não é apenas um estado de resignação, mas pode servir como um espaço de criação e resistência, uma noção que ressoa na poesia introspectiva de Pozzi. Ambas as autoras enfrentaram a censura, ilustrando o silenciamento da mulher na cultura. Os livros de Teixeira foram confiscados e destruídos, enquanto os poemas de Pozzi foram alterados postumamente para esconder a sua natureza transgressora. Estes atos de obliteração reforçam a análise de Gayatri Spivak (1988) sobre a invisibilidade das vozes subalternas. Teixeira e Pozzi transcendem o confinamento patriarcal, reconfigurando a linguagem e explorando novas formas de subjetividade, encarnando a resistência, desafiando as normas de género e criando espaços que redefinem o papel das mulheres na literatura. Ao fazê-lo, tornam-se símbolos de uma luta literária feminista que permanece relevante, oferecendo novas possibilidades de expressão e liberdade.

RUI SOUSA. Investigador do Grupo 1 do CLEPUL. Mestre em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea (2009) e Doutorado em Estudos de Literatura e de Cultura (2019), pela FLUL. Participou na obra *1915: O Ano do Orpheu* (coord. Steffen Dix). Colabora na revista *Pessoa Plural* e em eventos organizados pelo Projecto Estranhar Pessoa e pela Casa Fernando Pessoa. Publicou *A Presença do Objecto no Surrealismo Português* (2016), *Do Libertino: revisões de um conceito através do caso de Luiz Pacheco* (2023) e *Cesariny e o Monstro Pessoa* (2024). Investigador Responsável do Projecto Exploratório FCT Surrealismo-Abjeccionismo em Portugal. *Da folha volante ao mundo digital* (2025-2026).

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «As *Novas Cartas Portuguesas*: Pluralidade Literária e Intervenção Cultural Coletiva»

RESUMO: Em 1972, Maria Teresa Horta, Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa deram à estampa as *Novas Cartas Portuguesas*, um dos grandes manifestos de afirmação da identidade feminina, em todas as suas manifestações. A obra, tendo como primeiro pretexto o modo como *Minha Senhora de Mim* (1971), de Maria

Teresa Horta, suscitara uma apreensão na própria editora e em livrarias de todo o país, assim como a agressão pública de que a escritora foi vítima, fez convergir três vozes individuais ciosas da sua autonomia, mas com a mesma necessidade de ocupar criticamente o debate sobre a experiência feminina em Portugal. Esta comunicação pretende reflectir sobre duas questões distintas, derivadas de uma das mais originais experiências editoriais coletivas desenvolvidas no meio literário português: em primeiro lugar, o modo como a pluralidade de discursos convocados ao longo da obra, patentes também pelo recurso aos mais distintos géneros literários, representa a intenção de espelhar a diversidade dos âmbitos em que se impunha uma intervenção activa no espaço público através da literatura; em segundo lugar, a potencialidade da autoria coletiva como reflexo, não apenas dessa diversidade, mas de uma forma de contornar as circunstâncias específicas da cultura portuguesa através da perturbação da instância autoral e do modo como se conecta com a própria noção de obra literária.

RUTE ISABEL RODRIGUES RUSSO sou licenciada em História e Mestre em Estudos Medievais pela FLUP com uma dissertação sobre a Crónica de D. Pedro I de Fernão Lopes, que foi defendida em 2019. Neste momento, sou bolseira de investigação da FCT, Refª 2020. 06195.BD, na unidade de I&D CITCEM-FLUP, Grupo de Investigação “Literatura e diálogos interculturais”, estando em vias de concluir uma tese de doutoramento intitulada “A crise dinástica de 1383-1385 em Fernão Lopes, Pero López de Ayala e Jean Froissart: a construção de uma narrativa histórica”. O meu campo de estudos centra-se na análise da construção de narrativas históricas em textos de pendor historiográfico-literário, numa abordagem marcadamente interdisciplinar e comparatista. Sou cofundadora do Grupo de Cronística da FLUP, grupo informal de investigação, que tem organizado eventos científicos bianuais dedicados à temática da cronística medieval.

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «Infantas, consortes, regentes, rainhas: O debate sobre o estatuto feminino na sucessão régia nas representações cronísticas de D. Beatriz (1373-1419)»

RESUMO: Uma grande questão atravessa a historiografia sobre a Idade Média: as mulheres poderiam herdar a coroa? Numa perspetiva interdisciplinar e comparatista, que articula história e literatura, analisaremos um dos temas mais debatidos da Idade Média: o estatuto feminino na sucessão régia e as suas representações nas crónicas de Fernão Lopes, Pero López de Ayala e Jean

Froissart. Partindo do caso da infanta D. Beatriz, que reclamou o trono português em 1383-1385, faremos uma reflexão sobre a perceção da mulher na política medieval, mais concretamente sobre o papel feminino na sucessão régia. Comparando três cronistas distintos no espaço mas próximos na cronologia, desejamos intuir, numa abordagem transnacional, denominadores em comum nesta questão, em distintos territórios do Ocidente medieval. Tendo como fonte textos histórico-literários, queremos entender a construção da imagem feminina nos jogos políticos do medievo, colocando as seguintes questões. As mulheres poderiam herdar a coroa? Ou transmitir o direito de sucessão ao filho varão primogénito? Poderiam exercer a regência em casos de menoridade ou ausência do rei? E em que medida essa regência equivaleria a um poder político efetivo na prática? As leis variavam conforme os reinos, ou existia uma teoria jurídica universal sobre o papel feminino na sucessão? Estudaremos qual o papel desempenhado pela cronística na construção das imagens e representações das personalidades femininas de poder, dentro do novo conceito historiográfico de *queenship*.

SARA SPERANZA (Universidad de Salamanca). Graduada cum laude en 'Lingue e Letterature Straniere' y licenciada cum laude en 'Lingue e Letterature Europee e Panamericane' por la Università degli Studi di Bergamo, dediqué ocho años a la enseñanza de la Lengua castellana en la Escuela pública italiana. Con un proyecto de investigación sobre la relación entre literatura y composición bandística contemporánea, actualmente soy doctoranda en Español: estudios avanzados en lengua y literatura, en la Universidad de Salamanca. En 2024, participé como comunicante en: el XX Congreso Internacional ALEPH "Monstruos, engendros y deformidades: Manifestaciones de la otredad natural e insólita en las literaturas y culturas del ámbito hispánico", celebrado en León; el II Congreso internacional de jóvenes investigadores en Literatura "Como el corte hace sangre: Violencia, palabra y traición en la literatura hispánica", en Vitoria-Gasteiz; el V Congreso Internacional "En los márgenes de la literatura: Malditos excesos", en Salamanca.

TÍTULO DE LA COMUNICACIÓN: «Producciones artísticas y obras literarias que inspiran la composición bandística contemporánea: una reflexión sobre la presencia femenina»

RESUMEN: Hoy día, la composición para banda de música cuenta con un número significativo de piezas inspiradas tanto en las artes, como en obras literarias

pertenecientes a los tres géneros lírico, épico y dramático. Pese a tratarse de un ámbito de estudio apenas abordado, tan solo una primera recopilación de dichas piezas musicales basta para destacar el importante desnivel entre la composición femenina y la predominancia de los compositores varones. De hecho, en nuestro estudio -dedicado precisamente a la recopilación y el análisis de piezas bandísticas contemporáneas inspiradas en las artes y la literatura- las compositoras encontradas se reducen a un total de tres: Kumiko Tanaka, Julie Giroux y Maxine Aulio. Asimismo, en lo que atañe a la fuente inspiracional, en aquellas composiciones bandísticas contemporáneas que reproducen al nivel musical obras artísticas o literarias solo en raras ocasiones se remite a creaciones artístico-literarias femeninas. Consideradas esas premisas, en la posible ponencia haría hincapié en los siguientes temas:

- la presencia de las mujeres en el mundo de la composición bandística contemporánea y su posible papel en la defensa de una composición femenina (es el caso, por ejemplo, del activismo llevado a cabo por Julie Giroux);
- la escasa difusión de los conocimientos sobre la producción artístico-literaria femenina: (también) de ello, en efecto, podría depender la presencia reducida en la composición bandística contemporánea de fuentes inspiracionales artístico-literarias creadas por mujeres;
- el posible papel activo -en el ámbito artístico, literario o social- de la mujer creadora de aquella obra artística o literaria que ha inspirado cierta composición bandística. Para la composición de *As a Wind from the North*, por ejemplo, James David trajo inspiración de *Chimes*, poema de Alice Meynall, quien fue una suffragette.

SÉRGIO NETO & CLARA ISABEL SERRANO

CLARA ISABEL SERRANO é Professora Auxiliar Convidada da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC). É investigadora integrada do CEIS20 e investigadora colaboradora do IHC. As temáticas às quais tem consagrado a sua investigação são o processo de construção política da União Europeia e a história política e cultural portuguesa, de finais do século XIX a meados do século XX. Nos últimos anos, em resultado das sucessivas reformas curriculares, tem, de igual modo, pesquisado as narrativas em mudança nos programas de história e nos manuais escolares (ao longo das últimas cinco décadas). É coeditora do livro

Revolution and (Post)War, 1917-1922. Spring and Autumn in Europe and in World (2024); e dos artigos “The edge of the ‘Stone Raft’. From euro enthusiasm to moderate scepticism in Portuguese History textbooks (2000-2020)”, na revista *Rubrica Contemporanea* (2023) e “Between Fascism and Conservative Authoritarianism. The Estado Novo regime in Portuguese History Textbooks (1975-2023)”, na *Revista de Historia Social y de las Mentalidades* (2024).

SÉRGIO NETO é Professor Auxiliar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) e investigador integrado no Centro de Investigação Transdisciplinar ‘Cultura, Espaço e Memória’ (CITCEM). Os seus principais temas de estudo são: a questão colonial numa perspetiva comparada; a história cultural e literária da Primeira Guerra Mundial e da Primeira República Portuguesa; a didática da história, com a análise de manuais escolares. É coeditor do livro *Revolution and (Post)War, 1917-1922. Spring and Autumn in Europe and in World* (2024) e autor de diversos artigos, como “Faith, Redemption and *Saudade*. Civil religion and the Sacred in Portuguese Theatre on the First World War”, na revista *First World War Studies* (2021); e “Portugal and the memory of the First World War in Africa” no livro *There came a time 2: Essays on the Great War in Africa* (2022).

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «Sombras, Cinzas, Vislumbres e Reflexos. Revisitando a literatura feminina portuguesa sobre a Primeira Guerra Mundial»

RESUMO: Acontecimento fundamental do século passado, a Primeira Guerra Mundial inspirou uma vasta produção literária, com alguns romances, memórias e poemas ainda hoje a pontificarem como obras-primas representativas de uma catástrofe capaz de projetar uma longa sombra nas décadas seguintes. Em Portugal, a problemática da literatura tem sido estudada, sobretudo, a partir do ângulo da *Renascença Portuguesa* e do modernismo liderado pelos de *Orpheu*. Menos conhecidos são os contributos de uma plêiade de escritores e escritoras que, sem romperem com as visões mais conservadoras ou se tornarem canónicos no modo como representaram os tempos e a guerra, acabaram por trazer a terreiro, ainda assim, avultada informação acerca do conflito. Por exemplo, tanto Florbela Espanca, quanto Virgínia Victorino, escreveram poemas sobre a mobilização ou o simbolismo do Soldado Desconhecido, ao passo que Lutgarda Guimarães de Caires e Plácida Osório publicaram mesmo diversos livros consagrados à temática. Esta comunicação, levando em consideração alguns exemplos oriundos de diversos géneros literários, pretende debater como a guerra foi representada por

uma série de autoras, boa parte das quais hoje esquecida. Serão objetivos primaciais discutir: a entrada na guerra; as representações da morte; os usos do passado (medieval e dos séculos XV e XVI); assim como se, uma vez finda a contenda, prosperou uma visão heroica ou pacifista e antiguerra. Ademais, tendo presente o arquétipo de Penélope, buscar-se-á perceber de que forma as autoras se enquadraram (ou não) nas formulações de Margaret Higonet, ou seja, como contribuiu a guerra para acelerar a participação das mulheres na sociedade e como terão estas reagido perante a sua instrumentalização pela propaganda – “como mães foram identificadas com a *mater dolorosa* e a nação, como enfermeiras eram irmãs”?

SOFIA CAVALCANTI is postdoctoral fellow at the Department of Humanities of the University of Macerata and adjunct professor of English Culture and Literature at the Department of Interpreting and Translation of the University of Bologna (Forlì campus). Following a strong interdisciplinary and transnational approach, her research focuses on material culture studies, diaspora and migration, and feminist theory applied to postcolonial women’s writing. Her publications include articles on Jhumpa Lahiri, Arundhati Roy, Anita Nair, feminist diasporic fiction, and transcultural YA fiction. She has recently published her first monograph entitled *Reading Things. Gender and Material Culture in Contemporary Anglophone Women’s Writings* (Bologna University Press, 2023). Currently, she has been working on a research project concerning gendered representations in modern environmental narratives and refugee literature.

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «Home cooking or the art of transnational survival. Reimagining female identity within the diasporic foodscape»

RESUMO: The absence of material culture, and its subtle evocation of home, is surely one of the most profound dislocations a diasporic subject might experience. As a particular materialization of diaspora, food plays a vital role in the process of homemaking in a foreign land, especially from a gendered viewpoint. Indeed, migrant women often bear the responsibility of creating transnational domestic environments that emulate a sense of home, thus easing the displaced family’s experience of “culinary nostalgia” (Mannur 2009), while simultaneously remaining uncomfortably anchored to a chimerical past. However, although food might complicate the diasporic women’s process of integration, little attention has been paid to its capacity to mediate and actively shape their way forward in the new

land. In my talk, I will examine the contemporary short story “A Down Home Meal for These Difficult Times” (2022) by Ethiopian-American writer Meron Hadero, exploring how diasporic food serves as a material and emotional companion for female migrants, enabling them to make sense of the new environment and envision a hopeful future. Using the framework of Material Engagement Theory (Malafouris, 2014) and insights from transcultural gender studies and migration studies, I will argue that the foodscape crafted by the two refugee women protagonists through their homemade meals instantiates a deliberate creation of a new sense of home, a constructive embrace of cultural hybridity, and an intentional reimagining of their gendered identities. In conclusion, displaced women resist marginalization and ensure individual and collective identity survival by mastering the art of home cooking as an ethics and practice of affirmation and care. Home-cooked food thus becomes a materially enacted metaphor that serves as catalyst for transcultural encounters, mutual healing, and profound self-discovery.

SÓNIA MARIA DA SILVA DUARTE é doutorada em História da Arte, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL); investigadora integrada do ARTIS - Instituto de História da Arte da FLUL; investigadora colaboradora do CESEM/NOVA - Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical da FCSH; e Professora de História da Arte e de História da Cultura e das Artes (Música, Dança e Teatro). Foi bolseira do Museo Nacional del Prado, para os estudos da pintura (2018) e bolseira do Ministério da Cultura, para os estudos da iconografia musical em Portugal. Mestre em Ciências Musicais - Musicologia Histórica e mestre em Educação Musical, incide a sua investigação nas imagens de música, mormente na retratística pintada em Portugal.

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «“Uma boca expressiva onde o riso desabrocha com os encantos de uma flor”: adjectivações, representações, e privações do feminino nos alvares do século XX»

RESUMO: A fortuna crítica, feita por homens, adjectiva D. Laura Sauvinet Bandeira (1876-1956) de mulher bonita, elegante, instruída, simpática, de lindos olhos verdes, com «uma boca expressiva onde o riso desabrocha com os encantos de uma flor» (*Sociedade Futura* 1903, 31) e tem-se ocupado dela enquanto discípula de José Malhoa. A história de D. Laura, podia ser a de Zoé Batalha Reis; a de Leonilda Molarinho Moreira de Sá; a de Emília dos Santos Braga; a de Julieta

Hirsch; e a de tantas outras mulheres, nos alvares do século XX. Através do retrato que o mestre eximamente pinta em 1888 (inventário Pin 48, Museu José Malhoa), D. Laura Sauvinet Bandeira é representada sentada com flores no regaço, não se percebendo que é uma mulher erudita, música, professora e boa pintora. É ela, aliás, a autora de um enorme contributo para o conhecimento da profissão de músico e de construtor de instrumentos musicais, em Portugal. Reporto-me especificamente ao retrato pintado de Ernesto Victor Wagner, professor da cadeira de instrumentos de latão no Conservatório Real de Lisboa (ANTT 1861), actividade que acumulava com a de construtor e de reparador de instrumentos (aerofones ou instrumentos de sopro), como muito bem documentara a pintora (não faltando, na composição, um pequeno retrato de Beethoven). Não se confrontasse a pintura com as fontes escritas - arquivos, epistolários, periódicos, etc. - D. Laura seria mais um vulto com «os encantos de uma flor». Esta podia ser também a história de Justina de Aldrey, que numa das muitas introspecções deixa que o bico molhado no tinteiro redija o seguinte: «[...] durante todo este ano passado, de Julho a Julho, pois já fiz um ano de casada [com Frederico de Freitas], nada tenho feito artisticamente, em vista do meu marido ter pensado inicialmente em me fazer desistir de todos afazeres musicais» (1954).

Grosso modo, esta comunicação apresentará um confronto de factos: o que se adjetivou e o que a iconografia legou (concretizada, maioritariamente, pelo universo masculino chegada à personagem retratada através de vínculos distintos) *versus* as privações que ocultaram - qual véu de Maia - o domínio de preceitos, como os da música e da literatura, que nunca se haviam disseminado de forma clara, objectiva e sistemática. O inventário de retratos assumirá, assim, o ponto de partida deste estudo exaustivo, nacional mas sempre acrescentável.

TÂNIA FURTADO MOREIRA é professora e investigadora de Literatura Portuguesa, Teoria e Estética Literárias, e Semiótica. Licenciada (2007), mestre (2013) e doutora (2021) pela FLUP, foi bolseira de Doutoramento da FCT (2015-2019). Em 2023, fundou a Sema Higgs, empresa de Semiótica aplicada ao mundo corporativo. Nos seus trabalhos de especialidade, contam-se, entre outros estudos, pesquisas de fundo sobre a Literatura Camiliana. Investigadora Integrada do CITCEM (U. Porto), colabora com a Cátedra CCB (U. Lisboa). É curadora e consultora científica das Comemorações do Bicentenário do Nascimento de Camilo Castelo Branco. Tem em vias de publicação *A Língua de Camilo* pela Imprensa Nacional.

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «Uma Mulher no *Inferno*»

RESUMO: Escrito a duas mãos por Maria Velho da Costa e António Cabrita, *Inferno* é o guião para uma trilogia cinematográfica de Alberto Seixas Santos que nunca chegou a ver as imagens em movimento, fosse na tela original do cinema, fosse no ecrã televisivo para onde haveria de se multiplicar. Condição material, vida sentimental, escrita e pulsão suicida são as temáticas que organizam o tríptico dramatúrgico que os escritores resolveram dar a lume após uma década sobre a encomenda propiciada pelo primeiro aniversário da morte de Camilo Castelo Branco. No *Inferno*, assistimos a uma mulher projectada sobre múltiplos espelhos, do público ao privado, do afetivo ao institucional, que protagoniza um combate intrépido com *o destino tecido pelos seus próprios caprichos*. Ana Plácido revela-se, então, uma imagem caleidoscópica, feita de materiais preciosos e resistente a renovados olhares.

TERESA MARTINHO TOLDY & RUI ESTRADA

RUI ESTRADA. Agregação em Estudos Literários pela Faculdade de Letras de Lisboa. Doutor em Teoria da Literatura pela Faculdade de Letras de Lisboa. Professor catedrático da Universidade Fernando Pessoa. Investigador integrado do CITCEM (Faculdade de Letras da Universidade do Porto). Prémio Pen Club Ensaio 2002. Vários ensaios, capítulos e livros publicados em revistas/obras nacionais e internacionais. CienciaVitae: A11B-EB0F-F87D. Orcid: 0000-0002-8076-6692.

TERESA MARTINHO TOLDY. Agregação em Estudos Sociais pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Doutora em Teologia. Professora catedrática da Universidade Fernando Pessoa. Investigadora integrada do CITCEM (Faculdade de Letras da Universidade do Porto). Vários ensaios, capítulos e livros publicados em revistas/obras nacionais e internacionais. CienciaVitae: C21B-CB0F-9C12. ORCID: 0000-0002-2299-3504.

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «Debates em torno dos feminismos ditos “radicais trans-excludentes”»

RESUMO: Existe atualmente uma tendência para centrar os debates em torno das questões de género em discursos identitários que, referindo-se a minorias, parecem constituir-se crescentemente como discursos alternativos aos feminismos que abriram caminho à possibilidade, sequer, de considerar relevante o direito à diversidade acompanhada do reconhecimento da igualdade de direitos

e de dignidade de todos – homens e mulheres. Estes debates, acesos na academia, traduzem-se também em discursos e em formas de normatividade no domínio político e institucional. Ora uma das questões que se coloca é precisamente a de saber se a reivindicação de identidades fluidas constituirá ou não uma outra forma de poder, já que é frequente traduzir-se numa reivindicação identitária que parece reduzir todo o debate acerca do género às reivindicações trans e, por outro, parece desvalorizar desigualdades de género persistentes no que toca aos direitos das mulheres. Esta comunicação pretende discutir a pertinência ou não dos feminismos ditos “radicais trans-excludentes” (cf. Judith Butler).

TIAGO OLIVEIRA (Oliv nome neutro). Licenciou-se em Biologia pela FCUP em 2019 e em Línguas, Literaturas e Culturas – plano monodisciplinar de alemão pela FLUP em 2024. Frequentou Introdução aos Estudos Feministas e Sociologia da Cultura como unidades curriculares opcionais durante a sua licenciatura em LLC. Participou na 1ª edição do Prémio Literário do Departamento de Estudos Germanísticos da FLUP. Os seus principais temas tratados incluem o papel do tópos da profetisa na literatura alemã e a representação em obras alemãs da masculinidade e virilidade fascista.

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «O canto de Ondina: como a mitificação da voz feminina na obra de Ingeborg Bachmann confronta o patriarcado»

RESUMO: Tendo como precursor um projeto realizado para a UC de Cultura Alemã Contemporânea, no ano letivo de 2022/2023, intitulado *O monstro marinho de Ingeborg Bachmann – ondina, os homens e o patriarcado*, pretendo realizar neste colóquio uma comunicação sobre a autora austríaca Ingeborg Bachmann (1926-1973) e uma das suas obras em específico: *Undine geht*. No final da segunda guerra mundial, Bachmann estava a um mês de fazer 19 anos. Assim, a autora inicia a sua vida adulta num território físico e psicológico focado na recuperação e reconstrução. A visão conservadora que predominava na Alemanha de Adenauer e dos Aliados impedia que o papel da mulher saísse do que era considerado a sua função biológica e o ideal feminino puro e inofensivo. Com o texto que pretendo expor, ocorre a rejeição e denúncia desses valores. Em vários momentos, expõe-se a forma como as mulheres são tratadas, mostrando-se vantajosa a marginalidade do monstro mítico. A voz denunciadora da ondina de Bachmann entra em oposição direta com as ideias impostas pelo patriarcado opressor, que coloca a mulher ao serviço do homem e o homem ao serviço do sistema. As

crianças são percebidas neste texto como instrumento limitador à vida tanto da mulher como do homem, os filhos tornam-se objetivo e razão da dedicação ao sistema e são vistos como vítimas dos homens e da estrutura social que está a ser criticada, ao estarem condenados desde a sua nascença a viverem nesta disposição de papéis e funções. Esta ondina oferece aos homens um mundo aquático onde o “eu” não é dividido, filtrado e selecionando segundo a sua utilidade, confrontando a sociedade capitalista e utilitarista. Esta criatura seduz com liberdade, introspeção e transcendência, afastando as imposições sociais e apagando as distinções entre indivíduos: a conquista de uma utopia ausente de binarismos onde o espírito é imortal.

VÍVIAN MARCELLO FERREIRA CAETANO é doutora pelo Programa de Pós-Graduação em História Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGHS-UERJ), com conclusão em 2021, e Mestre no mesmo programa em 2016. Licenciada em História pela UERJ em 2014. Possui experiência em organização de acervos arquivísticos, memória museal e cultura digital. Integra grupos de pesquisa no CNPq, como Dimensões do Regime Vargas (UERJ), Centro de Estudos do Oitocentos (CEO-UFF) e História, Poder e Ideias Políticas (FFP/UERJ). Sua principal área de atuação é a História do Brasil, com ênfase na História da Imprensa e Estudos de Gênero. Atualmente, é integrante do Laboratório de Estudos de Gênero e Subjetividades (LEGES-UFF) e realiza pesquisa de pós-doutorado no PPGH/UFF, com bolsa CNPq, investigando trocas culturais transatlânticas e o protagonismo das mulheres nas artes, literatura e imprensa.

TÍTULO DA COMUNICAÇÃO: «Vozes Femininas do Atlântico: a revista *Brasil Feminino* e o intercâmbio cultural feminista com a *Portugal Feminino*»

RESUMO: Este estudo analisa o intercâmbio cultural, literário e feminista entre as revistas *Brasil Feminino* e *Portugal Feminino*, destacando seu papel fundamental na construção de vozes femininas no Atlântico durante o século XX. Com ênfase na revista *Brasil Feminino* (1932-1937), sob a direção de Iveta Ribeiro que rompeu com a tradição de revistas dirigidas por homens (Perrot, 2015), criando um veículo "da mulher, para a mulher e pela mulher", o que representou uma forma de resistência à opressão. Inspirada pelo periódico *Portugal Feminino* (1930-1937), Iveta Ribeiro buscou ampliar os horizontes da publicação brasileira, fomentando um diálogo transatlântico que refletia também o espírito de intercâmbio cultural promovido pela diretora da revista, Maria Amélia Teixeira. No rodapé de várias

páginas de sua revista estava a frase: “Portugal Feminino é de todas as mulheres portuguesas e brasileiras”, que não só promovia um espaço de expressão para escritoras, mas também dava voz a figuras como Bertha Lutz, importante líder da primeira onda feminista no Brasil (Pinto, 2003). A partir da relação entre história e imprensa, pretendemos pensar as revistas como fontes e como objetos, por considerá-las formadoras e reprodutoras de opiniões e comportamentos sociais (Luca, 2013). A análise dos artigos femininos e a própria trajetória de Iveta Ribeiro nos permitem refletir sobre os significados e representações (Chartier, 1990) conferidos ao feminino e ao feminismo. A análise deste intercâmbio revela como esses periódicos se tornaram plataformas fundamentais para a expressão e resistência feminina, promovendo debates sobre direitos das mulheres, educação, trabalho e emancipação. Ao conectar escritoras, intelectuais e ativistas, as revistas criaram um diálogo que transcendeu fronteiras, reforçando uma identidade feminina compartilhada entre Brasil e Portugal. Assim, o trabalho evidencia a importância desses veículos para a construção de redes femininas transnacionais e o fortalecimento das lutas por igualdade de gênero no espaço público e literário.

WANDA COSME MONTALVO (Universidad de Puerto Rico en Bayamón) completó un bachillerato en Estudios Hispánicos en la Universidad de Puerto Rico, Río Piedras; una maestría en Literatura Española en New York University y un grado doctoral en Literatura Hispanoamericana en la Universidad de Puerto Rico, Recinto de Río Piedras. Es Catedrática Auxiliar en el Departamento de Español de la Universidad de Puerto Rico en Bayamón y es profesora del Departamento de Comunicación Empresarial en español en la Facultad de Administración de Empresas del Recinto de Río Piedras. Ha laborado como crítica literaria, reseñista, editora y correctora de pruebas y estilo de editoriales, revistas y periódicos de Puerto Rico. Desde el 2000 hasta el 2006 ejerció como crítica de libros para el periódico Diálogo de la Universidad de Puerto Rico. Es autora del libro *Nuevas coordenadas de la literatura puertorriqueña*, Isla Negra Editores, libro premiado por El Pen Club de Puerto Rico en el 2006 en la categoría de Ensayo. Además de publicaciones en revistas académicas y profesionales, es coautora de los libros colectivos *Antología poética y cultura humanista contra la violencia a la mujer*, Nicaragua, 2013, con el auspicio de la ONU-Mujer y de *Deshilos del costado*, poemas, 2003. *Gioconda Belli*

y los pos en la literatura centroamericana es el segundo libro que publica como autora sola.

TÍTULO DE LA COMUNICACIÓN: «Polarización, dualidades y dicotomías políticas y personales desde el crisol de los personajes femeninos de la novela *Un silencio lleno de murmullos*»

RESUMEN: En este trabajo se persigue analizar la deconstrucción y construcción de Valeria, Penélope y Eugenia, personajes femeninos principales de la novela *Un silencio lleno de murmullos* de la escritora nicaragüense Gioconda Belli. Se establecerá una analogía entre el destino, devenir y convergencia de los tres caracteres cuyas vidas se entrelazan directa e indirectamente en la España de la pandemia del 2020, con los acontecimientos políticos de la Nicaragua prerrevolucionaria, revolucionaria y posrevolucionaria de finales del siglo XX y primeras décadas del XXI. Se examinará cómo y por qué lo político, en su esfera pública, colectiva y social constituyó y marcó el destino de las tres mujeres en su dimensión íntima y personal en sus procesos de deconstrucción y construcción de sus identidades. El entrecruce entre lo público y privado se hila en la narración por medio del desarrollo de una serie de aspectos binarios. El binomio madre-hija triangulado entre Valeria/madre y Penélope y Eugenia/ hijas, junto con el binomio triunfo/fracaso revolución, ilusión/desilusión revolución y encierro/libertad dentro del contexto real y simbólico de la pandemia, conforman las dicotomías, dualidades y polarizaciones que marcan el ritmo narrativo de la obra y lo que representa la base de nuestro estudio. El discurso feminista y político que impera en la obra literaria de Gioconda Belli se manifiesta con agudeza en esta su última publicación. El objetivo descrito del análisis que realizaremos se enmarca en los discursos feministas dirigidos hacia la denuncia de la desigualdad existente entre hombres y mujeres como consecuencia del patriarcado y la invisibilización de la mujer de la esfera pública y social. Esa denuncia va acompañada de las luchas emancipadoras feministas en la que las mujeres se apropian de manera contundente de su espacio, voz y cuerpo rompiendo con estructuras tradicionales socioculturales dirigidas a definir a un sujeto femenino pasivo, incapaz y dependiente.